

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS  
Programa de Pós-graduação em Letras

Tiago Ruas Dieguez

**A CITAÇÃO DE ARTIGOS CIENTÍFICOS DE ALTO IMPACTO NO DIREITO:  
configuração e funções da referência ao discurso alheio sob um ponto de vista  
enunciativo-discursivo**

Belo Horizonte

2023

Tiago Ruas Dieguez

**A CITAÇÃO DE ARTIGOS CIENTÍFICOS DE ALTO IMPACTO NO DIREITO:  
configuração e funções da referência ao discurso alheio sob um ponto de vista  
enunciativo-discursivo**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Linguística e Língua Portuguesa.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Juliana Alves Assis  
Coorientador: Prof. Dr. Bertrand Daunay

Belo Horizonte

2023

## FICHA CATALOGRÁFICA

Elaborada pela Biblioteca da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

D559c Dieguez, Tiago Ruas  
A citação de artigos científicos de alto impacto no Direito: configuração e funções da referência ao discurso alheio sob um ponto de vista enunciativo-discursivo / Tiago Ruas Dieguez. Belo Horizonte, 2023.  
128 f. : il.

Orientadora: Juliana Alves Assis  
Coorientador: Bertrand Daunay  
Dissertação (Mestrado) - Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.  
Programa de Pós-Graduação em Letras

1. Redação acadêmica. 2. Publicações científicas. 3. Direito - Periódicos. 4. Fator de impacto. 5. Bibliometria. 6. Citações. 7. Análise de citação. 8. Escrita - Análise do discurso. 9. Enunciação (Linguística). I. Assis, Juliana Alves. II. Daunay, Bertrand. III. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Programa de Pós-Graduação em Letras. IV. Título.

CDU: 800.852

Tiago Ruas Dieguez

**A CITAÇÃO DE ARTIGOS CIENTÍFICOS DE ALTO IMPACTO NO DIREITO:  
configuração e funções da referência ao discurso alheio sob um ponto de vista  
enunciativo-discursivo**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Linguística e Língua Portuguesa.

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Juliana Alves Assis – PUC Minas (Orientadora)

---

Prof. Dr. Bertrand Daunay – Université de Lille (Coorientador)

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Adriana Fischer – FURB (Banca Examinadora)

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ev'Ângela Batista Rodrigues de Barros – PUC Minas (Banca Examinadora)

**Belo Horizonte, 6 de março de 2023.**

## AGRADECIMENTOS

A meus pais, por serem minha inspiração e meu apoio sempre.

A Juliana Alves Assis, minha professora na Graduação e na Pós-Graduação em Letras, minha orientadora de pesquisa na Iniciação Científica e no Mestrado, por quem eu tenho um carinho e um respeito enormes. Obrigado pelas várias leituras, sempre muito atentas. Obrigado pela confiança com que me abraçou desde o início da pesquisa. Não consigo imaginar minha formação sem a sua presença e sem a sua interlocução.

A Bertrand Daunay, coorientador da pesquisa na fase do Mestrado, a quem eu agradeço pela disponibilidade, pelas leituras e pelas sugestões. Foi especial sua abertura em dialogar, incentivando-me a ler sua teoria criticamente. Obrigado especialmente pela gentileza e pelo apuro com que me incentivou a melhorar o trabalho e a escrita desta dissertação.

Às professoras Adriana Fischer e Ev'Ângela Batista Rodrigues de Barros, pela participação na banca de defesa deste trabalho e pelas várias sugestões e comentários. Foi um privilégio contar com a leitura atenta de pesquisadoras que foram referência durante a pesquisa.

Aos membros do NELLF — Núcleo de Estudos em Linguagens, Letramentos e Formação, uma comunidade de pesquisadores que recebe a todos, mesmo aqueles que estão iniciando seus percursos acadêmicos. Obrigado pelos ensinamentos.

Gostaria de agradecer também às professoras Daniella Lopes Rodrigues, Jane Quintiliano Guimarães e Silva e Maria Angela Paulino Teixeira Lopes, por participarem de forma tão marcante nos meus estudos e na minha trajetória durante o Mestrado, nas várias disciplinas em que atuaram. Agradeço, ainda, às professoras Arabie Bezri Hermont e Ev'Ângela Batista Rodrigues de Barros, pela interlocução e pelas contribuições em outros trabalhos desenvolvidos durante as disciplinas. Finalmente, gostaria de agradecer à professora Priscila Campolina de Sá Campello, da área de Literatura e Tradução, quem sempre me recebeu com braços abertos em sua pesquisa.

A todos os funcionários da Secretaria do Programa de Pós-graduação em Letras da PUC Minas, por serem extremamente atenciosos, gentis e prestativos, auxiliando-nos sempre.

Agradeço, por fim, ao CNPq, por ser parte crucial para a realização de minhas pesquisas na Iniciação Científica. Também agradeço à Capes, por custear meus estudos durante o Mestrado. Com todas as dificuldades e com todos os desafios que enfrentamos nos últimos anos para realizar pesquisa e para trabalhar com ciência no Brasil, ambas as instituições viabilizaram materialmente meus estudos e minha pesquisa durante toda a minha formação.

## RESUMO

No âmbito da escrita acadêmico-científica, a referência ao trabalho de outros pesquisadores é um fenômeno recorrente e típico, um dos motivos por que tem servido como componente básico da criação de rankings ou índices bibliométricos sobre autores, periódicos e instituições. Contudo, considerando-se uma visão enunciativo-discursiva da referência ao discurso alheio, bem como a heterogeneidade inerente à atividade da linguagem, lança-se a hipótese de que a medição da produção acadêmica e científica através de índices de citação não revela a multiplicidade de aspectos da referência ao discurso alheio na construção do conhecimento científico, das culturas disciplinares e dos próprios sujeitos pesquisadores. Neste trabalho, estudo um *corpus* composto de 91 trabalhos citantes de 5 artigos científicos de alto impacto da área do Direito (periódicos Qualis A1), em que são analisadas as formas de referência, sua configuração textual e sua função na construção argumentativa dos autores, além da modalidade da gestão enunciativa entre a posição do autor citante e a do autor citado. Como resultado, identificou-se uma importante variedade de formas, modalidades da gestão enunciativa e funções das referências, bem como a existência de questões peculiares em cada um dos 5 grupos do *corpus*, tais como percentuais particulares de evocação, citação autônoma, autocitação e referência indireta. Além disso, houve variação importante da projeção de cada um dos 5 artigos ao se considerar a formação acadêmica dos autores, fossem eles iniciantes (em formação), fossem eles experientes (com doutoramento concluído). Os resultados da pesquisa oferecem, assim, um panorama significativo de aspectos da referência ao discurso alheio na cultura disciplinar de algumas subáreas do Direito, fornecendo também argumentos consideráveis que permitem questionar a eficácia de índices de produtividade e de qualidade baseados apenas em aspectos bibliométricos da citação.

Palavras-chave: escrita acadêmico-científica; gêneros acadêmico-científicos; discurso científico; referência ao discurso alheio; citação.

## ABSTRACT

Within the scope of academic-scientific writing, referencing the work of other researchers is a typical phenomenon, one of the reasons why it has served as a basic component in the creation of rankings or bibliometric *indices* on authors, journals and institutions. However, considering an enunciative-discursive view of the reference to other people's discourse, as well as the inherent heterogeneity of language activity, the hypothesis is that the measurement of academic and scientific production through citation indices does not reveal the multiple aspects of reference to other people's discourse in the construction of scientific knowledge, disciplinary cultures and researches themselves as persons. In this work, I study a *corpus* of 91 works that cite 5 high-impact scientific articles in the area of Law (Qualis A1 journals), especially analyzing the forms of reference, their textual configuration and their function in the authors' argumentative construction, in addition to the modality of enunciative management between the position of the citing author and that of the cited author. As a result, an important variety of forms, modalities of enunciative management and functions of references were identified, as well as the existence of peculiar issues in each of the 5 groups of the *corpus*, such as particular percentages of evocation, autonomous citation, self-citation and indirect reference. In addition, there was an important variation in the projection of each of the 5 articles when considering the academic background of the authors, whether they were beginners (in training) or experienced (with a completed doctorate). The results of the research thus offer a significant panorama of aspects of the reference to other people's discourse in the disciplinary culture of some subareas of Law, also providing considerable arguments that allow questioning the effectiveness of productivity and quality *indices* based only on bibliometric aspects of the citation.

Keywords: academic-scientific writing; academic-scientific genres; scientific discourse; reported speech; citation.

## RÉSUMÉ

Dans le cadre de l'écriture académique-scientifique, la référence aux travaux d'autres chercheurs est un phénomène récurrent et typique, l'une des raisons pour lesquelles elle a servi d'élément de base dans la création de classements ou d'index bibliométriques sur les auteurs, les revues et les institutions. Cependant, considérant une vision énonciative-discursive de la référence au discours d'autrui, ainsi que l'hétérogénéité inhérente à l'activité langagière, on peut supposer que la mesure de la production académique et scientifique par les index de citation ne révèle pas la multiplicité des aspects de référence au discours d'autrui dans la construction des savoirs scientifiques, des cultures disciplinaires et des sujets de recherche eux-mêmes. Dans ce travail, j'étudie un corpus composé de 91 travaux citant 5 articles scientifiques à haut facteur d'impact dans le domaine du Droit (revues Qualis A1), dans lequel j'analyse les formes de référence, leur configuration textuelle et leur rôle dans la construction de l'argumentation des auteurs, en plus de la modalité de gestion énonciative entre la position de l'auteur citant et celle de l'auteur cité. En conséquence, une variété importante de formes, de modalités de gestion énonciative et de fonctions de références a été identifiée, ainsi que l'existence de questions spécifiques dans chacun des 5 groupes du corpus, tels que des pourcentages particuliers d'évocation, citation autonome, autocitations et références indirectes. De plus, on observe une variation importante dans la projection de chacun des 5 articles en considérant le parcours académique des auteurs, quelle que soit leur formation, qu'ils soient débutants (en formation) ou expérimentés (avec un doctorat achevé). Les résultats de la recherche offrent ainsi un panorama significatif des aspects de la référence au discours d'autrui dans la culture disciplinaire de certains sous-domaines du Droit, fournissant également d'importants arguments qui permettent de questionner l'efficacité des index de productivité et de qualité basés uniquement sur les aspects bibliométriques de la citation.

Mots-clés : écriture académique-scientifique ; genres académiques-scientifiques ; discours scientifique ; référence au discours d'autrui ; citation.



## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Inconsistências no número de trabalhos citantes no Google Acadêmico.....	50
Quadro 2 – Dados gerais do <i>corpus</i> consolidado .....	52
Quadro 3 – Gêneros dos trabalhos citantes do <i>corpus</i> .....	52
Quadro 4 – Dados das revistas de alto impacto (Qualis A1) selecionadas .....	53
Quadro 5 – Dados dos artigos mais citados das 5 revistas Qualis A1.....	53
Quadro 6 – Dados dos autores de artigos mais citados .....	54
Quadro 7 – Formação acadêmica dos autores citantes em todo o <i>corpus</i> .....	55
Quadro 8 – Formação acadêmica dos autores citantes em cada trabalho do <i>corpus</i> .....	55
Quadro 9 – Dados das referências por grupo do <i>corpus</i> .....	56
Quadro 10 – Formação acadêmica dos autores citantes por grupo do <i>corpus</i> .....	56
Quadro 11 – Formação acadêmica dos autores, em cada trabalho, por grupo do <i>corpus</i> .....	57
Quadro 12 – Referências indiretas por grupo do <i>corpus</i> .....	57
Quadro 13 – Autocitação por grupo do <i>corpus</i> .....	58

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Formas de referência no <i>corpus</i> .....	59
Gráfico 2 – Formas de referência em trabalhos de autores em formação .....	60
Gráfico 3 – Formas de referência em trabalhos de autores com formação mista.....	61
Gráfico 4 – Formas de referência em trabalhos de autores especialistas .....	61
Gráfico 5 – Modalidades de referência em todo o <i>corpus</i> .....	63
Gráfico 6 – Comparação entre modalidades de referência e formação dos coautores .....	64
Gráfico 7 – Comparação entre formas e modalidades de referência no <i>corpus</i> .....	74
Gráfico 8 – Formas de referência no grupo AC01 .....	76
Gráfico 9 – Modalidades de referência no grupo AC01.....	77
Gráfico 10 – Formas de referência no grupo AC02 .....	82
Gráfico 11 – Modalidades de referência no grupo AC02.....	83
Gráfico 12 – Formas de referência no grupo AC03 .....	85
Gráfico 13 – Modalidades de referência no grupo AC03.....	86
Gráfico 14 – Formas de referência no grupo AC04 .....	88
Gráfico 15 – Modalidades de referência no grupo AC04.....	89
Gráfico 16 – Formas de referência no grupo AC05 .....	92
Gráfico 17 – Modalidades de referência no grupo AC05.....	92

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>13</b>
<b>2 BASES TEÓRICO-METODOLÓGICAS DA PESQUISA .....</b>	<b>20</b>
<b>2.1 O dialogismo como propriedade constitutiva da linguagem.....</b>	<b>20</b>
<b>2.2 A heterogeneidade marcada na construção do enunciado.....</b>	<b>22</b>
<b>2.3 A referência ao discurso alheio na escrita acadêmico-científica .....</b>	<b>24</b>
<b>2.4 A escrita acadêmico-científica e sua relação com a cultura disciplinar.....</b>	<b>25</b>
<b>2.5 A polifonia e a referência ao discurso alheio em uma perspectiva enunciativa .....</b>	<b>28</b>
<b>2.6 Formas de referência ao discurso alheio.....</b>	<b>32</b>
<b>2.7 Funções das referências ao discurso alheio .....</b>	<b>34</b>
<b>2.8 Autocitação .....</b>	<b>35</b>
<b>2.9 Modalidades da gestão enunciativa na referência ao discurso alheio.....</b>	<b>37</b>
<b>2.9.1 Do polo parafrástico .....</b>	<b>38</b>
<b>2.9.2 Da tendência à paráfrase.....</b>	<b>39</b>
<b>2.9.3 Do polo metafrástico .....</b>	<b>40</b>
<b>2.9.4 Da tendência à metáfrase .....</b>	<b>41</b>
<b>2.9.5 Da ambiguidade ou da indeterminação da postura enunciativa .....</b>	<b>41</b>
<b>3 METODOLOGIA.....</b>	<b>43</b>
<b>3.1 Orientação metodológica.....</b>	<b>43</b>
<b>3.2 Definição do corpus .....</b>	<b>44</b>
<b>3.2.1 Do indexador e do mecanismo de pesquisa do Google Acadêmico .....</b>	<b>46</b>
<b>3.2.2 Inconsistência dos índices bibliométricos gerados pelo Google Acadêmico ....</b>	<b>49</b>
<b>3.2.3 Descrição dos dados gerais do corpus .....</b>	<b>51</b>
<b>4 ANÁLISE DO CORPUS.....</b>	<b>59</b>
<b>4.1 Descrição e análise dos dados gerais do corpus .....</b>	<b>59</b>
<b>4.1.1 Descrição e análise das formas de referência no corpus.....</b>	<b>59</b>
<b>4.1.2 Descrição e análise das modalidades de referência no corpus.....</b>	<b>63</b>

4.1.2.1 Casos de paráfrase prototípica (p++) no corpus .....	65
4.1.2.2 Casos de tendência à paráfrase (p+) no corpus .....	67
4.1.2.3 Casos de metáfrase prototípica (m++) no corpus .....	68
4.1.2.4 Casos de tendência à metáfrase (m+) no corpus .....	69
4.1.2.5 Casos de indeterminação ou ambiguidade (p ou m) no corpus .....	72
<b>4.1.3 Comparação entre formas e modalidades de referência .....</b>	<b>73</b>
<b>4.2 Descrição e análise dos grupos do corpus .....</b>	<b>75</b>
<b>4.2.1 Grupo AC01 .....</b>	<b>75</b>
4.2.1.1 Dados gerais dos trabalhos citantes de AC01 .....	76
4.2.1.2 Análise dos trabalhos citantes e das funções das referências a AC01 ...	77
<b>4.2.2 Grupo AC02 .....</b>	<b>81</b>
4.2.2.1 Dados gerais dos trabalhos citantes de AC02 .....	81
4.2.2.2 Análise dos trabalhos citantes e das funções das referências a AC02 ...	83
<b>4.2.3 Grupo AC03 .....</b>	<b>85</b>
4.2.3.1 Dados gerais dos trabalhos citantes de AC03 .....	85
4.2.3.2 Análise dos trabalhos citantes e das funções das referências a AC03 ...	86
<b>4.2.4 Grupo AC04 .....</b>	<b>88</b>
4.2.4.1 Dados gerais dos trabalhos citantes de AC04 .....	88
4.2.4.2 Análise dos trabalhos citantes e das funções das referências a AC04 ...	89
<b>4.2.5 Grupo AC05 .....</b>	<b>91</b>
4.2.5.1 Dados gerais dos trabalhos citantes de AC05 .....	91
4.2.5.2 Análise dos trabalhos citantes e das funções das referências a AC05 ...	93
<b>4.2.6 Uma comparação entre os grupos do corpus .....</b>	<b>95</b>
<b>4.3 Da autocitação no corpus .....</b>	<b>96</b>
<b>4.4 Da referência indireta no corpus .....</b>	<b>99</b>
<b>4.5 Discussões sobre a categoria analítica das formas de referência.....</b>	<b>102</b>
<b>4.5.1 Discussões sobre a hibridação.....</b>	<b>102</b>

<i>4.5.2 Discussões sobre a reformulação</i> .....	<i>103</i>
<i>4.5.3 Discussões sobre a evocação</i> .....	<i>107</i>
<i>4.5.4 Discussões sobre a citação autônoma</i> .....	<i>110</i>
<i>4.5.5 Discussões sobre o empréstimo</i> .....	<i>111</i>
<b>4.6 Das modalidades da gestão enunciativa na referência ao discurso alheio</b> .....	<b>112</b>
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>118</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>122</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Durante minha pesquisa, realizada num primeiro estágio no programa de Iniciação Científica na Graduação em Letras e, atualmente, no Programa de Pós-graduação em Letras<sup>1</sup>, tive como objetivo principal estudar, a partir de uma perspectiva enunciativo-discursiva, o fenômeno da referência ao discurso alheio da escrita acadêmico-científica<sup>2</sup>, algo que se convencionou intitular genericamente, tanto nas áreas das técnicas bibliométricas como na da normalização da escrita, simplesmente citação, .ou seja, a menção expressa, em textos acadêmico-científicos à produção textual de outros pesquisadores.

Com efeito, embora no campo dos estudos linguísticos se perceba uma multiplicidade de formas de se referenciar o discurso alheio na escrita, sendo a citação propriamente dita (ou citação autônoma) apenas uma delas, é corrente o tratamento da referência, por outras áreas, como termo sinônimo de citação ou, quando muito, como faceta do mesmo fenômeno informacional ou comunicacional. Uma primeira definição dessas áreas pode ser conferida em documento da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT, 2002, p. 1), sendo a citação, segundo seus termos, toda “menção de uma informação extraída de outra fonte”. Como se vê, tal definição, oriunda do campo informacional e normalizador, caracteriza a citação como um expediente de extração de dados e manejo de informações a partir de fontes outras, não relevando o papel central do discurso alheio de outros autores nessa atividade.

No campo das técnicas bibliométricas, citação e referência são também termos tratados com certa relação de homonímia, como se vê em Foresti (1990), embora alguns autores compreendam os termos como expressões de facetas distintas de um mesmo ato comunicacional. Nesse sentido, por exemplo, Narin (1976, p.3, tradução nossa), para quem “a citação é definida como o reconhecimento que uma unidade recebe de outra: [já] uma referência é definida como o reconhecimento que uma unidade dá à outra”. Como vemos, a citação e a

---

<sup>1</sup> Tal pesquisa, iniciada em 2020, inseriu-se numa rede de esforços de investigação propostos especialmente em dois projetos de pesquisa; de forma geral, no projeto “Escrita acadêmica/escrita científica: das formas de presença do autor, do outro, das áreas de conhecimento e seus domínios disciplinares” e, mais especificamente, no projeto “A citação de artigos científicos sob um ponto de vista discursivo: vendo além dos índices bibliométricos de citação”, ambos conduzidos pela pesquisadora Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Juliana Alves Assis e realizados no âmbito da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas). Ambos os projetos se relacionam a vários trabalhos do Núcleo de Estudos em Linguagens, Letramentos e Formação (NELLF), que abriga pesquisadores de diferentes instituições e também engloba vários grupos de pesquisa, criando uma rede ampla, interdisciplinar e interinstitucional em torno das questões que se relacionam aos letramentos acadêmico-científicos.

<sup>2</sup> De forma semelhante a Assis (2015), tomo a expressão “acadêmico-científica”, neste trabalho, de modo a abarcar a escrita de sujeitos na condição de estudantes universitários, no âmbito das disciplinas e do currículo de sua formação, e a escrita de sujeitos na condição de pesquisadores, tanto aqueles que se encontram em etapas formativas, como os pesquisadores experientes, que já concluíram a etapa de doutoramento.

referência, nessa definição, são vistas mais como efeitos e como produtos informacionais, a depender do ângulo em que se analisa o fenômeno comunicacional.

Os estudos linguísticos, de todo modo, ofereceram panorama bastante diverso do fenômeno da referência ao discurso alheio, ao considerá-la uma das formas mais importantes de o autor construir seu posicionamento, seu pertencimento e suas negociações, participando de uma cultura disciplinar própria em que os sujeitos, pela atividade linguageira, constituem seu próprio campo discursivo e a si mesmos como integrantes desses espaços. É nesse sentido que a referência ao discurso alheio, aqui, é entendida não como uma técnica ou como um dado mensurável do fazer científico, mas como uma dinâmica que estrutura a enunciação e se revela nos enunciados dos sujeitos, encontrando suas raízes, seus fundamentos e mesmo suas limitações no interdiscurso (MAINGUENEAU, 1997; 2015), através de uma forte inter-relação entre o dizer alheio e o próprio discurso do autor, de modo que esse dizer exterior passe a integrar, com formas, posturas funções variadas, um posicionamento autoral.

Com essa visada enunciativo-discursiva, portanto, situada no estudo do enunciado e no funcionamento da enunciação, nas figuras ou instâncias enunciativas, bem como na relação dos sujeitos e de seu discurso com o dialogismo ou o interdiscurso do campo disciplinar científico<sup>3</sup>, podemos observar o fenômeno da referência ao discurso alheio com lentes bastante mais ampliadas, em que se considera a heterogeneidade intrínseca à prática linguageira.

Durante o trabalho, tomou-se como premissa o fato de que a bibliometria, área técnica de mensuração de índices de produção e disseminação do conhecimento científico (cf. ARAÚJO, 2006; CHUEKE; AMATUCCI, 2015; SANTOS; KOBASHI, 2009; SILVA; BIANCHI, 2001), expressa uma lógica cada vez mais presente de demanda produtiva e avaliativa dos pesquisadores, recaindo suas mensurações especialmente sobre as práticas de escrita e de publicação. Com a criação e a consolidação de índices bibliométricos baseados na citação de trabalhos acadêmico-científicos, como CiteScore, FI e h5, gerenciados, respectivamente, pelas bases Scopus, Web of Science e Google Scholar, tem-se criado uma visão hegemônica que relaciona, de forma bastante direta, a referência a um texto ao seu impacto positivo na criação do conhecimento científico, de onde também se origina a ideia

---

<sup>3</sup> Embora me refira, aqui, ao interdiscurso — o que evoca um conjunto de autores e teorias do campo da análise do discurso de linhagem francesa —, neste trabalho apoio-me principalmente nos conceitos de dialogismo, em de Volóchinov (2018a; 2018b; 2019) e Bakhtin (2011; 2016), e de heterogeneidade em Authier-Revuz (2012; 2015). A visada discursiva presente neste trabalho tem também como fundamento os estudos do fenômeno da referência ao discurso alheio no âmbito da escrita acadêmico-científica, considerando-se a forte inter-relação das práticas linguageiras e as culturas disciplinares em cada área do conhecimento.

bastante generalizada de que tal impacto significaria, invariavelmente, qualidade da produção científica.

De todo modo, a visão oriunda do campo cientométrico e das técnicas bibliométricas coloca-nos, no âmbito dos estudos linguísticos, questionamentos importantes. Afinal, os índices bibliométricos baseados na citação de trabalhos científicos passam, eles próprios, a integrar a esfera das atividades discursivas acadêmico-científicas, funcionando como um fator injuntivo no trabalho e na escrita dos pesquisadores. Vários estudos propõem-se a investigar os índices bibliométricos, questionando sua capacidade avaliativa da produção científica, mas também buscando enxergar a bibliometria em sua relação com a criação e a circulação de saberes, percebendo os efeitos dos índices sob ângulos não somente restritos à área cientométrica (cf. BARRETO, 2013; BICAS; ROTHER; BRAGA, 2002; COSTAS; BORDONS, 2007; HARO, 2017; KOMESU; ASSIS, 2022; MARQUES, 2013; THOMAZ; ASSAD; MOREIRA, 2011).

Efetivamente, uma análise estritamente cientométrica não chega a alcançar a compreensão de alguns fatores relevantes sobre a atividade discursiva que o autor realiza ao mobilizar a voz alheia pela referência, como indicam diversos estudos do discurso e da enunciação, bem como dos letramentos acadêmico-científicos<sup>4</sup>. Dentre as inúmeras motivações funcionais por que um pesquisador busca o texto alheio na esfera da atividade acadêmica ou de pesquisa científica, poderíamos sondar as seguintes: cita-se para construir um panorama conceitual?; para apresentar um argumento de autoridade?; cita-se para problematizar um ponto prévio?; ou para, posteriormente, negar uma afirmação que o texto alheio tematiza? Para além das funções que apresentam no discurso do autor citante, as referências poderiam ainda ser investigadas pelo ponto de vista do sujeito outro que se retoma pelo discurso. Ou seja: cita-se em razão de ser o pesquisador citado um autor considerado imprescindível na área?; cita-se em decorrência de alguma expectativa do campo disciplinar, de um orientador ou de uma revista especializada?

A pesquisa realizada busca, assim, auxiliar na investigação de uma questão primordial: ser um pesquisador “muito citado” significa necessariamente ter uma produção de qualidade e relevante? Questionar a composição dos índices e suas eventuais limitações parece ser uma tarefa necessária, na medida em que o componente bibliométrico é cada vez mais utilizado como referência para o fomento de atividades científicas, seja no âmbito da publicação, seja no

---

<sup>4</sup> Trabalhos que se inserem em abordagens variadas, mas que percebem a escrita como uma atividade em constante negociação com outros pesquisadores, instituições e campos disciplinares, de caráter interacional e retórico, bem como enunciativo e discursivo. Por exemplo: ANGERMULLER; HAMANN, 2019; AUTHIER-REVUZ, 2012, 2015; BARROS, 2021; BOCH; GROSSMANN, 2002; DAUNAY, 2020; DAUNAY; DELCAMBRE, 2017; HYLAND; 2003, 2004; HYLAND; SALAGER-MEYER, 2008; RODRIGUES, 2020.



âmbito da própria organização dos programas de pós-graduação (ARAÚJO, 2006; BARRETO, 2013; MUGNAINI; JANNUZZI; QUONIAM, 2004). Ao compreendermos melhor o funcionamento das referências a artigos considerados de alto impacto, é possível iniciar alguma resposta em direção a essa indagação principal.

Considerar o viés discursivo daquilo que a bibliometria encara genericamente como citação, implica, ainda, ultrapassar concepções que a enxergam como simples revelação das fontes de pesquisa, ou como um fenômeno que se produz unicamente pelo compromisso ético-legal dos pesquisadores em relação ao trabalho autoral precedente. Também, ao se considerar o viés enunciativo-discursivo do fenômeno da referência, tampouco nos limitamos a percebê-la como um componente básico do cálculo de *rankings* ou índices bibliométricos que aferem a produção acadêmico-científica. Enfim, fazer referência ao discurso alheio é uma atividade intrínseca à própria escrita, entendida como uma atividade linguística e linguageira em que os sujeitos e os objetos do dizer se constroem em interação.

Tomada como questão, portanto, a influência decisiva dos índices bibliométricos nas práticas discursivas acadêmico-científicas, bem como certa visão homogeneizante que essa área do conhecimento cria em torno da referência ao dizer alheio, parte-se, nesta pesquisa, da hipótese de que a referência revela uma importante heterogeneidade de formas, modalidades e funções na construção argumentativa e no posicionamento dos autores em seu texto. Além disso, uma análise qualitativa desse fenômeno pode revelar peculiaridade importantes das mais diversas áreas e campos disciplinares, criando uma compreensão das práticas e das injunções existentes no âmbito do discurso acadêmico-científico. Finalmente, a análise qualitativa da referência ao discurso alheio em um determinado campo do conhecimento — no caso desta pesquisa, no âmbito disciplinar do Direito — pode nos fornecer importantes conclusões sobre a inter-relação entre a escrita e as injunções presentes numa cultura disciplinar específica.

Na fase inicial desta pesquisa<sup>5</sup>, assim, propus-me a realizar o estudo do fenômeno da referência ao dizer alheio através de um recorte específico da área do Direito, construindo um *corpus* de 91 trabalhos acadêmico-científicos que faziam referência a 5 artigos científicos de revistas consideradas de alto impacto<sup>6</sup>. Naquele momento, foi possível realizar um

---

<sup>5</sup> Realizada no âmbito da Iniciação Científica (PIBIC/PIBITI/CNPq 2020-26863) com o título “A citação de artigos científicos: um enquadre discursivo sobre índices bibliométricos”.

<sup>6</sup> Nessa pesquisa, foram considerados “artigos científicos de alto impacto” os trabalhos mais citados de revistas qualificadas como A1 pelo sistema Qualis-Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) no quadriênio 2013-2016, ou seja, revistas científicas da área de Direito mais bem pontuadas nesse *ranking*. As revistas com tal pontuação são consideradas de excelência internacional, pois atendem a critérios de qualidade editorial e científica, bem como apresentam grande potencial de difusão e de popularidade.

levantamento detalhado de várias características do *corpus*, como tipos de publicação encontradas, períodos de publicação, dados sobre a formação dos autores, número de trabalhos citantes, número total de referências aos artigos de alto impacto, além da ocorrência de eventos como autocitações e referências indiretas. Além disso, a etapa inicial da pesquisa forneceu um panorama amplo sobre as diversas formas de referência ao discurso alheio, sua configuração textual e sua função na construção argumentativa do texto.

Já na pós-graduação, retornei ao estudo do fenômeno da referência ao dizer alheio no campo disciplinar do Direito, utilizando-me do *corpus* consolidado na etapa inicial, mas agora visando a estudar especialmente questões relacionadas à dinâmica da postura enunciativa dos autores nas referências. Além disso, concentrei-me na análise de grupos específicos do *corpus*, a fim de realizar um estudo prioritariamente qualitativo do fenômeno da referência ao discurso alheio, numa visada então menos voltada aos pressupostos e premissas do campo cientométrico e das técnicas bibliométricas, como fizera na primeira etapa, partindo, portanto, principalmente de uma abordagem própria dos estudos linguísticos e da linguagem.

Assim, tomou-se como objetivo geral, durante a pesquisa nesta última etapa, estudar, numa perspectiva enunciativo-discursiva, em trabalhos citantes de artigos científicos de alto impacto publicados em periódicos da área do Direito, os modos de configuração da referência ao discurso alheio, bem como sua função na construção argumentativa dos autores citantes. A fim de realizar esse objetivo geral, foram propostos os seguintes objetivos específicos: a) identificar e contabilizar os gêneros dos trabalhos citantes<sup>7</sup> (artigo, dissertação, tese etc.), bem como identificar a titulação acadêmica de seus autores (pesquisador em formação ou pesquisador especialista<sup>8</sup>); b) identificar e analisar as formas com que são construídas as relações textuais e discursivas entre os trabalhos citantes e os artigos científicos citados; c) identificar e analisar as modalidades, na enunciação, com que a voz autoral controla a gestão

---

<sup>7</sup> Neste trabalho, utilizo a expressão “artigos citados”, adotando também a sigla AC, para me referir aos 5 artigos científicos considerados de alto impacto tomados como ponto de partida para a consolidação do *corpus*. Embora seu texto tenha sido lido e cotejado durante a pesquisa, o foco de minha análise recaiu não sobre seu texto, mas sobre o texto de outros trabalhos que os citavam. Já a expressão “trabalhos citantes” se refere a todos os trabalhos acadêmicos ou de pesquisa, no total de 91, incluindo dissertações, teses, artigos científicos, publicações em anais etc. que fizeram referência a um dos 5 artigos científicos considerados de alto impacto. Assim, as cerca de 200 referências incluídas no *corpus* deste trabalho foram catalogadas e analisadas a partir do texto de 91 trabalhos citantes daqueles 5 artigos científicos de alto impacto.

<sup>8</sup> Considerou-se, na pesquisa, “autor em formação” aquele pesquisador que ainda não havia concluído o doutoramento à época da escrita do texto citante. Por sua vez, “autores especialistas” foram considerados aqueles com doutoramento já concluído à época. Além disso, considerando o fato de que muitos textos citantes foram escritos em coautoria, foi relevante distinguir, em relação a cada texto, o *status* da formação de seus autores considerados conjuntamente, razão por que foram catalogados os textos citantes, ainda, em “textos escritos somente por autores em formação”, “textos escritos por autores de formação mista” (em formação e especialistas) e “textos escritos somente por escritores especialistas”.

enunciativa com suporte em vozes alheias; d) finalmente, analisar as funções das referências aos artigos científicos citados, relacionando-as às formas de referência e às modalidades de gestão enunciativa do dizer alheio.

Apresento, a seguir, na seção 2, as bases teórico-metodológicas da pesquisa, ressaltando a centralidade, para a compreensão das práticas de referência analisadas, dos conceitos de dialogismo (BAKHTIN, 2011, 2016; VOLÓCHINOV, 2018a, 2018b, 2019) e de heterogeneidade constitutiva e marcada (AUTHIER-REVUZ, 2012, 2015), ou seja, a presença da alteridade na constituição dos discursos, tanto intrinsecamente, nas várias relações que estabelece com os demais discursos, como na superfície dos textos, através de expedientes em que se ressaltam de forma marcada a presença da voz alheia. Discuto, posteriormente, a presença da referência explícita ao discurso alheio especificamente na esfera acadêmico-científica como um de seus princípios organizadores e características definidoras, abordando também a temática da cultura disciplinar (HYLAND, 2004, 2012). Em seguida, realizo um percurso sobre os estudos da enunciação, com enfoque na construção de posições enunciativas e na polifonia (DUCROT, 1987; NØLKE; FLØTTUM; NORÉN, 2004), questões centrais na pesquisa e que fundamentam as categorias analíticas utilizadas. Apresento, posteriormente, as categorias de formas de referência e modalidades de gestão enunciativa, abordando também uma discussão a respeito das funções das citações, com apoio nos trabalhos de Daunay e Delcambre (2017), Daunay (2020) e Boch e Grossmann (2002).

A seção 3 deste trabalho é dedicada à descrição da orientação metodológica adotada e também à descrição dos dados gerais do *corpus* construído para análise, bem como a uma discussão referente às diversas inconsistências encontradas nas bases de dados utilizadas. Na seção 4, dedico-me à análise das referências encontradas, tanto em seu aspecto geral, como nas particularidades encontradas em cada um dos cinco grupos do *corpus*. Aponto, ainda, questões que sobressaíram na análise, como a presença particular de autocitação<sup>9</sup> e de referência indireta em alguns dos grupos do *corpus*, analisando também as inter-relações entre as formas de referência, as modalidades de gestão de vozes e a etapa de formação dos autores citantes. Ao

---

<sup>9</sup> Embora, neste trabalho, tenha preferido não utilizar o termo “citação” para descrever o fenômeno global da referência ao discurso alheio, considerando que a citação tem sido caracterizada como apenas uma de suas formas em certos trabalhos do campo dos estudos linguísticos (p. ex. BOCH; GROSSMANN, 2002; DAUNAY, 2020), optei por utilizar o termo “autocitação” para me referir aos casos em que os autores realizam uma referência a seu próprio discurso, independentemente de se tratar de uma citação propriamente dita (ou citação autônoma). Apesar de reconhecer que essa opção possa soar incongruente do ponto de vista metodológico, tomei-a em razão de o termo ser também bastante difundido e utilizado mesmo no campo dos estudos linguísticos. De todo modo, cabe a ressalva de que os termos “autorreferência” ou “autorreferenciação” poderiam ser mais adequados para descrever, no campo dos estudos linguísticos, o fenômeno.

final da seção, discuto os resultados encontrados e sua relação com as categorias analíticas das formas de referência e de modalidade da gestão enunciativa, refletindo sobre a tipologia adotada e o difícil enquadramento dos fenômenos estudados aos modelos prototípicos em razão de sua heterogeneidade. Nesse sentido, aponto a possibilidade de constante adaptação da tipologia, considerando-se o fato de que os *corpora* são variados, sendo heterogêneas, por natureza, as práticas languageiras neles implicadas. A seção 5, com as considerações finais deste trabalho, conclui o texto.

## **2 BASES TEÓRICO-METODOLÓGICAS DA PESQUISA**

Como já delineado anteriormente, o fenômeno da referência no domínio da escrita acadêmico-científica é entendido, nesta pesquisa, sob o ponto de vista enunciativo-discursivo, o que implica reconhecer o papel do autor na construção da polifonia em sua enunciação, bem como compreender que a escrita acadêmico-científica envolve a construção de saberes e dos próprios sujeitos no discurso. Nas subseções a seguir, apresento as bases teórico-metodológicas adotadas na pesquisa, especialmente apontando as questões do dialogismo e da heterogeneidade enunciativa, o discurso científico e a noção de cultura disciplinar, a polifonia e a construção de posições na enunciação e, por fim, a função, as formas de referência e as modalidades de gestão enunciativa na referência ao discurso alheio.

### **2.1 O dialogismo como propriedade constitutiva da linguagem**

Em nossas produções discursivas, não criamos ideias e expressões absolutamente novas, tampouco nos construímos como sujeitos de palavras exclusivamente nossas; pelo contrário, somos invariavelmente movidos pelo outro e pela palavra alheia, já carregados de sentidos, avaliações e pontos de vista. O dizer do outro nos mobiliza, nos afeta, nos interpela, sendo a referência primeira de nosso próprio discurso interior. Nesse processo de recepção, somos instados, apoiados, revigorados, modificados pelo discurso alheio.

Para os teóricos russos do Círculo de Bakhtin, que se debruçaram sobre o aspecto dialógico constitutivo da linguagem, o enunciado, e não as formas gramaticais, consubstancia a unidade central e se caracteriza como a própria realidade concreta da língua. O enunciado, segundo essa visão, é determinado tanto pela situação mais próxima de interação, compreendendo-se aqui o espaço, o tempo e os interlocutores na enunciação, como pela situação mais distante que abrange as diversas relações econômicas, políticas, sociais e históricas em uma dada coletividade (VOLÓCHINOV, 2018a).

Ponto crucial numa visão dialógica da linguagem, ainda, é a orientação social do enunciado (VOLÓCHINOV, 2019), a inter-relação sempre estabelecida entre os sujeitos, tomando-se em conta sua posição social, seu pertencimento a coletividades e classes sociais, ou seja, uma orientação que se faz presente no enunciado em razão de nossos pontos de vista e nossas avaliações, tributárias de nosso lugar na sociedade.

Tal orientação social, para Volóchinov (2019), não interfere na produção do enunciado como uma força externa, mas como força motriz interna, subentendida na enunciação, sendo

ela um dos principais fatores de organização estrutural do enunciado. Nas palavras do autor, “a situação social mais próxima e o meio social mais amplo determinam completamente e, por assim dizer, de dentro, a estrutura do enunciado.” (VOLÓCHINOV, 2018a, p. 206). Portanto, a orientação social, ao lado dos elementos determinados pela situação extraverbal mais próxima e mais distante, constitui a força estilística do enunciado e mesmo sua estrutura gramatical.

De forma semelhante, Bakhtin compreende a realidade da língua a partir dos enunciados orais ou escritos, enunciados concretos e únicos proferidos por sujeitos que integram um dado campo da atividade humana (BAKHTIN, 2016), sujeitos socialmente localizados e em inter-relação, portanto. Ao desenvolver a ideia de campos de atividade, Bakhtin (2016) trabalha a noção de gêneros do discurso, tipos relativamente estáveis de enunciado que refletem as condições específicas e as finalidades de cada campo da atividade humana. Embora o conceito de gênero discursivo tenha se popularizado a partir da obra de Bakhtin, Volóchinov (2019) também estuda o mesmo fenômeno, referindo-se aos vários tipos de comunicação social que organizam a estilística e a forma gramatical do enunciado, atribuindo-lhe uma estrutura típica, o gênero.

Como se pode ver, a concepção de língua e linguagem que perpassa os estudos filosófico-linguísticos do Círculo russo implica a noção do diálogo permanente com a alteridade — a palavra “diálogo”, aqui, tomada em sentido amplo, ultrapassando o conceito de diálogo como forma conversacional face a face. Para Bakhtin (2011, p. 331), as relações dialógicas não se limitam àquelas presentes nas réplicas de um diálogo real face a face, mas “são bem mais amplas, diversificadas e complexas”.

Volóchinov (2018a, p. 184) nos apresenta síntese bastante esclarecedora sobre as relações dialógicas que perpassam todo e qualquer enunciado: “todo enunciado, mesmo que seja escrito e finalizado, responde a algo e orienta-se para uma resposta. Ele é apenas um elo na cadeia ininterrupta de discursos verbais”. Como se vê, mesmo o enunciado cuja matéria verbal é escrita, em que a interação não ocorre face a face, insere-se num elo discursivo ininterrupto, mantém relações dialógicas.

Authier-Revuz (2012), por sua vez, estuda a noção de heterogeneidade enunciativa a partir dos trabalhos do Círculo de Bakhtin e apoiando-se também nas contribuições da análise de discurso francesa e, ainda, da psicanálise em Freud e Lacan. Rompendo com a ideia de um *eu* da subjetividade clássica, concebido como um interior autônomo que se coloca perante a exterioridade do mundo, o *eu*, para a autora, é um *eu* deslocado, que pertence a um lugar múltiplo e heterônimo, em que a exterioridade se encontra também no interior.

Para Authier-Revuz (2012; 2015), há uma heterogeneidade constitutiva, portanto, do próprio sujeito e de seu discurso, sempre marcado pela exterioridade em seu próprio interior. Assim, o discurso de um sujeito é o produto de um interdiscurso, de relações entre discursos, ou, para utilizar um termo do quadro bakhtiniano, do dialogismo ou das relações dialógicas.

Para além da heterogeneidade constitutiva de todo enunciado, também há situações em que o discurso alheio é incorporado de forma marcada ou mostrada no fio do discurso do sujeito, revelando-se de forma ainda mais acentuada, fenômeno que Authier-Revuz (2012; 2015) intitula heterogeneidade mostrada ou marcada, como detalho na seção a seguir.

## **2.2 A heterogeneidade marcada na construção do enunciado**

Se as relações dialógicas perpassam internamente a construção de todo enunciado, havendo, assim, uma heterogeneidade constitutiva na enunciação, há certas ocasiões em que a relação com a alteridade ou a heterogeneidade não se deixa somente subentendida, mas é evidenciada no enunciado, mostra-se no fio do discurso.

Em “Exposição do problema do ‘discurso alheio’”, Volóchinov (2018b) propõe-se a investigar as formas pelas quais um enunciado alheio é incorporado ao discurso de um sujeito, fazendo parte não só de sua temática, mas também de sua própria organização estrutural.

O sujeito, tendo percebido, compreendido, avaliado a palavra alheia, ao incorporar o dizer alheio em seu próprio discurso, não o fará impessoalmente, sem imprimir valoração, sua posição, seu tratamento particular. Ou seja, quando lidamos com o discurso alheio em nossa enunciação, não operamos somente com a sua reprodução, mencionando um conteúdo mecanicamente, mas também elaboramos, pela incorporação do dizer alheio, um próprio modo de dizer, a própria enunciação sobre outra enunciação. Nos dizeres de Volóchinov, (2018b, p. 219), “o ‘discurso alheio’ é o discurso dentro do discurso, o enunciado dentro do enunciado, mas ao mesmo tempo é também o discurso sobre o discurso, o enunciado sobre o enunciado”. Nessa inter-relação, para Volóchinov (2018b, p. 249), “o discurso alheio mantém a sua independência construtiva e semântica, sem destruir o tecido discursivo do contexto que o assimilou”.

Ao analisarmos essa dinâmica, podemos compreender que a palavra do outro, quando (re)tomada em outra enunciação, não é apenas um mero conteúdo — passa a integrar a própria estrutura do enunciado que a incorpora. Com isso se quer dizer que o discurso alheio, embora mantenha certa autonomia ao ser incorporado, integra-se à própria estrutura do enunciado daquele que o cita. Em tal procedimento de incorporação, são realizadas operações linguísticas,

é trabalhado o estilo e observada a composicionalidade da enunciação, ou seja, perfaz-se a enunciação de modo a que seu tema seja a própria referência ao discurso alheio, realiza-se o enunciado de modo a que a estrutura do discurso alheio conserve sua autonomia e também construa a própria estrutura da enunciação que o abriga.

De forma semelhante, Authier-Revuz (2012; 2015) aborda casos em que a heterogeneidade, para além de uma característica intrínseca a qualquer ato enunciativo, também se revela no discurso. Tal heterogeneidade mostrada intencionalmente no discurso atualiza ou representa uma negociação do sujeito com a heterogeneidade constitutiva do próprio discurso, é uma forma em que o sujeito, pelo discurso, dá parte da exterioridade que advém de discursos outros, negocia com vozes alheias na construção de sua própria enunciação. Como esclarece a autora (AUTHIER-REVUZ, 2012, p. 31-32), “as distinções operadas pelas formas marcadas de heterogeneidade mostrada relevam de uma relação de um ao outro, inscrita no comparável, no comensurável, na pluralidade.” Há, aqui, um reconhecimento explícito do sujeito quanto à exterioridade e quanto à heterogeneidade, trazida para o bojo de sua própria enunciação. Trata-se de uma representação, no discurso, das diferenciações e das disjunções pelas quais o sujeito e seu discurso se delimitam com os outros sujeitos e outros discursos, afirmando-se a figura de enunciador externo ao mesmo tempo em que se afirma o próprio sujeito da enunciação.

As formas marcadas da heterogeneidade são, assim, como salienta Authier-Revuz (2012), formas de desconhecimento da heterogeneidade constitutiva que o fazem pelo modo da denegação, ou seja, por uma negociação em que se dá algum lugar ao heterogêneo, reconhecendo-o, mas também negando sua onipresença. Finalmente, essa representação da enunciação alheia é também constitutiva da linguagem, mas em outro sentido: além do *eu* que se propõe como sujeito do discurso e que opera com o exterior, as formas marcadas de heterogeneidade mostrada dão reforço a esse *eu* por um mecanismo de comparação e exclusão em relação ao outro, criando-se rupturas e identificações com o *eu* da enunciação.

Como se vê, entender a incorporação do discurso alheio ou a heterogeneidade marcada no discurso pressupõe enxergar o sujeito em uma interação constante com outros enunciados e com a própria heterogeneidade de vozes e de discursos em sua enunciação. Sob essa lente ampliada, o que normalmente se intitula citação, no campo bibliométrico, deixa de ser uma mera operação textual e uma atuação autoral exclusiva, sendo uma atividade compreendida como processo dinâmico da ordem do discurso, cuja marca central é a alteridade, o dialogismo e a heterogeneidade.

Nesse sentido, a mobilização dos discursos de outros pelos autores é uma dinâmica complexa que envolve uma rede de práticas, negociações, regras de comportamento e rupturas



— dinâmica pouco compreensível em suas particularidades se se tomam como referência apenas os índices bibliométricos das citações. Ao fazermos referência ao discurso alheio, sempre argumentamos e assumimos alguma posição enunciativa. Desvelar como funciona essa dinâmica, em relação à referência a artigos de alto impacto na área do Direito, é o objetivo principal traçado nesta pesquisa.

### **2.3 A referência ao discurso alheio na escrita acadêmico-científica**

Considerar a escrita acadêmico-científica como objeto de estudo pressupõe ter em mente o fato de que os pesquisadores realizam suas práticas discursivas em um campo da atividade humana bastante específico — relembrando a terminologia utilizada por Bakhtin (2016), ou, nos termos de Volóchinov (2019), em tipos específicos da comunicação social —, em que se estabilizam certos gêneros discursivos, moldados e remodelados pela prática dos sujeitos e pelos discursos que os perpassam.

Tais gêneros discursivos, com seus temas, características composicionais e estilo são marcadamente influenciados pela inserção dos sujeitos na sociedade, e sobretudo em comunidades discursivas (MAINGUENEAU, 1997, 2015), em que há convergência de ideias, posições, julgamentos e pontos de vista, ainda que o espaço para o debate e para o confronto esteja sempre em aberto.

Trata-se, além disso, de um espaço de negociações e tensões entre as diversas posições assumidas pelos sujeitos: o acadêmico em formação, em sua escrita destinada à avaliação de professores; o pesquisador em formação, na escrita de gêneros em que se pressupõe um processo formativo, como na dissertação de mestrado ou na tese de doutoramento; o pesquisador experiente, ao escrever os resultados de uma pesquisa.

A escrita nos gêneros acadêmico-científicos apresenta, assim, em razão de sua especificidade como esfera da atividade humana, características próprias, dentre as quais podemos destacar, com suporte em Delcambre e Lahanier-Reuter (2015), a forte relação com outros textos, certo apagamento enunciativo e, paralelamente, a construção de uma postura autoral. Boch e Grossmann (2015) chamam a atenção para a forte presença da referência ao discurso alheio no âmbito acadêmico-científico, que se coloca muitas vezes como uma obrigação para os autores, através de uma negociação entre a voz autoral e as várias posições criadas na enunciação. Nesse sentido, o fato de que “citar o outro é [...] aceitar entrar em uma série de jogos que vão interferir na enunciação do autor”, como um “jogo de posições”, a estabelecer as posições argumentativas em que o autor se situa em relação à voz alheia; “jogo

de lugares”, em que se explicita a autoridade fundante do discurso citado, conferindo-lhe legitimação; “jogo de faces”, em que há tensões entre as figuras e as posições dos autores citantes e citados, considerando sua etapa formativa e sua especialização (BOCH; GROSSMANN, 2015, p. 284-285).

Especialmente no que diz respeito à escrita de acadêmicos em formação, Reuter (2015, p. 206) indica que o discurso teórico ou de pesquisa é fundamentalmente um discurso do outro, com o qual os pesquisadores iniciantes tomam contato de forma compulsória, impondo-se “deslocamentos consideráveis [...] em suas práticas languageiras e escriturais”. Delcambre e Lahanier-Reuter (2015, p. 225), por sua vez, destacam que “a aculturação dos estudantes em relação aos discursos universitários supõe que eles conseguem tecer em seus textos as relações entre seu próprio discurso e aquele que tomam emprestado de fontes variadas”. Questão central para essa aculturação — que, aliás, não se supõe concluída mesmo para autores mais experientes — é a gestão de uma voz autoral que dialoga e negocia com as demais vozes alheias.

Um fator importante, portanto, para a compreensão dos gêneros e dos discursos presentes na esfera da escrita acadêmico-científica é a presença constante da alteridade, materializada através de referências explícitas ao discurso de outros pesquisadores, algo que certamente define o campo e que revela especificidades daquilo que Grossmann (2015, p. 97) intitula a “macroestrutura do discurso científico”. De todo modo, apesar dessa constante presença da alteridade através da referência ao discurso alheio, é importante considerar a diversidade de práticas no domínio acadêmico-científico, sendo relevante estudar sua variação entre gêneros, línguas e culturas, paradigmas e disciplinas, bem como a variação possível dentro de um mesmo gênero e dentro de uma mesma disciplina (GROSSMANN, 2015).

Considerar esse duplo aspecto da variação evita que também percebamos os campos disciplinares como estáveis e padronizados, jogando luz sobre as diferenças de práticas, posturas e atividades discursivas que podem emergir num mesmo campo e num mesmo gênero do discurso.

#### **2.4 A escrita acadêmico-científica e sua relação com a cultura disciplinar**

No campo da atividade acadêmico-científica, em que há uma extensa rede de instituições, normalmente hierarquizadas e compartimentadas, bem como uma segmentação criada pela especialização de teorias e práticas em cada área do conhecimento, considerar a existência de uma cultura disciplinar é essencial para a compreensão das práticas languageiras dos estudantes e dos pesquisadores.

Como nos diz Hyland (2004, p.3), “o discurso acadêmico não é uniforme e monolítico, diferenciado meramente por tópicos e vocabulários especializados”, mas sim a concretização de várias práticas em que os sujeitos tomam em consideração um público específico, de uma disciplina particular em que os membros se reconhecem a partir de uma identidade compartilhada, ainda que numa arena em que a diversidade tenha lugar.

Para Maingueneau (2015, p. 46),

a existência de disciplinas está ligada ao fato de que a pesquisa é uma atividade arraigadamente cooperativa que — para além dessa ou daquela corrente ou escola — exige espaços sociais de partilha dos produtos científicos, das comunidades de pesquisadores (que não têm, aliás, o mesmo funcionamento nas ciências exatas e nas ciências humanas e sociais).

Segundo Hyland (2012), a tarefa de se conceituar as disciplinas e suas culturas pode se revelar problemática, não se atingindo um consenso sobre sua caracterização e sua amplitude. De formas as mais diversas, as disciplinas têm sido vistas como “conveniências institucionais, redes de comunicação, instituições políticas, domínios de valores, modos de investigação e bases ideológicas de poder” (HYLAND, 2012, p. 23, tradução nossa). Embora o termo apresente uma ampla possibilidade de leitura e tenha suas limitações, como reconhece Hyland (2012), é certo que o termo disciplina, no campo acadêmico-científico, permite considerar a ideia de práticas sociais relacionadas a sujeitos que guardam, em menor ou maior grau, uma identidade em relação a uma comunidade que compartilha valores e posicionamentos.

Para Barros (2021), há um conjunto de aspectos que definem a cultura disciplinar, sejam eles mais objetivos, como diplomas, cargos, ou reconhecimento institucional, sejam eles da ordem da subjetividade, como o sentimento de pertença, as expectativas e os interesses de pesquisa compartilhados.

Becher (1981) considera que há certas características de cada disciplina que as mantêm estáveis e mesmo resistentes à influência exterior. Tais características não decorrem somente de uma lógica epistêmica, uma vez que as disciplinas devem ser vistas como fenômenos culturais que reúnem um agrupamento de sujeitos com pensamentos afins, com códigos de conduta, princípios e valores compartilhados.

Considerando esses fatores, podemos falar em uma cultura disciplinar em que a escrita é entendida como prática constitutiva das próprias disciplinas e das áreas do conhecimento, influenciando como seus membros se relacionam, como se identificam tanto interna quanto externamente aos limites da comunidade, e, finalmente, participando crucialmente da forma como o conhecimento é construído por esses sujeitos (HYLAND, 2004).

Como esclarece Barros (2021, p. 2), “a cultura acadêmica prevê uma série de aspectos que ora aproximam e ora distinguem seus membros, e que são idiossincráticos a cada área do saber.” É justamente através dessas negociações, tensões e rupturas quanto às visões e posturas dos membros de cada disciplina que a escrita surge como fator elementar da criação de alianças, inter-relações e, da mesma forma, cortes e distanciamentos. É através da escrita que os membros de uma comunidade acadêmica, em oposição às demais áreas disciplinares, marcam-se como “insiders”, conhecedores das regras e das injunções de cada campo, daquilo que se pode dizer, que se deve dizer e que também, não se diz. A interação na escrita de pesquisa envolve um posicionamento tanto quanto aos temas e especialmente quanto aos pontos de vista compartilhados (HYLAND; SALAGER-MEYER, 2008).

Nesse sentido, os relacionamentos que os pesquisadores estabelecem em sua escrita com outros textos da mesma cultura disciplinar, aproximando-se da palavra alheia, configuram-se como fundamentais para que o sujeito se insira em uma determinada ordem discursiva, demonstrando lealdades às orientações compartilhadas no grupo (HYLAND, 2004). A referência ao dizer alheio torna-se então, numa perspectiva em que são consideradas as culturas disciplinares, um procedimento de ratificação em que o autor considera as expectativas do público, bem como as injunções e controles de cada campo (HYLAND, 2004). A referência explícita ao trabalho anterior de outros autores é vista, portanto, como “característica central da escrita de pesquisa acadêmica, ajudando os escritores a estabelecer uma estrutura epistemológica e social persuasiva para a aceitação de seus argumentos” (HYLAND, 2004, p. 22, tradução nossa).

Considerar o aspecto constitutivo da referência ao dizer alheio na cultura disciplinar acadêmico-científica possibilita compreender esse fenômeno para além de uma simples operação textual ou linguística. Trata-se de reconhecer como os pesquisadores se constroem como autores, na relação com os demais, pertencentes a uma comunidade específica. Por essas razões, considerar o aspecto disciplinar pode nos permitir enxergar a referência ao dizer alheio pelas lentes de um processo de interação social em que os sujeitos projetam sua voz autoral ao criar assimilações, tensões e distanciamentos na enunciação, produzindo o conhecimento científico, bem como seus objetos de estudo e suas posições de sujeito, através de práticas discursivas complexas e multifacetadas.

## 2.5 A polifonia e a referência ao discurso alheio em uma perspectiva enunciativa

Embora o campo dos estudos da enunciação seja diverso, com abordagens e conceitos distintos a respeito dos fenômenos da enunciação e do enunciado, é possível afirmar que existam traços comuns a todas as perspectivas e que podem caracterizar uma unidade disciplinar — a linguística da enunciação, como sustentam Flores e Teixeira (2015) —, em torno da qual releva a importância em “considerar o processo de instituição subjetiva na linguagem” (TEIXEIRA; FLORES, 2011). Na visão comum das várias abordagens teóricas desse campo apresenta-se, portanto, um interesse especial em estudar e evidenciar que a linguagem é sempre assumida por um sujeito, um rompimento epistemológico forte em relação à visão estruturalista sobre a língua, que a enxerga como um sistema combinatório apartado dos sujeitos que a empregam (FLORES; TEIXEIRA, 2015).

Embora uma atribuição formal de fundação do campo dos estudos enunciativos seja normalmente atribuída a Benveniste, Charles Bally (1965) também nos apresenta pontos importantes sobre a presença do sujeito na enunciação, especialmente ao estudar as diferenças entre o conteúdo do dito (ou *dictum*), pertencente no plano da oração e entendido como uma representação, e o modo como se diz (*modus*), ou seja, a operação do sujeito falante sobre o dito. O *modus* é “a [...] dimensão enunciativa, a essência da frase, a atitude do sujeito em relação a esse conteúdo” (FLORES *et al.*, 2009). A frase, nesse sentido, comporta não somente um conteúdo representativo — o que se diz —, mas uma atribuição, pelo sujeito, sobre esse conteúdo — sua avaliação modal (FLORES; TEIXEIRA, 2015).

Além disso, como esclarecem Flores e Teixeira (2015), devemos a Bally uma percepção importante sobre as possibilidades variadas de expressão do sujeito na enunciação: o fato de que o sujeito falante pode se expressar no enunciado de forma explícita (um *modus*, portanto, em que o sujeito da enunciação se identifica com o sujeito falante) e também a presença implícita do sujeito falante na enunciação (*modus* implícito).

Posteriormente, com Benveniste, temos por primeira vez um modelo de análise da língua que se volta diretamente à enunciação, de onde se pode afirmar seu lugar como marco nos estudos da área (FLORES; TEIXEIRA, 2015). Em todo o conjunto de textos publicados pelo autor, percebe-se uma preocupação constante com a confluência entre a dicotomia saussuriana língua *versus* fala. Se não se chega a propor uma quebra dessa dicotomia, adotando-a de algum modo, sua visão certamente é voltada para os mecanismos com os quais se passa da língua em direção à fala, relevando os aspectos enunciativos (FIORIN, 2017).

Centrando seus estudos no uso da língua e na subjetividade, Benveniste afasta-se de análises abstratas para buscar, na enunciação, as marcas pelas quais “na linguagem e pela linguagem [...] o homem se constitui como sujeito” (BENVENISTE, 1976, p. 286). Ao propor uma longa investigação sobre o exercício da língua, Benveniste insere, de forma definitiva, no centro dos interesses dos estudos da Linguística, os aspectos enunciativos e a figura do sujeito no enunciado (FIORIN, 2017).

Seguindo um percurso pelas diversas teorias da enunciação, Ducrot apresenta papel de destaque, embora, em seus estudos, o autor tenha dado centralidade à área da Semântica Pragmática, realizando um estudo de natureza fundamentalmente estruturalista (FLORES; TEIXEIRA, 2015). De todo modo, em “Esboço de uma teoria polifônica da enunciação”, Ducrot (1987) aprofunda-se na análise de aspectos importantes da presença dos sujeitos no enunciado, propondo-se a investigar e a desconstruir a concepção, corrente à época, da unicidade do sujeito falante, a tese tradicional segundo a qual cada enunciado possuiria apenas um sujeito autor. Com essa tarefa, problematizando-se a unidade do sujeito falante, insere-se no estudo da enunciação a existência de sujeitos vários, figuras enunciativas pertencentes ao discurso, no bojo de uma mesma enunciação. Nos dizeres de Ducrot (1987, p. 172), trata-se de “mostrar como o enunciado assinala, em sua enunciação, a superposição de diversas vozes”.

Ducrot elabora sua teoria tendo como ponto inicial o estudo de Bakhtin sobre a polifonia em Dostoiévski, cuja obra é considerada pelo teórico russo como fundadora de um novo estilo romanesco, o romance polifônico. Nele, segundo Bakhtin (2010), as vozes dos personagens possuem independência na estrutura da obra, como se soassem paralelamente à do autor. Mais que uma plurivocidade presente nos textos literários de modo geral, haveria na obra de Dostoiévski uma polifonia em que se fazem ouvir distintas vozes, sem que qualquer uma delas prevalecesse sobre a outra.

Com esse ponto de partida, Ducrot se propõe a analisar, nos estudos linguísticos e especialmente no campo da enunciação, a profusão de vozes, sujeitos e pontos de vista em um mesmo enunciado.

Embora os conceitos de enunciado e enunciação operados por Ducrot não coincidam exatamente com aqueles trabalhados no Círculo de Bakhtin, também temos com Ducrot (1987) que o enunciado, diferentemente da frase, é um produto da atividade discursiva, sendo a enunciação o próprio acontecimento discursivo do enunciado, a realização aqui e agora de um enunciado no plano do discurso. Tal como enxergavam os teóricos russos, a enunciação, para Ducrot, é um evento discursivo que se apresenta irrepetível, é sempre uma renovação da língua pelo discurso.

Afastando-se relativamente das concepções de sujeito e de ato abordadas pelo Círculo de Bakhtin, para Ducrot (1987), o estatuto e o estudo do sujeito empírico produtor de um enunciado não se mostraria relevante para o campo dos estudos da enunciação, na medida em que, pelo discurso, são criadas figuras enunciativas que ora assumem a responsabilidade pelo dito, ora expressam pontos de vista. É em relação a essas figuras — a do locutor, e seus desdobramentos, e a dos enunciadores — que se concentra Ducrot ao formular a teoria polifônica da enunciação.

De forma distinta do sujeito empírico que produz um enunciado, temos, a partir da ideia de polifonia enunciativa, a figura de um locutor, ser do discurso, “apresentado como seu responsável, ou seja, como alguém a quem se deve imputar a responsabilidade deste enunciado” (DUCROT, 1987, p. 182). O locutor, designado pelo *eu* da enunciação, distingue-se do sujeito empírico em situações diversas, ainda que eventualmente as figuras possam coincidir, como em um diálogo oral face a face.

Ao assumir a responsabilidade pelo dito, o locutor pode apresentar atitudes diversas, mesmo a negociação e a própria negação de sua responsabilidade através da relação com outras figuras enunciativas, a dos enunciadores. Para Ducrot (1987), portanto, as figuras dos enunciadores, ao integrarem a enunciação ao lado da figura do locutor, permitem que sejam expressados pontos de vista variados, posições e atitudes através das palavras. Em resumo, “o locutor, responsável pelo enunciado, dá existência, através deste, a enunciadores de quem ele organiza os pontos de vista e as atitudes” (DUCROT, 1987, p. 193). A posição própria adotada pelo locutor pode ser manifestada, assim, tanto porque se assimila à dos enunciadores, como porque se afasta do ponto de vista expresso por eles.

A teoria polifônica da enunciação proposta por Ducrot possibilita compreender a enunciação em sua multiplicidade de figuras e vozes, uma orquestração de vozes de instâncias enunciativas variadas. A partir dessa premissa, podem ser analisadas as referências ao discurso alheio pelo prisma da pluralidade de vozes na enunciação, seja em um contexto em que as vozes do locutor e dos enunciadores se assimilam, seja em situações em que, por modalizações e expedientes diversos, o locutor cria uma distância em relação à voz alheia presente na enunciação.

Finalmente, releva destacar aqui desenvolvimentos importantes sobre o conceito de polifonia no enunciado realizadas por um grupo escandinavo de pesquisadores, em uma teoria batizada ScaPoLine (*théorie SCAndinave de la POlyphonie LINGuistiqueE*). Segundo Nølke, Fløttum e Norén (2004), ainda que a ScaPoLine seja uma teoria de cunho estritamente linguístico, em que o objeto de estudo é, portanto, a língua, sua finalidade principal e último é

o de prever e explicar as interpretações dos enunciados e dos textos. Seu objetivo, de forma mais específica, é especificar as restrições condicionadas pela língua no que diz respeito ao gerenciamento de vozes, ou polifonia, associados à interpretação de enunciados.

Tomando como base os conceitos de polifonia de Bakhtin e de Ducrot, mas especialmente deste último, com a qual a teoria escandinava se alinha, a ScaPoLine propõe a análise das figuras do locutor, à semelhança do quadro ducrotiano, e reelabora a figura dos enunciadores, assumindo a existência de seres discursivos e de pontos de vista com os quais o locutor opera no enunciado (NØLKE; FLØTTUM; NORÉN, 2004).

Para a teoria escandinava da polifonia linguística, assim, um locutor (intitulado LOC) não constrói somente a figura indeterminada de enunciadores que apresentam pontos de vista, mas também a de outros objetos do discurso, especialmente a dos seres discursivos, que se colocam como possíveis fontes de pontos de vista específicos no enunciado (NØLKE; FLØTTUM; NORÉN, 2004).

Assim, temos no quadro dessa teoria a figura de um locutor (LOC), responsável pelo enunciado e pela construção do sentido, e quem faz a gestão enunciativa das vozes que compõem o enunciado (locutor-como-construtor). Os pontos de vista (pdv) são tratados, no quadro, como entidades semânticas compostas de uma fonte, de um julgamento e de um conteúdo: são, assim, uma fonte que julga o conteúdo. Finalmente, as fontes de julgamento em um ponto de vista podem ser identificadas com um ser discursivo (NØLKE; FLØTTUM; NORÉN, 2004).

Como vemos, o quadro da teoria polifônica escandinava é bastante tributário ao quadro polifônico de Ducrot, tomando-o como partida para a elaboração de uma terminologia e de um modelo de análises particulares, em que noções surgem ou são reelaboradas ou expandidas, como no caso de certo abandono da ideia de enunciadores para a assunção de um modelo que prevê várias imagens de seres discursivos e pontos de vista estudados também em uma tipologia própria.

Tal percurso pelas diversas abordagens da enunciação e, particularmente, do fenômeno da polifonia, oferece-nos uma visão geral das várias construções da subjetividade em relação com a alteridade, com a possibilidade de análise das marcas e, ainda, dos mecanismos de gestão, por um locutor, das vozes alheias incorporadas.



## 2.6 Formas de referência ao discurso alheio

Para aprofundar a análise das diversas formas com que os autores faziam referência ao discurso alheio, foi adotada, neste trabalho, tipologia baseada nos trabalhos de Bertrand Daunay e Isabelle Delcambre (2017), formulada a partir dos estudos de Françoise Boch e Francis Grossmann (2002) sobre as formas de referência ao discurso alheio<sup>10</sup>. A seguir, indico os cinco tipos utilizados nesta pesquisa, bem como apresento exemplos retirados do próprio *corpus*:

- a) **evocação**: caso em que o autor não incorpora exatamente o texto alheio de outro pesquisador em seu próprio discurso, mas apenas aponta ou alude a ele, sem trabalhar diretamente com seu conteúdo:

[nota ao final] 45 [...] Sobre o Judiciário e o MP, conferir CARVALHO, 2010; 2015; no que diz respeito à polícia, bem como ao arquivamento de ações penais em face de casos envolvendo violência policial, conferir ZACCONE, 2015.

*Identificação: CI021401, grifos nossos*<sup>11</sup>

No exemplo acima, percebemos que o autor apenas indica o discurso alheio, sem pretender explicá-lo, resumi-lo ou incorporá-lo.

- b) **citação autônoma**: caso em que o autor incorpora o texto do outro em seu discurso, destacando-o em um segmento autônomo no plano da enunciação, geralmente por aspas e itálico, além de outros recursos de diagramação como o recuo ou fonte especial:

Conforme destaca Henriete Karam:

[texto com recuo] Será somente no final do séc. XVIII, com a eclosão do movimento alemão denominado Sturm und Drang (tempestade e ímpeto), decorrente da oposição aos princípios preconizados pelo iluminismo francês e que dá origem ao Romantismo, que surgem os postulados estéticos que – a partir da noção de gênio, entendido como espírito criativo – irão dar destaque à ideia de que ‘a arte é arte como expressão de uma subjetividade incalculável e não mensurável por normas’<sup>17</sup>.

[nota de rodapé] <sup>17</sup> KARAM, 2017a, p. 1025 [...].

*Identificação: CI051102*

<sup>10</sup> Tal tipologia tem sido empregada e discutida em diversos trabalhos brasileiros, como por Matencio (2005), Rodrigues (2015, 2018), Bessa (2019), Leite e Mendes (2020), Barros (2021), dentre outros.

<sup>11</sup> O sistema de identificação das referências do *corpus* é explicado com detalhes na seção (3), “Metodologia”, subseção (3.2) “Definição do *corpus*”.

- c) **empréstimo**: referência semelhante à citação autônoma, porém em que o autor incorpora apenas uma palavra, uma expressão ou um sintagma do texto alheio em seu próprio discurso, marcando-os graficamente, geralmente por aspas ou itálico:

[...] Tais dispositivos tornam-se possíveis porque na prática o racismo funciona como uma “metarregra interpretativa da seletividade”<sup>43</sup> que articula, justifica e operacionaliza todo o sistema punitivo, tornando tangíveis as práticas de extermínio e violência de Estado contra negras e negros.  
[nota ao final] 39. CARVALHO [...].  
[nota ao final] 43. Idem, ibidem.

*Identificação: CI021604*

- d) **reformulação**: caso em que o autor incorpora o discurso alheio em seu próprio discurso, porém sem destacá-lo no plano enunciativo através de recursos gráficos como aspas, itálico ou outra marca de diagramação:

A sustentabilidade incorpora importante debate ambiental e de desenvolvimento, passou a ser o debate importante da sociedade local e sobre isso nos diz Garcia (2016) que a sustentabilidade decorre de sustentação, a qual, por sua vez, é relacionada à manutenção, à conservação, à permanência, à continuidade, e assim por diante. [...]

*Identificação: CI041301*

- e) **hibridação**: caso em que duas das anteriores formas se encontram mescladas, por exemplo:

- e.1) nas hipóteses em que o autor realiza reformulação e, ainda, incorpora no mesmo trecho uma palavra, expressão ou sintagma de forma marcada por aspas ou itálico, semelhantemente a um empréstimo:

[...] Salo de Carvalho enxerga nesse mecanismo um verdadeiro projeto de “criminalização da miséria”, onde a desumanização e o encarceramento em massa de jovens negros é apagado ou justificado com esse cenário de caos produzido pela mídia.<sup>44</sup>  
[nota de rodapé] <sup>44</sup> CARVALHO, 2015, p. 628

*Identificação: CI020301*

No exemplo acima, percebemos, de modo geral, uma reformulação, porém o autor recorre à incorporação da expressão “criminalização da miséria”, marcando-a graficamente através de aspas, à semelhança de um empréstimo.

- e.2) nas hipóteses em que o autor realiza reformulação de texto alheio e, além disso, incorpora trecho literal, em um segmento autônomo no plano da enunciação, semelhantemente a uma citação autônoma:

[nota de rodapé]<sup>53</sup> [...] por meio de ampla pesquisa empírica realizada com editais aplicados entre 2001 e 2010, demonstrou-se que os concursos não selecionam “nem os melhores profissionais experimentados, nem os melhores egressos do sistema de ensino”; antes, são recrutados os que têm mais sucesso na feitura das provas, especialmente nas fases de questões de múltipla escolha (FONTAINHA *et al.*, 2015, p. 693).

Identificação: CI031303

Acima, é possível também perceber uma reformulação, porém o autor recorre à incorporação de longo trecho tal como utilizado pelos autores referenciados, marcando-o graficamente através de aspas, à semelhança de uma citação autônoma.

O uso dessa tipologia ofereceu, durante a pesquisa, a possibilidade de análise de todo o material do *corpus* com base na forma com que as referências surgiam nos textos dos autores, indicando já uma grande variedade de formas da presença da palavra alheia nos trabalhos. Porém, foi importante observar que mesmo esse critério da forma da referência não permitia elucidar totalmente suas funções e particularidades, uma vez que subsistia uma importante heterogeneidade de usos e funções em cada uma das formas encontradas.

Além disso, devemos tomar em conta o fato de que a classificação de formas pode apresentar dificuldades, sobretudo quando se trata de uma análise realizada somente com acesso ao texto do autor citante. No caso desta pesquisa, como as referências foram cotejadas com o texto dos autores citados, essa percepção tornou-se ainda mais nítida, revelando casos que não se amoldam perfeitamente à descrição dos tipos, algo que aponto com mais detalhes na seção reservada à análise.

Finalmente, estudar e descrever as formas das citações implica considerar as limitações de um estudo unicamente formal desse fenômeno, em que suas funções não se revelam claramente. Recorrendo à observação de Compagnon (1996, p. 66), “as funções, estas são essencialmente variáveis segundo os sistemas, estabelecem-se em um regime de discurso que decide seu destino: são práticas efêmeras e empíricas para as quais não há catálogo exaustivo possível”.

## 2.7 Funções das referências ao discurso alheio

Além das formas de referência, a descrição das funções que Boch e Grossmann (2002) encontraram em sua análise de *corpora* revelou-se importante como ponto de partida para esta pesquisa. Segundo a análise desses autores, as funções principias encontradas nas referências realizadas pelos especialistas foram: a) introduzir pontos de vista; b) marcar o pertencimento a uma corrente; c) servir para referir-se a um trabalho e para traçar uma problemática a ser discutida; d) fundamentar uma afirmação; e) discutir alguma afirmação, retomando-a e

afastando-se dela posteriormente (BOCH; GROSSMANN, 2002). No que diz respeito às funções das referências feitas por autores em formação, Boch e Grossmann (2002, p. 103) identificaram que “os estudantes atribuem também um certo número de funções ao discurso do outro, mesmo se, de um modo geral, as funções parecem ser menos variadas”. Se, de um lado, os autores em formação “se apoiam frequentemente no dizer do outro, para fundamentar uma afirmação, para introduzir seu ponto de vista, ou para sustentar uma definição” (BOCH; GROSSMANN, 2002, p. 103), não foram encontradas, no *corpus* analisado pelos autores, situações em que os autores em formação marcassem de forma clara seu pertencimento a uma corrente, por exemplo. O que chamou a atenção, na análise realizada por Boch e Grossmann, foi o fato de que os autores em formação recorriam à voz alheia também em outras funções diversas, como para justificar comportamentos ou estratégias.

A análise desses dados deve considerar, de toda forma, os gêneros analisados pelos autores em sua pesquisa, na medida em que os textos de autores especialistas eram artigos científicos publicados em revista especializada na área de Linguística, ao passo que os gêneros produzidos pelos autores em formação eram relatórios de estágio, circunstâncias que certamente influenciam a relação com o dizer alheio.

Devemos novamente considerar, nesse ponto, as observações de Compagnon (1996), compreendendo que as funções das citações não se explicam numa análise de cunho apenas formal, sendo inviável a realização de um rol exaustivo. Trata-se de análise de cunho qualitativo, em que se percebe, caso a caso, a relação discursiva entre as vozes citante e citada.

## 2.8 Autocitação

Bastante atenção tem sido conferida ao fenômeno da autocitação em instrumentos de normalização e na esfera de manuais sobre a escrita acadêmica, porém normalmente com um enfoque acentuado sobre as consequências do denominado “autoplágio”.

Segundo essa visão, e embora se reconheçam particularidades legais em relação ao plágio, o autoplágio seria, basicamente a “apresentação de conteúdo próprio em situações distintas” (KROKOSZ, 2015, p. 36) sem menção expressa da operação pelo autor. Ainda, como se pode perceber em certos manuais de normalização (PUC MINAS, 2019), o autoplágio, caracterizado pelo recorte literal de um trecho de texto já publicado e inserido em novo contexto sem indicação explícita acerca dessa reinserção, seria uma prática a ser evitada, recomendando-se, nesses casos, a marcação do segmento textual com recursos gráficos de recuo ou aspas a fim de indicar que pertenceria originariamente a outro texto do mesmo autor.

Subjacente a essa visão pode-se imaginar uma forte orientação em que o texto é visto como produto final de uma atividade intelectual, portanto, passível de propriedade e de resguardo, embora, quanto ao chamado autoplágio, haja, na verdade, certa ideia de resguardo da comunidade científica e mesmo do leitor do texto, a quem supostamente o autor teria uma obrigação, se não legal, ao menos ética em informar a cópia do texto anterior.

Trata-se mesmo de uma representação bastante comum de que o texto do pesquisador deva ser necessariamente autoral, inédito ou original. Aliás, é o que podemos presumir ao analisar, por exemplo, a recomendação veiculada em manual de normalização de que “o uso excessivo de citações [...] é a reprodução de conhecimentos já consolidados, é uma cópia da ideia de outros, deixando-se de criar novos conhecimentos, com críticas, argumentações e opiniões próprias (PUC MINAS, 2019, p. 103).

Desse quadro, podemos perceber a existência de uma diretriz bastante limitadora da prática de autocitação, sobretudo quando se considera a literalidade do texto incorporado. Nesse sentido, parece haver uma sinalização para que a autocitação seja preferencialmente realizada como evocação ou, quando muito, se se tratar de uma citação autônoma, deva ser marcada claramente por aspas, itálico ou recuo do texto, bem como com a referência ao texto anterior.

Além dessas questões referentes à autocitação vista como possível forma de autoplágio, ela também tem sido “frequentemente condenada como vaidade e autopromoção” ou, ainda, uma prática realizada na lógica de um sistema que recompensa o ato de se fazer uma referência (HYLAND; JIANG, 2018, p. 4, tradução nossa).

Apesar de todas essas visões de caráter limitador ou mesmo negativo, a prática de autocitação tem sido largamente utilizada pelos autores, sobretudo quando se considera um aumento significativo da escrita em coautoria (HYLAND; JIANG, 2018). Segundo Fischer *et al.* (2021, p. 286), que estudaram o fenômeno da autocitação em um *corpus* de artigos da revista Nature, “as autocitações têm sido utilizadas [...] como forma de divulgar trabalhos de pesquisa que foram elaborados seguindo padrões da área”. Como ressaltam Hyland e Jiang (2018), fazer referência a trabalhos anteriores, com ou sem coautoria, é da própria natureza da pesquisa, uma prática social que apresenta aspectos cumulativos.

Uma visão que busque analisar não o texto em si, mas as práticas discursivas que culminam com a produção dos textos, pode revelar, portanto, motivações variadas para a ocorrência de referências a trabalhos próprios anteriores. Certamente, revela que a referência a um trabalho anterior, próprio ou alheio, é também uma prática em que os sujeitos não somente reproduzem conhecimentos, mas os criam, em constantes negociações, aproximações e rupturas.

## 2.9 Modalidades da gestão enunciativa na referência ao discurso alheio

Durante a pesquisa e a análise do *corpus*, ao serem comparadas referências que apresentavam uma mesma forma e configuração textual, ainda era perceptível a heterogeneidade quanto às posturas enunciativas dos autores, ou seja, o modo como realizavam a gestão das vozes em sua enunciação, tal como estudado em Daunay e Delcambre (2017) e Daunay (2020).

Portanto, faz-se necessária uma análise ainda mais apurada de cada ocorrência de referência ao discurso alheio, considerando-se não somente sua forma, mas também o modo como se relacionavam as vozes do autor e as vozes alheias referidas.

Nessa linha, além das formas de referência ao discurso alheio, outra importante categoria analítica é a das modalidades de gestão enunciativa do dizer alheio, consideradas, aqui, as contribuições de Daunay (2020) e Daunay e Delcambre (2017).

Ao tratarmos unicamente da forma da referência, podem sobrelevar na análise aspectos mais relacionados à materialidade do texto, seus aspectos internos e a marcação realizada pelos autores — como o uso de aspas, itálico, recuo, segmentação autônoma etc. Por sua vez, numa análise voltada à identificação das modalidades das referências, busca-se especificar, sobretudo, de que forma o autor gerencia as vozes ao se referir ao discurso alheio em seu próprio discurso.

Ao lidarmos com a palavra alheia, necessariamente assumimos uma postura, colocamos-nos de um modo em que nossa própria voz pode surgir mais destacadamente ou, ao contrário, de forma menos proeminente em relação à voz alheia. Assim, uma análise da posição enunciativa do autor pode ser feita num eixo cujos polos são, a um lado, a dependência do discurso próprio em face do discurso alheio e, de outro, a autonomia do discurso próprio em relação ao discurso alheio (DAUNAY, 2020).

Se a enunciação própria tende à assimilação em face do discurso alheio, ou seja, se ela é dependente dele, temos a prevalência, no plano enunciativo, da palavra alheia. A voz alheia surge, então, mais clara, fazendo desvanecer a voz própria do locutor que a integra em seu discurso. Assim, temos uma modalidade de gestão da palavra alheia chamada “paráfrase” (o prefixo grego *para-* indicando, aqui, paralelismo, proximidade). (DAUNAY, 2020). Por sua vez, quando o discurso próprio tende à autonomia, a palavra alheia é assumida pelo locutor que, assim, dirige o diálogo de vozes, daí por que se trata de uma gestão enunciativa intitulada “metáfrase” (o prefixo grego *meta-* indicando, nesse contexto, posterioridade ou distância) (DAUNAY, 2020, p. 366). Poderíamos visualizar, assim, na gestão do discurso alheio, um eixo ou um contínuo cujos polos são uma “postura de invisibilidade” do autor que convoca vozes

alheias e, na outra ponta, uma “postura de visibilidade” do autor que, ao convocar vozes alheias, ainda controla, em sua figura, a enunciação — paráfrase e metáfrase, respectivamente.

Ambas as posturas são ativas, é certo, são responsivas ao discurso alheio, porém com efeitos de sentido bastante diversos. Por esse motivo, aliás, são importantes para esta pesquisa, já que se encontram relacionadas com a própria função da referência ao texto alheio e com os efeitos de sentido criados nos textos dos autores.

Além disso, deve-se considerar, conforme pondera Daunay (2020, p. 375), que “a determinação da dimensão metafrástica ou parafrástica dos enunciados depende, evidentemente, da interpretação e da intuição do pesquisador”, ou seja, uma análise como tal não se realiza de modo objetivo, comportando, ao contrário, níveis razoáveis de subjetividade, pois o analista tem diante de si vários traços textuais e questões enunciativo-discursivas que acenam ora para a metáfrase, ora para a paráfrase. Considerando essa realidade empírica, Daunay (2020) e Daunay e Delcambre (2017), ao analisarem *corpora* de referências ao dizer alheio, se utilizam de gradações, classificando a postura enunciativa conforme uma escala ou um contínuo:

P++ = o que é claramente uma paráfrase (o discurso de outrem rege a enunciação)  
 P+ = o que tende à paráfrase  
 P ou M = o que é indeterminável  
 M+ = o que tende à metáfrase  
 M++ = o que é claramente uma metáfrase (o discurso do escritor rege a enunciação)  
 (DAUNAY, 2020, p. 372)

Trata-se de gradação que visa a perceber posturas não exatamente prototípicas, mas apenas tendentes a um ou a outro polo do contínuo, bem como a dar conta de situações em que não há, em razão da multiplicidade de marcas, como se decidir claramente por uma postura de assimilação do discurso próprio ao alheio, com “invisibilidade” do locutor que convoca vozes distintas, ou por uma postura de assunção do discurso alheio, em que o locutor que mantém sua “visibilidade” e faz predominar sua própria voz na enunciação.

### **2.9.1 Do polo parafrástico**

Na modalidade de incorporação do dizer alheio qualificada como paráfrase, ocorre uma predominância, no plano enunciativo, da voz do autor cujo discurso é incorporado ou aludido, ocorrendo, assim, um efeito de silenciamento ou de apagamento da voz do próprio autor citante (DAUNAY, 2020).

Tal modalidade é bastante perceptível nas reformulações do dizer alheio, embora não seja exclusiva delas e tampouco nelas ocorra de forma obrigatória. Em Boch e Grossmann (2002, p. 100), por exemplo, temos a definição de reformulação como uma forma de incorporação que “permite ao escritor integrar a fala do outro em seu próprio dizer, assumindo-a do ponto de vista enunciativo”. Ou seja, percebe-se que a reformulação, muitas vezes, pode não exatamente gerar um efeito de apagamento da voz do autor, mas o de uma assunção em que a voz própria pode permanecer mais evidente.

Como exemplo de paráfrase prototípica, podemos apontar a seguinte referência do *corpus*, em uma reformulação:

<p>[...] Os concursos públicos, de uma forma geral, não têm avaliado nos candidatos critérios importantes para o desenvolvimento das atividades institucionais, mas sim funcionado hermeticamente, autorreferenciado, em que o que se aprecia é a aquilo que o próprio certame elenca como legítimo e relevante (FONTAINHA et. All., 2015).</p>
-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

*Identificação: CI030601*

Como vemos, há uma assimilação irrestrita, no plano enunciativo, da voz do autor diante da voz alheia convocada, com um efeito de prevalência da voz alheia sobre a voz própria, que se apaga enunciativamente. Considerando o efeito de apagamento da voz do autor que faz a referência e a prevalência da voz do autor cujo discurso é incorporado, o exemplo é categorizado, seguindo a tipologia proposta por Daunay (2020), como paráfrase prototípica (p++).

### **2.9.2 Da tendência à paráfrase**

Em alguns casos, de toda forma, mesmo numa relação parafrástica é possível perceber que o autor se utiliza de expressões ou marcas que indiciam certa gestão do plano enunciativo, não fazendo desaparecer por completo sua própria voz, ainda que deixe em maior destaque a voz alheia incorporada (DAUNAY, 2020).

Há diversas marcas que indicam essa postura, mas podemos indicar, como exemplo, o caso do uso de expressões conformativas como “segundo o autor” ou “conforme o autor”:



**Segundo Garcia** (2016, p.30) há três dimensões de sustentabilidade, sendo elas: ambiental que visa a preservação do meio ambiente, a sobrevivência no planeta, e a qualidade de vida; o social estando relacionada na melhoria na qualidade de vida das pessoas focando-se na diminuição da desigualdade social em que todos tenham uma qualidade de vida digna, e todos os direitos sociais e por último, a dimensão econômica tendo como objetivo o melhoramento de procedimentos na produção tecnológica, e de matérias-primas de maneira que o desenvolvimento ocorra, porém de forma que cause menor impacto ambiental; entende-se nessa perspectiva que não há como regredir o desenvolvimento da sociedade, já que o mesmo é necessário para diminuir a pobreza e melhorar a qualidade de vida.

*Identificação: CI042201, grifos nossos.*

O exemplo acima permite estabelecer uma diferenciação em relação à paráfrase prototípica, justificada na medida em que, nela, há uma assimilação total ou irrestrita diante do dizer alheio, com apagamento da voz do autor, ao passo que, no caso de tendência à paráfrase, acima exemplificado, a voz do autor recupera, de forma menos pronunciada e apenas em alguma medida, a gestão enunciativa. Nesse sentido, o exemplo, seguindo a proposta de Daunay (2020), revela uma paráfrase não prototípica, ou tendência à paráfrase (p+).

### **2.9.3 Do polo metafrástico**

No oposto do contínuo que vimos indicando, encontra-se a modalidade de referência ao dizer alheio qualificada como metáfrase, em que o autor deixa nítida sua voz, fazendo com que ela prevaleça enunciativamente em relação à voz ou às vozes referenciadas em seu discurso (DAUNAY, 2020).

Uma primeira situação em que é possível reconhecer a metáfrase prototípica é aquela em que o autor incorpora o dizer alheio e atribui sua origem, globalmente, a um corpo variado de autores e textos, de onde se percebe o efeito de maior prevalência de sua própria voz em detrimento daquelas a quem atribui a origem. Uma segunda possibilidade, bastante semelhante à anterior, é a situação em que o autor recorre a várias vozes e as incorpora em trechos variados, num mosaico de referências em que se percebe maior participação e evidência da voz do próprio autor que realiza a referenciação múltipla. A título de exemplo, indico a seguinte referência:

Contudo, a seleção por concurso público tem sido questionada por não selecionar os melhores candidatos, como pregado pelas ideologias acadêmica e profissional (Fontainha et al., 2015; Mendes, 2011; Morici & Barbosa, 2013). [...]

*Identificação: CI030903*

O exemplo acima revela, de acordo com a tipologia de Daunay (2020), metáfrase prototípica (m++).

#### 2.9.4 Da tendência à metáfrase

Da mesma forma que podemos perceber situações que não se enquadram na descrição prototípica da paráfrase, também é possível perceber posturas que não correspondem à descrição prototípica da metáfrase, situando-se entre tal polo e o centro do contínuo (DAUNAY, 2020). Nesses casos, é possível perceber uma relação metafrástica em que a voz do próprio autor prevalece sobre a voz alheia, mas tal predominância se faz por marcas menos evidentes e através de expedientes que revelam não exatamente o apagamento da voz alheia, mas normalmente algum distanciamento entre a voz do autor, predominante, e a voz alheia.

A título de exemplo, podemos visualizar, na seguinte referência do *corpus*, o uso do futuro do pretérito, notando-se um efeito de distanciamento da voz do autor. Nesses casos, percebemos que a voz alheia, embora não chegue a dirigir a enunciação, não se encontra tão esvanecida como nos casos prototípicos de metáfrase (m++) analisados anteriormente.

[...] Carvalho (2015, p. 627) sustentaria que o baixo índice de condenação dos agressores reflete a profunda mentalidade preconceituosa e conservadora dos atores judiciais que, ainda que inconscientemente, atuam de modo a ocultar os verdadeiros conflitos raciais.  
*Identificação: C1020101, grifos nossos.*

Além disso, é comum que tais marcas de apreciação estejam acompanhadas de estruturas genéricas ou indeterminadas, o que provoca também um efeito de distanciamento do autor em relação ao dito alheio e maior predominância de sua própria voz.

O exemplo acima mostra uma diferença em relação à metáfrase prototípica, em que há um apagamento maior da voz alheia, uma vez que, nos casos de tendência à metáfrase, a voz alheia não se encontra tão esvanecida ou apagada, mas distanciada em relação à voz própria do autor, que predomina. Assim, o exemplo indicado, seguindo a tipologia de Daunay (2020), revela uma metáfrase não prototípica ou uma tendência à metáfrase (m+).

#### 2.9.5 Da ambiguidade ou da indeterminação da postura enunciativa

É possível, ainda, seguindo a tipologia proposta por Daunay (2020), detectar certos casos ambíguos ou indeterminados em que há tanto marcadores parafrásticos como metafrásticos, o que implica classificá-los no ponto médio ou intermediário do contínuo.

Pode ser indicado o seguinte exemplo encontrado no *corpus*:

Para Salo de Carvalho (2015) o saber criminológico reproduzido na formação acadêmica acaba por legitimar a autêntica “criminalização da miséria”, que tem no Judiciário o instrumento privilegiado de consolidação da violência institucional, frise-se, encontrando como defensor o senso comum estimulado pelos meios de comunicação. [...]

*Identificação: CI021902a, grifos nossos.*

No exemplo acima, inicialmente identificamos uma marca de tendência à paráfrase (p+) em “para Salo de Carvalho”. Além disso, ao indicar entre aspas a expressão “criminalização da miséria”, o autor insere marca metafrástica de apreciação ou julgamento do dito alheio em “autêntica”, bem como insere marca de metaenunciação com aspectos impessoais em “frise-se”, elementos que indicam uma postura tendente à metáfrase.

Em função de tal ambiguidade ou indeterminação, seguindo as propostas da tipologia de Daunay (2020), o exemplo revela uma ambiguidade ou indeterminação (p ou m).

### 3 METODOLOGIA

Nesta seção, apresento, brevemente, a orientação metodológica utilizada na pesquisa, bem como descrevo e discuto os procedimentos de definição e de consolidação do *corpus*.

#### 3.1 Orientação metodológica

Considerando a inserção desta pesquisa no âmbito dos estudos da linguagem, com um enfoque na enunciação e nas questões discursivas da escrita acadêmico-científica, em um *corpus* de trabalhos acadêmico-científicos citantes, há uma abordagem empírica e predominantemente qualitativa na interpretação dos dados, embora também tenha sido utilizada, especificamente no que diz respeito às características gerais das referências, uma orientação voltada à reunião de dados e números do *corpus*, ou seja, adotando-se também um viés quantitativo. Essa confluência de orientações, embora não chegue a caracterizar uma abordagem mista em decorrência da prevalência de um olhar qualitativo na pesquisa, baseia-se na ideia de que a dicotomia entre as abordagens não é absolutamente rígida; ao contrário, são complementares e podem oferecer resultados que interagem e fortalecem a pesquisa, como reconhece Minayo (1994).

Para a autora (MINAYO, 1994, p. 22), “a diferença entre qualitativo-quantitativo é de natureza”, considerando o fato de que os métodos quantitativos, como a estatística, buscam apreender os fenômenos na região “visível, ecológica, morfológica e concreta”, ao passo que a abordagem qualitativa se volta para as “ações e relações humanas, um lado não perceptível e não captável em equações, médias e estatísticas”.

De acordo com Flick (2007), apesar a pesquisa de orientação qualitativa apresentar abordagens variadas, ela se caracteriza normalmente por abordar e analisar determinados aspectos da realidade empírica, buscando entender, descrever e explicar os fenômenos sociais, seja através das experiências de indivíduos ou grupos e comunidades, seja pelas criações materiais desses sujeitos em documentos como textos.

A abordagem qualitativa prioriza, portanto, um enfoque interpretativo sobre os fenômenos do mundo, visão para a qual a realidade não é exatamente um exterior observável e compreendido objetivamente pelo pesquisador, mas ela própria é também construída como uma experiência de sujeitos inseridos em coletividades (GIL, 2017).

Quanto à natureza desta pesquisa, é classificada como do tipo básico, em oposição à pesquisa de natureza aplicada, uma vez que “tem por objetivo aumentar o conhecimento

científico” (PAIVA, 2019, p. 11) sem o objetivo de desenvolver novos processos e tecnologias com vistas a resolver um problema específico (PAIVA, 2019).

Por fim, quanto aos objetivos da pesquisa, trata-se tanto de pesquisa com caráter exploratório, com a finalidade de explicitar, identificar e descrever características e questões encontradas no *corpus*, com o objetivo de “oferecer uma visão panorâmica” (GONSALVES, 2001, p. 65), proporcionando familiaridade com o problema de pesquisa, a fim de torná-lo mais explícito (GIL, 2017); como pesquisa de natureza descritivo-explicativa, voltada a também a identificar, explicar e construir hipóteses sobre os fenômenos estudados, ou seja, busca-se “escrever as características de um objeto de estudo” (GONSALVES, 2001, p. 65), ao mesmo tempo em que se “pretende identificar os fatores que contribuem para ocorrência e o desenvolvimento de um determinado fenômeno” (GONSALVES, 2001, p. 66).

### 3.2 Definição do *corpus*

A fim de selecionar artigos científicos considerados de alto impacto na área jurídica, foram utilizados, em conjunto, a base de dados Sucupira da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) e o mecanismo de indexação e busca do Google Acadêmico. Tal escolha levou em consideração o fato de que o sistema de métricas do Google Acadêmico somente fornece o ranqueamento de periódicos em língua portuguesa de modo global, e não por área, tal como o faz a respeito de publicações em língua inglesa, o que implicou, inicialmente, a utilização do ranqueamento do sistema Qualis<sup>12</sup> da CAPES.

Assim, de início, foi elaborada manualmente uma lista de revistas da área do Direito classificadas como A1 pelo sistema Qualis da CAPES no quadriênio 2013-2016. Posteriormente, realizou-se uma triagem em que foram excluídas revistas de caráter interdisciplinar, sendo mantidas somente aquelas com perfil majoritariamente do Direito, o que gerou uma lista de 59<sup>13</sup> periódicos. A partir de então, foram escolhidas aleatoriamente 5 revistas científicas para posterior consulta a partir da base de dados do Google Acadêmico. Finalmente, através desse indexador e sistema de busca, foram obtidos, em cada uma das cinco revistas, os

---

<sup>12</sup> Trata-se de sistema de avaliação de periódicos mantido pela CAPES em que os estratos superiores seriam os A1, A2, B1 e B2, sendo o A1 o maior deles em relação ao impacto, ou seja, o alcance em determinada área.

<sup>13</sup> Este total contém alguma imprecisão, contudo, já que o sistema contabiliza duplamente os periódicos que apresentam versão em papel e versão eletrônica.

dados de seu artigo com o maior número de citações no período dos 5 anos anteriores (2015-2019)<sup>14</sup>, bem como a relação de todos seus trabalhos citantes.

Os dados de todos os trabalhos citados e citantes, dos autores que fazem as referências e dos autores referenciados, bem como de todos os eventos de referência foram, então, coletados e organizados manualmente, com auxílio dos metadados dos repositórios ou, ainda, da Plataforma Lattes do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Nessa compilação, foram excluídos trabalhos que apresentavam inconsistências na indexação pelo sistema do Google Acadêmico ou, ainda, inconsistências na referenciação pelos próprios autores, ou seja, que não apresentavam realmente relação com os artigos de alto impacto escolhidos para integrar o *corpus*.

Além disso, no momento de catalogação das referências aos artigos científicos das 5 revistas, foram desconsideradas situações em que, pela ausência de marcas ou atribuições específicas aos textos citados, não se podia identificar claramente a relação com o artigo científico selecionado. Isso ocorreu especialmente nos casos em que os autores faziam referência não somente a um, mas a dois ou mais textos de um mesmo autor, sem que apontassem de forma clara a qual deles se referiam.

Para fins de identificação de todo o material do *corpus*, os 5 artigos científicos de alto impacto foram catalogados com sigla AC (artigo citado), acrescida dos números de 1 a 5. Quanto às ocorrências de referência ao discurso alheio que compõem o *corpus*, foram catalogadas utilizando-se a seguinte sistemática: são identificadas com a sigla inicial CI (citação), seguida de dezena que corresponde ao número do artigo de alto impacto citado (01 a 05), posteriormente da dezena que corresponde a cada um dos trabalhos citantes do grupo (01 e seguintes) e, finalmente, de dezena que corresponde a cada um das ocorrências de referência em cada trabalho citante (01 e seguintes). Em alguns casos, em que havia uma conexão ou uma integração entre as referências ao mesmo autor, normalmente no mesmo parágrafo do texto, optou-se por manter o mesmo número, utilizando-se, posteriormente, letras (a e seguintes).

Registro que utilizo, neste trabalho, como parâmetro na conceitualização do que se entende por referência ao trabalho alheio, toda ocorrência em que o pesquisador convoca um segmento ou trecho do texto de outro autor, seja para incorporá-lo em seu texto, seja para aludir a seu conteúdo. Trata-se de critério adotado em pesquisas com análises de *corpus*, como a de

---

<sup>14</sup> Trata-se do período utilizado pelo Google Acadêmico como referência para indexação, cujos resultados são atualizados anualmente por volta do mês de julho.

Daunay (2020, p. 369), em que se considerou segmento ou trecho todo o conteúdo textual que contivesse uma unidade linguística— sintagmática, oracional ou frasal.

Partindo desse pressuposto, nem sempre se contabilizou como ocorrência de referência, nesta pesquisa, o texto exatamente marcado pelos autores através do sistema autor-data, aspas ou itálico, pois foi possível identificar outras divisões sintagmáticas, oracionais ou frasais mais produtivas para a análise.

Tal opção metodológica, ainda que trouxesse certo grau de subjetividade na determinação da segmentação das referências, apresentou a vantagem de reproduzir com mais apuro a multiplicidade de formas e funções da incorporação do texto alheio em todo o *corpus*.

Finalmente, indico que a organização do material do *corpus*, a compilação e a comparação dos dados construídos durante a pesquisa foram realizados de forma manual, com apoio apenas de *software* de planilhas eletrônicas.

### ***3.2.1 Do indexador e do mecanismo de pesquisa do Google Acadêmico***

Como indicado anteriormente, a base do *corpus* foi selecionada através do cotejo entre resultados de pesquisas em duas bases: inicialmente pelos dados obtidos na base Sucupira da CAPES e, posteriormente, pelos dados bibliométricos indicados pelo Google Acadêmico.

Quanto a este, trata-se de um mecanismo de pesquisa e indexador de documentos que abarca uma extensa base de dados e metadados de tipos variados de publicações científicas e acadêmicas, como artigos de revistas, anais de conferências e simpósios, dissertações e teses, resumos, relatórios e livros acadêmicos (GOOGLE SCHOLAR, 2021a). Tal sistema, um dos indexadores mais utilizados na área da pesquisa em ciências humanas (MARTÍN-MARTÍN *et al.*, 2021), também quantifica dados bibliométricos referentes às citações através da utilização do índice h5.

O índice h, base do sistema aferidor do Google Acadêmico, é uma das atuais propostas para a medição da produtividade e do impacto da pesquisa científica. Seu cálculo envolve, basicamente, a quantidade de trabalhos citados de pesquisadores, publicações, instituições ou mesmo países, sendo utilizada, no cálculo, a proporção das citações nos diversos trabalhos de cada pesquisador. Criado pelo físico argentino Jorge E. Hirsch em 2005, o índice h expressa o número h de publicações mais citadas que apresentam, pelo menos, o mesmo número h de citações, cada uma (HIRSCH, 2005). Exemplificando-se, se o índice h de um autor é 5, isso significa que seus 5 trabalhos mais citados têm, ao menos, 5 citações cada. Seu índice somente chegará a 6 quando seus 6 trabalhos mais citados tiverem, por sua vez, pelo menos 6 citações.

Em tese, o índice visa a indicar mais claramente, atribuindo valores altos, o trabalho de pesquisadores cujas produções são bastante citadas em todo o seu conjunto, diminuindo o peso de publicações que, mesmo com citações expressivas, advêm de pesquisadores pouco citados globalmente.

O sistema do Google Acadêmico utiliza o índice h proposto por Hirsch com um limitador temporal: o cálculo tem como referência apenas artigos publicados nos últimos 5 anos completos: daí, h5. O sistema do Google também utiliza outra métrica a partir do índice h: o mediano h5. Essa métrica expressa o número médio de citações daqueles trabalhos incluídos no cálculo do índice h5 (GOOGLE SCHOLAR, 2021b).

Finalmente, o Google Acadêmico ainda utiliza um índice próprio, o i10, que inclui somente a citação de trabalhos que atingiram 10 ou mais ocorrências.

No caso dos índices utilizados nesta pesquisa, o período de indexação a que se referem são os anos de 2015 a 2019, já que as métricas do Google, no início do ano de 2021, eram ainda calculadas segundo os artigos e as citações incorporadas pelo sistema até o mês de junho de 2020 (GOOGLE SCHOLAR, 2021c).

De acordo com a documentação do serviço (GOOGLE SCHOLAR, 2021d), seu sistema de indexação funciona por mecanismos automatizados que rastreiam páginas na internet e extraem metadados de publicações acadêmicas e de pesquisa. De todo modo, eventual correção do processo, tanto para eliminar como para incluir registros de citações, pode ser feita pelo usuário, manualmente. Assim, é possível que um usuário indique em seu perfil a existência de documentos não publicados, armazenando-os no Google Drive, por exemplo.

A fim de que o sistema reconheça o documento e cadastre corretamente os metadados, o serviço recomenda aos usuários individuais e aos editores de publicação que configurem o arquivo .pdf do documento com tamanhos de fonte variados para título, nome de autores e corpo do texto e, ainda, façam constar ao final do documento a relação de trabalhos referenciados, a fim de que sejam reconhecidas e contabilizadas as citações realizadas (GOOGLE SCHOLAR, 2021e). Além disso, há diversas especificações a serem seguidas quanto às páginas das publicações: não devem conter sistemas de *login*, *popups*, anúncios a serem clicados etc., a fim de que os robôs do mecanismo (*robots* ou *crawlers*) identifiquem os documentos e, assim, o *software* (*parsers*) consiga extrair seus metadados diretamente. Para tanto, também o resumo ou *abstract* da publicação científica ou acadêmica deve constar no topo da página, sem que seja necessário realizar a rolagem da tela (GOOGLE SCHOLAR, 2021d).

Neste ponto, ressalto a pertinência de estudos como o de Martín-Martín *et al.* (2021) sobre as distintas bases de dados de trabalhos científicos e sua cobertura nas diversas áreas



acadêmicas, considerando o fato de que tais indexadores e bases são atores determinantes na criação de um amplo cenário de pesquisa e de consulta de literatura especializada. De acordo com o estudo, que inclui a análise de citações em seis bases de dados, o Google Acadêmico apresenta a maior cobertura, tendo encontrado 88% das citações incluídas no *corpus* de análise dos autores. As bases Microsoft Academic, Scopus, Dimensions e WoS encontraram entre 52% e 60% das citações, ao passo que a base COCI encontrou somente 28%. Além disso, os resultados das análises de cobertura por áreas do conhecimento demonstram que a maioria das bases tende a uma maior cobertura de áreas exatas ou biológicas, com cobertura bastante reduzida no campo das humanidades, literatura e artes (25 a 39%). Apenas o Google Acadêmico teve uma cobertura consistente em todas as áreas, recuperando o percentual de 87% das citações nessas áreas, ao passo que as demais bases recuperaram somente entre 18 e 39% dessas citações.

Apesar de certas limitações do Google Acadêmico, devemos, portanto, considerar sua inserção como elemento crucial na pesquisa das áreas das ciências humanas, buscando compreender sua lógica de funcionamento, suas limitações e suas injunções. Por exemplo, devemos tomar em conta que a indexação do Google Acadêmico, ainda que operante e consideravelmente eficiente em relação às demais bases, depende em boa medida do comportamento dos usuários e de outras bases de dados de publicações científicas, sendo bastante plausível a possibilidade de que uma publicação não seja reconhecida ou que seus metadados não sejam identificados corretamente.

Durante esta pesquisa, foi necessário proceder à verificação dos dados dos artigos e dos trabalhos que compunham o *corpus*, especialmente porque, desde a primeira consulta no mecanismo, já eram perceptíveis incongruências nos metadados, como ausência de datas de publicação ou ano distinto do cadastrado na publicação, duplicidade de registro em razão de o trabalho ser publicado em mais de um idioma, ausência de dados dos autores e da publicação, além da indexação de citações inexistentes.

Embora tais incongruências sejam excepcionais e, ainda que afetem de forma indiscriminada todos os autores e as publicações científicas, foi interessante perceber, de todo modo, disparidades importantes nos 5 grupos do *corpus*. A indexação automática do Google Acadêmico, por certo, influenciou a quantificação daquilo que se convencionou chamar “impacto” dos trabalhos acadêmico-científicos, ou seja, o número de citações de cada publicação.

### 3.2.2 Inconsistência dos índices bibliométricos gerados pelo Google Acadêmico

No momento da consolidação dos dados da pesquisa, o sistema de métricas do Google Acadêmico apontava uma relação de 112 trabalhos citantes daqueles 5 artigos científicos escolhidos para integrar o *corpus*. No entanto, como já apontado, havia distintas inconsistências em relação à indexação das citações bibliométricas.

As incongruências entre as métricas e informações fornecidas pelo Google Acadêmico e os dados reais de referências também já foram notadas em outras pesquisas de *corpora*, como a realizada por Komesu e Assis (2022). De acordo com as autoras, em sua pesquisa, chamou a atenção “o número expressivo de duplicações de textos citantes, aspecto verificado em relação às seis revistas investigadas” (KOMESU; ASSIS, 2022, p. 51), bem como o “contingente de textos ditos ‘citantes’, mas nos quais não consta menção ou referência aos artigos cuja citação é registrada na base consultada” (KOMESU; ASSIS, 2022, p. 51).

De forma bastante semelhante, as inconsistências mais comuns nos dados desta pesquisa referiam-se à ausência de indicação de data de publicação, bem como a alguma incongruência em relação a dados de revistas publicadas em período distinto daquele indicado em seu volume/capa. Também se detectou a indexação de itens repetidos, em razão da existência de versões em mais de um idioma e, ainda, a indexação de itens totalmente estranhos ao trabalho supostamente citado. Como exemplo dessa última situação, o Google Acadêmico indicava como artigo citante de AC03 a seguinte tese de doutorado: “Avaliação da vibração das pregas vocais e inteligibilidade de fala sob a influência de diferentes características acústicas de salas de aula”. Trata-se de texto totalmente estranho àquele supostamente citado, que aborda, dentre outras, a temática dos concursos públicos.

De toda forma, em alguns casos também ocorreu de o autor incluir, na lista de referências, um dos artigos citados, conquanto efetivamente no corpo do texto não fosse realizada qualquer referência. Como o mecanismo do Google detecta eventual citação a partir da lista final de referências de um trabalho, o sistema computou, nesses casos, a citação, embora inexistente a referência na prática. Exemplo dessa inconsistência é aquela referente à dissertação de mestrado “Sustentabilidade e Desenvolvimento Regional Sustentável no Brasil: Casos de sucesso”, em que se identifica, na lista de referências ao final, o artigo AC04 e sua autora, embora no corpo da dissertação não seja possível identificar qualquer referência efetiva do texto através do sistema autor-data ou afins.

Especificamente quanto ao grupo de trabalhos citantes de AC01, surgiu incongruência distinta na indexação. Embora os trabalhos efetivamente fizessem referência a um texto do autor

de AC01, tratava-se, na verdade, de texto homônimo publicado como capítulo de livro, sendo possível perceber, pela leitura das referências, que os textos do autor, embora semelhantes, não eram de todo equivalentes. Tal circunstância não chegou a ser reconhecida pelo sistema do Google Acadêmico, que computou as citações bibliométricas de ambos os textos na lista de citantes do artigo científico publicado na revista.

Ainda, cabe ressaltar situação específica de inconsistência também existente no grupo de trabalhos citantes de AC01, percebida somente a partir da leitura de todas as referências do *corpus*. Em relação a alguns trabalhos aparentemente citantes de AC01, embora as referências incluíssem menção ao artigo AC01, bem como houvesse indicação de referência pelo sistema autor-data no corpo do texto, percebiam-se indícios de que o texto literal não pertencia ao artigo AC01, sendo de autores distintos ou, também, de trabalhos anteriores do próprio autor.

As diversas questões de inconsistências na referenciação ou na indexação dos trabalhos pelo sistema do Google Acadêmico geraram um impacto substancial no cálculo dos trabalhos citantes de cada artigo científico incluído no *corpus* desta pesquisa. No total, tais incongruências levaram à desconsideração de 21 itens indexados pelo Google Acadêmico, ou seja, houve uma redução de 18,75% em relação ao apontado pelo indexador:

**Quadro 1 – Inconsistências no número de trabalhos citantes no Google Acadêmico**

	Trabalhos citantes no Google Acadêmico	Trabalhos citantes efetivos	Diferença
AC01	18	12	33.33%
AC02	33	30	9.09%
AC03	19	15	21.05%
AC04	28	23	17.85%
AC05	14	11	21.42%
<b>TOTAL</b>	112	91	18.75%

Fonte: elaborado pelo autor (2023).

Como se vê no quadro 1, há um expressivo percentual de contabilização a maior — cerca de 18,75% —, além de uma discrepância considerável em relação a cada grupo do *corpus*, afetando de forma sensível e desproporcionalmente a contabilização dos artigos citados em cada grupo de trabalhos. É o caso do grupo AC02, em que houve uma contabilização a maior somente de 9,09%, ao passo que a contabilização das citações em AC01 se deu, para maior, em cerca de 33,33%.

Em sua pesquisa, Komesu e Assis (2022) também encontraram uma discrepância significativa entre a informação encontrada no Google Acadêmico e as efetivas citações bibliográfica, da ordem de 1/3, em 3 dos 6 grupos do *corpus* analisado. No total, considerando-se revistas brasileiras, houve uma discrepância de quase 25%; já as revistas francesas, 21,5%. Além disso, também foram observadas, em sua pesquisa, disparidades consideráveis em cada grupo do *corpus*, havendo artigos cuja contabilização de citações bibliográficas efetivas reduziu-se em 41,8%, ao passo que outros sofreram menor redução, de 7,1%, por exemplo.

A discrepância entre os dados bibliométricos dos grupos, aqui, serve menos para apontar qualquer particularidade dos autores os dos textos citados que para, efetivamente, indicar a relativa confiabilidade dos resultados do indexador do Google Acadêmico.

Destaco essa questão e também o fato de que os números devem ser tomados com bastante ressalva, já que deve ser considerada a provável contabilização a menor dentre os grupos do *corpus*, ou seja, as hipóteses em que o sistema foi incapaz de rastrear os dados de algumas das publicações que continham textos citantes de dado autor.

Essas considerações levam-nos a uma conclusão, no mínimo, desconcertante. Considerando a utilização quase onipresente de índices bibliométricos, como o h5 utilizado pelo Google Acadêmico, por agências, instituições, revistas e pesquisadores, cria-se um cenário bastante duvidoso do “impacto” das publicações científicas. Tais índices apresentam, na verdade, uma confiabilidade bastante questionável, como transparece nas análises de *corpora* em que incongruências atingem cerca de 1/3 dos dados gerados pelos sistemas algorítmicos indexadores.

### **3.2.3 Descrição dos dados gerais do corpus**

Após a consolidação dos dados dos trabalhos, o *corpus* consolidado apresentou as seguintes características gerais:

**Quadro 2 – Dados gerais do *corpus* consolidado**

Autores citantes	138
Total de trabalhos citantes	91
Total de ocorrências de referência	198 <sup>15</sup>
Média de ocorrências de referência ao autor citado por trabalho citante	2,18

**Fonte: elaborado pelo autor (2023).**

Dentre os 91 trabalhos citantes, há uma vasta gama de gêneros, dentre os quais pouco mais da metade são artigos científicos:

**Quadro 3 – Gêneros dos trabalhos citantes do *corpus***

Artigo científico	55	60%
Dissertação de mestrado	15	16%
Publicação em anais	6	7%
Trabalho de conclusão de curso	6	7%
Tese de doutorado	4	4%
Capítulo de livro	3	3%
Relato de experiência	1	1%
Resenha	1	1%

**Fonte: elaborado pelo autor (2023).**

Quanto às 5 revistas consideradas de alto impacto (Qualis A1), são destacadas as seguintes informações:

---

<sup>15</sup> Tal número apresenta uma pequena diferença em relação ao número encontrado em etapa inicial da pesquisa, 205, (DIEGUEZ; ASSIS, 2022), e se explica em razão da reorganização de certas referências do *corpus* em que se percebia uma segmentação ou uma integração entre referências.

**Quadro 4 – Dados das revistas de alto impacto (Qualis A1) selecionadas**

Revista	Temática principal	Ano de início	Índice h5 <sup>16</sup>	Mediana h5
Revista de Estudos Constitucionais, Hermenêutica e Teoria do Direito (RECHTD)	Filosofia do Direito, Direitos Humanos, Direito Internacional e Direito Constitucional.	2009	7	14
Revista da Faculdade de Direito da UFMG	Todas as subáreas do Direito.	1894	7	8
Revista Jurídica da Presidência	Todas as subáreas do Direito, com enfoque na atuação do Poder Público.	1999	7	11
Veredas do Direito: Direito Ambiental e Desenvolvimento Sustentável	Direito Ambiental e Desenvolvimento Sustentável.	2009	10	19
Revista Eletrônica do Curso de Direito da UFSM	Todas as subáreas do Direito.	2006	9	17

Fonte: elaborado pelo autor (2023).

Como se vê no quadro 4, há bastante heterogeneidade quanto aos temas e quanto ao escopo das revistas, algumas delas apresentando recortes temáticos específicos, sendo também algumas vinculadas diretamente a programas de pós-graduação. Já no que se refere aos índices bibliométricos, as revistas apresentam regularidades quanto ao índice h5, mas bastante variação no que diz respeito à mediana h5, ou seja, ao número médio de citações dos textos que compõe o índice h5.

Quanto aos 5 artigos mais citados dessas revistas, podemos ver os seguintes dados:

**Quadro 5 – Dados dos artigos mais citados das 5 revistas Qualis A1**

Revista	Artigo mais citado (2015-2019)	Autores	Ano	Trabalhos citantes
Revista de Estudos Constitucionais, Hermenêutica e Teoria do Direito (RECHTD)	O pensamento descolonial e o modelo de cidadania do novo constitucionalismo latino-americano	1	2015	12
Revista da Faculdade de Direito da UFMG	O encarceramento seletivo da juventude negra brasileira: a decisiva contribuição do Poder Judiciário	1	2016	30
Revista Jurídica da Presidência	O concurso público brasileiro e a ideologia concursista	4	2015	15

<sup>16</sup> Os índices foram consultados no Google Acadêmico em dezembro de 2022.

Veredas do Direito: Direito Ambiental e Desenvolvimento Sustentável	Dimensão econômica da sustentabilidade: uma análise com base na economia verde e a teoria do decrescimento	1	2016	23
Revista Eletrônica do Curso de Direito da UFSM	O direito na contramão da literatura: a criação no paradigma contemporâneo	1	2017	11

**Fonte: elaborado pelo autor (2023).**

Chama a atenção, numa visão panorâmica, o fato de que apenas 1 artigo foi escrito em coautoria (4 coautores), característica que possivelmente reflete um aspecto do campo disciplinar do Direito, como sugerem estudos relativos às áreas das humanidades e ciências sociais aplicadas (cf. BARROS, 2022). Quanto ao número de trabalhos citantes, mostra-se peculiar o artigo veiculado na Revista da Faculdade de Direito da UFMG, que chegou a ter mais que o dobro de trabalhos citantes de outros artigos.

Quanto aos dados dos autores dos artigos citados, extraídos de seus perfis na Plataforma Lattes e em seus perfis públicos no Google Acadêmico, temos o seguinte panorama:

**Quadro 6 – Dados dos autores de artigos mais citados**

Artigo	Autor	Ano de doutoramento <sup>17</sup>	Total de citações <sup>18</sup>	Citações desde 2017	Índice h desde 2017	Índice i10 desde 2017
AC01	Enzo Bello	2011	509	306	10	10
AC02	Salo de Carvalho	2000	5038	2422	19	37
AC03	Fernando de Castro Fontainha	2011	470	338	11	14
AC03	Pedro Heitor Barros Geraldo	2011	181	148	7	5
AC03	Alexandre Veronese	2011	443	308	9	9
AC03	Camila Souza Alves	2019	—	—	—	—
AC04	Denise Schmitt Siqueira Garcia	2011	313	268	8	6
AC05	Henriete Karam	2008	214	214	7	4

**Fonte: elaborado pelo autor (2023).**

Como se vê do quadro, a maioria dos autores doutorou-se em período similar, entre 10-15 anos, com exceção de um dos autores, com doutoramento há 23 anos, e de uma das autoras, ainda doutoranda à época da escrita do artigo.

<sup>17</sup> As informações sobre a formação dos autores foram consultadas na Plataforma Lattes.

<sup>18</sup> Os índices de citação foram consultados no Google Acadêmico em dezembro de 2022.

Quanto aos índices bibliométricos, há menos regularidade, chamando atenção os índices bastante mais elevados de citação, bem como os índices h e i-10 do autor do artigo AC02. Além disso, quanto aos autores do artigo AC03, nota-se uma composição heterogênea em relação à formação e aos índices bibliométricos.

Sublinho, a seguir, dados relativos à formação acadêmica dos autores citantes, considerados isoladamente, bem como à formação acadêmica dos autores em cada trabalho citante, em razão da questão da coautoria. Analisando a formação de cada autor, temos o seguinte resultado:

**Quadro 7 – Formação acadêmica dos autores citantes em todo o *corpus***

Número total de autores citantes	138	
Número de autores em formação	88	64%
Número de autores especialistas	50	36%

**Fonte: elaborado pelo autor (2023).**

De início, percebemos uma maioria acentuada de trabalhos de autores em formação, cerca de 2/3, sendo pouco mais de 1/3 o grupo de especialistas.

Já considerando a questão da coautoria e analisando a formação dos autores em cada trabalho citante, temos o seguinte resultado:

**Quadro 8 – Formação acadêmica dos autores citantes em cada trabalho do *corpus***

Autores em formação	129	65%
Autores com formação mista (em formação e especialistas)	45	23%
Autores especialistas	24	12%

**Fonte: elaborado pelo autor (2023).**

Aqui, percebemos novamente que cerca de 2/3 dos trabalhos citantes foi escrito apenas por autores em formação, enquanto cerca de 1/4 dos trabalhos citantes foi escrito por autores de formação mista (em formação e especialistas). Finalmente, os trabalhos escritos somente por especialistas foram minoria no *corpus*, cerca de 1/10 somente.

Considerar esse quantitativo é importante durante a análise, na medida em que o peso das referências feitas por autores em formação, no *corpus*, é nitidamente maior, o que explica



a semelhança entre alguns dos resultados encontrados quanto a esse segmento e quanto a todo o conjunto.

Finalmente, considerando a divisão do *corpus* de trabalhos citantes em 5 grupos, de acordo com cada artigo citado, temos os seguintes dados gerais:

**Quadro 9 – Dados das referências por grupo do *corpus***

	Número de trabalhos citantes	Referências ao trabalho citante	Média de referências por trabalho citante
<b>AC01</b>	12	20	1,67
<b>AC02</b>	30	75	2,5
<b>AC03</b>	15	33	2,2
<b>AC04</b>	23	44	1,91
<b>AC05</b>	11	26	2,36
<b>Total</b>	91	198	2,18

Fonte: elaborado pelo autor (2023).

Vemos, aqui, uma variação importante no número de trabalhos citantes e, também, na média de referências por trabalho.

Tomando a divisão do *corpus* em 5 grupos e considerando a formação acadêmica dos autores citantes, apresentam-se os dados seguintes:

**Quadro 10 – Formação acadêmica dos autores citantes por grupo do *corpus***

	Autores citantes	Autores em formação	Autores especialistas
<b>AC01</b>	22	55%	45%
<b>AC02</b>	36	72%	28%
<b>AC03</b>	26	58%	42%
<b>AC04</b>	44	66%	34%
<b>AC05</b>	10	60%	40%
<b>Total</b>	138	64%	36%

Fonte: elaborado pelo autor (2023).

Também aqui é possível perceber variações expressivas em relação à formação dos autores, especialmente no grupo AC02, em que 72% deles eram autores em formação.

Além disso, considerando a questão da coautoria e analisando a formação dos autores e coautores em cada trabalho citante, nos 5 grupos do *corpus*, temos o resultado a seguir:

**Quadro 11 – Formação acadêmica dos autores, em cada trabalho, por grupo do *corpus***

	<b>Autores e coautores em formação</b>	<b>Autores e coautores de formação mista</b>	<b>Autores e coautores especialistas</b>
<b>AC01</b>	25%	58,3%	16,7%
<b>AC02</b>	73,3%	13,3%	13,3%
<b>AC03</b>	60%	13,3%	26,7%
<b>AC04</b>	43,5%	47,8%	8,7%
<b>AC05</b>	27,3%	36,4%	36,4%
<b>Total</b>	51,6%	30,8%	17,6%

**Fonte: elaborado pelo autor (2023).**

Este último quadro mostra ainda maiores disparidades na formação dos autores em cada grupo específico, revelando uma projeção bastante heterogênea entre cada tipo de coautoria considerada.

Finalmente, apresento, ainda, dados referentes à prática de referência indireta a outros autores, bem como referências em autocitação.

No quadro a seguir, vemos a distribuição da referência indireta em todos os grupos do *corpus*:

**Quadro 12 – Referências indiretas por grupo do *corpus***

	<b>Referências indiretas totais</b>	<b>Referências indiretas marcadas</b>	<b>Referências indiretas não marcadas</b>
<b>AC01</b>	20%	5%	15%
<b>AC02</b>	4%	1,3%	2,7%
<b>AC03</b>	0%	0%	0%
<b>AC04</b>	47,7%	27,3%	20,5%
<b>AC05</b>	19,2%	15,4%	3,8%
<b>Total</b>	16,7%	9,1%	7,6%

**Fonte: elaborado pelo autor (2023).**

Chama a atenção, sobre a referência indireta, a existência de percentuais bastante díspares, iniciando-se em 0% e indo até 47,7%. Também a marcação explícita dessas referências se apresentou irregular entre os grupos.

No quadro seguinte, encontra-se a distribuição de autocitações integrais (em que coincidem as figuras dos coautores em ambos os trabalhos) e de autocitações parciais (em que os coautores não coincidem em ambos os trabalhos). Sobre esse tema, também há bastante disparidade em cada grupo isolado do *corpus*.

**Quadro 13 – Autocitação por grupo do *corpus***

	Autocitação integral	Autocitação parcial	Autocitação integral e parcial
<b>AC01</b>	0%	10%	10%
<b>AC02</b>	1%	0%	1%
<b>AC03</b>	0%	0%	0%
<b>AC04</b>	0%	0%	0%
<b>AC05</b>	4%	27%	31%
<b>Total</b>	1%	6%	7%

**Fonte: elaborado pelo autor (2023).**

Concluindo a análise sobre características gerais apresentadas, trata-se, como se vê, de *corpus* de extensão considerável, com uma diversidade perceptível, aliás, em relação aos gêneros discursivos, à formação dos autores, tanto globalmente como considerando a questão da coautoria em cada trabalho. Tais diferenças quantitativas indicam a necessidade de uma análise qualitativa que possa expressar particularidades do campo disciplinar acadêmico-científico no Direito, bem como questões pertinentes a cada subárea do conhecimento dentro desse grande domínio disciplinar.

Assim, na seção seguinte, passo a analisar o *corpus* e seus grupos em suas características específicas.

## 4 ANÁLISE DO *CORPUS*

Neste ponto em específico, passo à análise das referências incluídas no *corpus*, realizando, inicialmente, uma apresentação de seus aspectos gerais. Aqui, especialmente, cuidou-se de descrever e explicar as formas e as funções com que os autores citantes se relacionavam com o discurso alheio, bem como a modalidade de gestão enunciativa em suas referências. Posteriormente, incluo a análise de cada um dos grupos do *corpus*, relevando suas particularidades e questões principais no tratamento da referência ao discurso alheio. Finalmente, discuto fenômenos importantes que sobressaíram da análise, bem como apresento uma reflexão sobre a tipologia adotada no trabalho, suas eventuais limitações e possíveis desdobramentos.

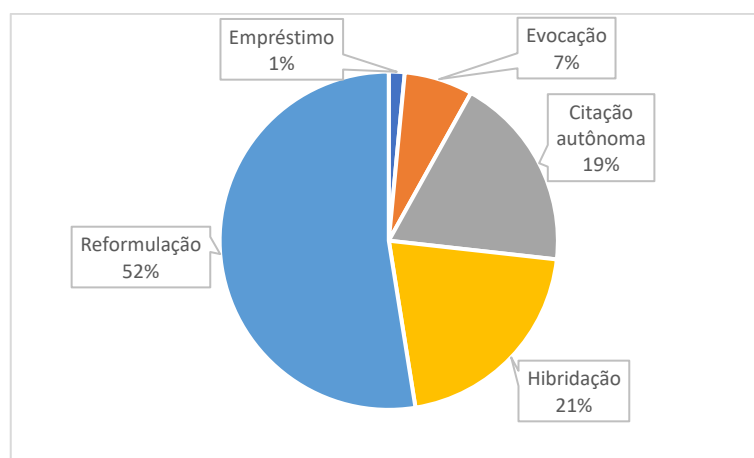
### 4.1 Descrição e análise dos dados gerais do *corpus*

Nesta subseção, apresento uma análise focada na globalidade do *corpus*, em que são discutidos aspectos relacionados à forma das referências e à modalidade enunciativa, realizando posteriormente um cruzamento entre esses dados.

#### 4.1.1 Descrição e análise das formas de referência no *corpus*

Quanto às formas de referência encontradas no conjunto, temos o seguinte resultado:

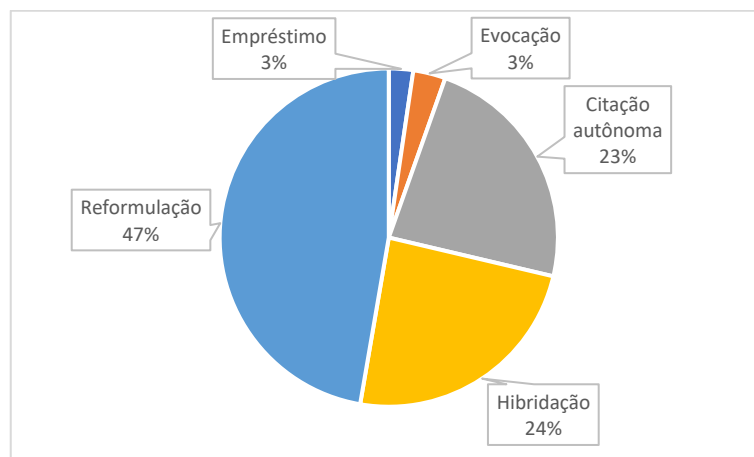
**Gráfico 1 – Formas de referência no *corpus***



Fonte: elaborado pelo autor (2023).

Já considerando apenas as referências feitas por autores em formação, temos a seguinte distribuição de formas:

**Gráfico 2 – Formas de referência em trabalhos de autores em formação**



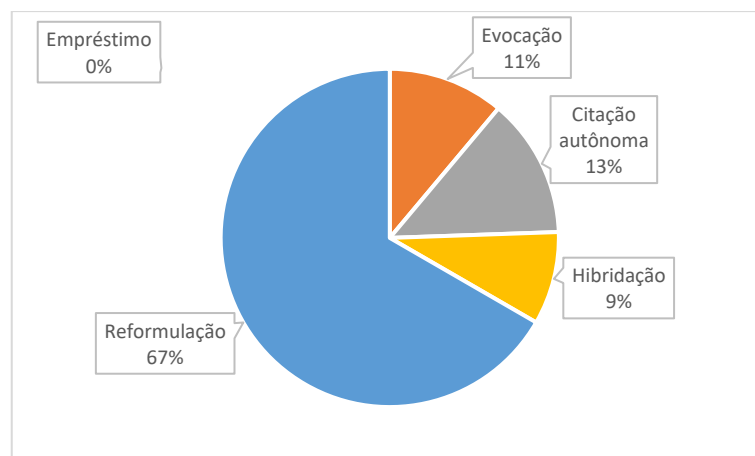
Fonte: elaborado pelo autor (2023).

Como vemos, os gráficos apresentam bastante semelhança, considerando-se o fato de que o peso das referências de autores em formação é bastante elevado no conjunto. De todo modo, comparando ambos os gráficos, é possível perceber já uma variação importante, uma menor presença da evocação em trabalhos de autores em formação (3%, contra 7%). Além disso, há um aumento da citação autônoma (23%, contra 19%) e uma diminuição da reformulação (47%, contra 52%).

Tal resultado é importante e confirma certa tendência encontrada por outros pesquisadores na escrita de trabalhos científicos em que também se analisava a formação dos autores. Por exemplo, em Boch e Grossmann (2002), os artigos escritos por especialistas na revista científica *Langages* apresentaram um alto percentual de evocação (51%), seguida da reformulação (35%), com menor ocorrência de citação autônoma (14%); ao passo que, em relatórios de estágios de autores em formação, houve um predomínio expressivo da citação autônoma (71%), seguida da reformulação (16%) e, em menor expressão, a evocação (13%). Embora devamos considerar a diferença entre os gêneros analisados na pesquisa desses autores, a disparidade entre os percentuais encontrados, no tocante à evocação, é notável.

Quanto às referências feitas por autores de formação mista (em formação e especialistas) no *corpus* desta pesquisa, vemos o seguinte:

**Gráfico 3 – Formas de referência em trabalhos de autores com formação mista**

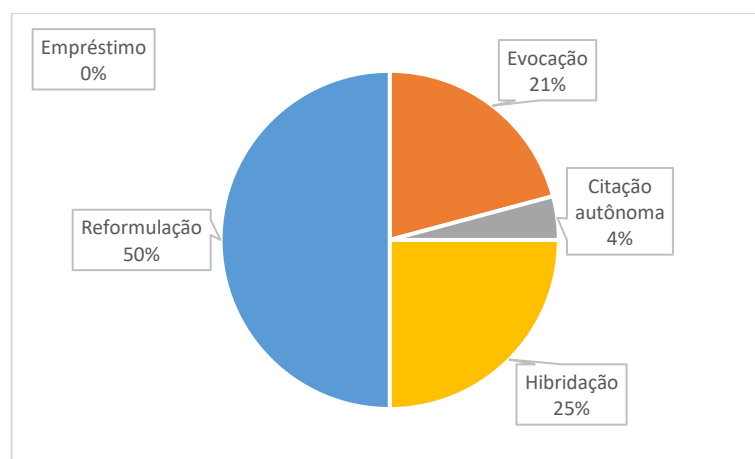


Fonte: elaborado pelo autor (2023).

Já, nesse caso, ao compararmos os dados com o gráfico 1, percebemos aumentos significativos no percentual da reformulação (67%, contra 47%) e da evocação (11%, contra 3%), com redução também significativa da citação autônoma (13%, contra 23%) e da hibridação (9%, contra 24%).

Por fim, no que diz respeito às citações feitas por autores especialistas, temos os seguintes percentuais:

**Gráfico 4 – Formas de referência em trabalhos de autores especialistas**



Fonte: elaborado pelo autor (2023).

Comparando-se os dados desse gráfico com o gráfico dos dados gerais do *corpus* (gráfico 1), é possível perceber um expressivo aumento da ocorrência de evocação (21%, contra 7%), além de uma redução também bastante expressiva do percentual de citações autônomas (apenas 4%, contra 19%).

Como já mencionado anteriormente, esses resultados alinham-se, de certo modo, às hipóteses indiciadas no trabalho de outros pesquisadores, como Boch e Grossmann (2002), quanto a uma maior expressão da evocação em trabalhos de pesquisadores experientes.

De todo modo, os resultados encontrados no *corpus* ora analisado permitem-nos compreender que essa maior expressão também depende crucialmente dos gêneros discursivos e de outras injunções relativas à publicação dos textos estudados.

Afinal, no trabalho de Boch e Grossmann (2002), os trabalhos escritos por especialistas eram artigos científicos que advinham exclusivamente de uma publicação especializada em Linguística, a revista francesa “Langages”, ou seja, o *corpus* se alinhava “às normas esperadas em uma revista de alto nível, em que a dimensão teórica é muito importante” (BOCH; GROSSMANN, 2002, p. 99). Uma expressão bastante acentuada da evocação nesses textos, comparativamente ao encontrado em um *corpus* de relatórios de estágio de estudantes de Letras, pode ser explicada em boa parte, portanto, pela inserção dos trabalhos em um gênero discursivo e em um meio editorial em que se espera que os pesquisadores façam referência a seus quadros metodológicos e marcos teóricos. Além disso, podemos supor que a reformulação do discurso alheio, nesse contexto, seria menos relevante do ponto de vista retórico, na medida em que os autores especialistas dialogam de forma mais acentuada com seus pares, com quem compartilham as teorias e as metodologias dentro de um mesmo campo disciplinar. A situação é bastante distinta na escrita de relatórios de estágio de estudantes de Letras, em que a referência ao discurso alheio pode ser uma primeira entrada no discurso teórico da cultura disciplinar, com o qual ainda se familiarizam, realizando mais diálogos e negociações com figuras de autoridade a partir da literalidade dos textos citados.

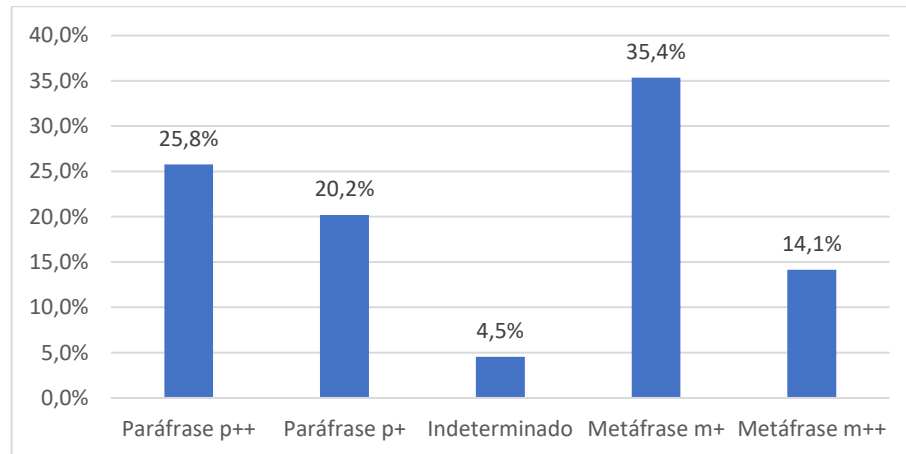
Dessa forma, é interessante comparar os percentuais encontrados por Boch e Grossmann (2002) com os resultados da expressão da evocação e da citação autônoma no *corpus* desta pesquisa, sobretudo porque se pode perceber uma disparidade bem menos acentuada entre as formas utilizadas pelos autores em formação e por especialistas.

Na verdade, a grande variedade de gêneros discursivos deste *corpus* aponta-nos para uma maior expressão da reformulação, sejam os autores em formação ou especialistas, havendo apenas uma maior expressão da evocação e uma menor ocorrência de citação autônoma na escrita de autores especialistas comparativamente à escrita de autores em formação.

#### 4.1.2 Descrição e análise das modalidades de referência no corpus

Inicialmente, apresento os dados quantitativos relativos às modalidades da gestão enunciativa no *corpus*:

**Gráfico 5 – Modalidades de referência em todo o *corpus***

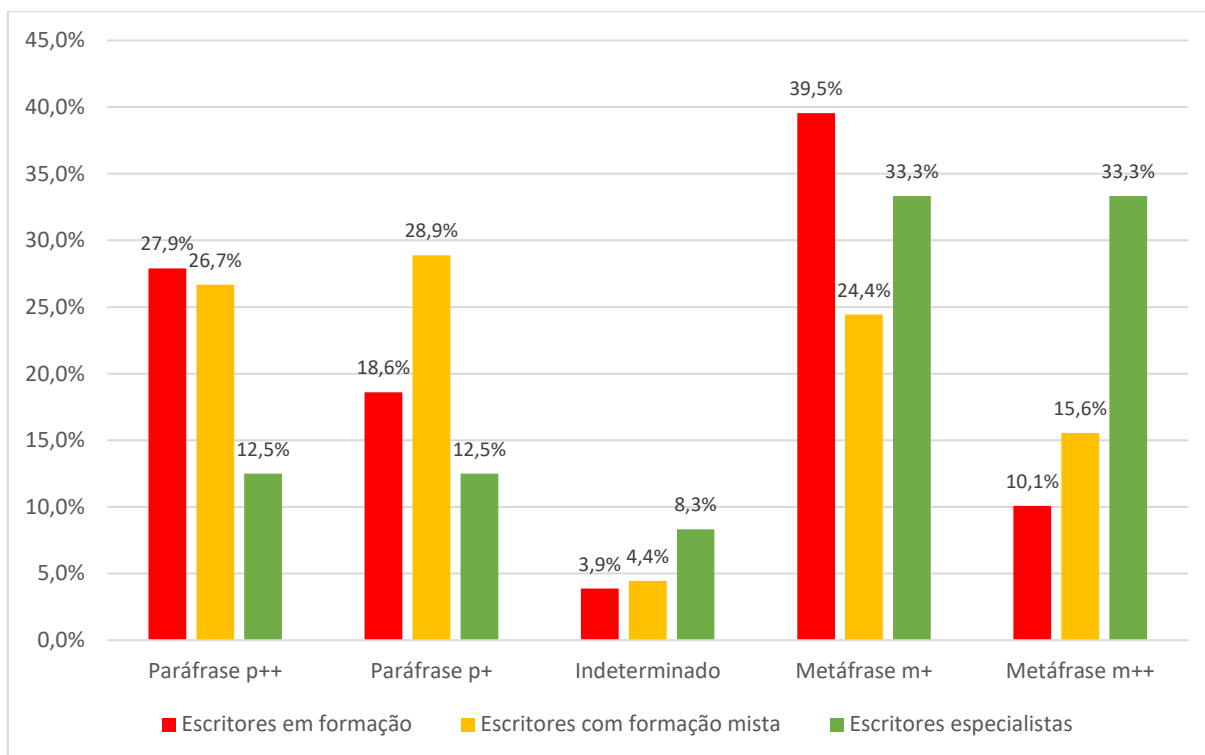


**Fonte: elaborado pelo autor (2023).**

Como vemos, há certo equilíbrio entre as posturas de paráfrase prototípica e de tendência à paráfrase (46% no total) e as hipóteses de metáfrase e tendência à metáfrase (49,5% no total), embora, quanto a estas, a metáfrase prototípica (m++) seja menos expressiva (14,1%) que a tendência à metáfrase (35,4%), ao passo que, naquelas, a paráfrase prototípica (p++) e a tendência à paráfrase (p+) estejam mais equilibradas (25,8% e 20,2%, respectivamente).

Já considerando a formação dos autores, apresento o seguinte gráfico, em que as colunas, separadas por cores, representam a formação dos autores, agrupadas pelas gradações das modalidades da gestão enunciativa:



**Gráfico 6 – Comparação entre modalidades de referência e formação dos coautores**

**Fonte: elaborado pelo autor (2023).**

Como já salientado anteriormente, as referências feitas por autores em formação (colunas em vermelho) são maioria no *corpus*, razão por que vemos poucas diferenças ao compararmos as colunas vermelhas do gráfico 6 com aquelas relativas ao gráfico 5, global.

Já tomando em conta as referências feitas por autores de formação mista (colunas amarelas), podemos ver uma distribuição ligeiramente distinta dos percentuais, com predominância da paráfrase prototípica e da tendência à paráfrase (55,6%, contra 46% no *corpus*) e redução da metáfrase prototípica e da tendência à metáfrase (40%, contra 49,5% no *corpus*), além de se apresentar mais equilibrada a distribuição entre as posturas prototípicas (p++ e m++) e aquelas tendentes à paráfrase (p+) ou à metáfrase (m+).

Por fim, considerando as referências feitas por especialistas, há também resultados bastante distintos, com predominância da metáfrase e da tendência à metáfrase (66,6%, contra 49,5% no *corpus*) e com redução significativa da paráfrase e da tendência à paráfrase (25%, contra 46% no *corpus*). Além disso, a distribuição entre as posturas prototípicas (p++ e m++) e aquelas tendentes à paráfrase (p+) ou à metáfrase (m+) é homogênea.

Desse resultado, podemos perceber a existência de práticas relativamente distintas considerando-se a etapa de formação dos autores. Embora as modalidades tenham ocorrido com presença considerável em todos os grupos de autores, seja eles mais ou menos experientes, é

relevante perceber que a paráfrase prototípica (p++) surge com maior expressão na escrita de autores em formação e na escrita de coautores com formação mista, ao passo que a metáfrase prototípica (m++) tem maior expressão no grupo de especialistas, surgindo bem mais reduzida no grupo de autores em formação e de coautores com formação mista. Além disso, chama a atenção o fato de a tendência à metáfrase (m+) apresentar bastante expressão globalmente, sobretudo com alta incidência dentre escritores em formação.

Na subseção a seguir, trago algumas das referências do *corpus* a fim de apresentar suas marcas principais e as particularidades na forma como os autores gerenciavam o relacionamento com as vozes alheias nos enunciados.

#### 4.1.2.1 Casos de paráfrase prototípica (p++) no corpus

No que diz respeito à paráfrase prototípica (p++), segunda modalidade mais recorrente no *corpus* atrás da tendência à metáfrase (m+), podem ser destacados os casos a seguir, uma reformulação, uma hibridação e uma evocação, respectivamente:

É preciso maior rigor na execução de medidas que possam estar atuando sobre ações que estimulam os danos ambientais e causam as externalidades sociais negativas ao meio ambiente para inibir as ações prejudiciais. Entre elas, está a penalização no caso da utilização da economia marrom (GARCIA, 2014).

*Identificação: CI040508, grifos nossos.*

[...] É uma transformação epistêmica, de se autocompreender e de respeitar a alteridade de outras culturas presentes ao seu redor; é a mudança de uma posição política e de um novo exercício da cidadania que atenderá a um Estado plurinacional. No ambiente intelectual esse posicionamento converge em três âmbitos: “[...] nos dos agentes e movimentos subalternos, no dos intelectuais-ativistas em espaços mistos e nos das universidades” (BELLO, 2015, p.51)

*Identificação: CI010201b*

Nesse sentido, pode-se observar uma inclinação a que os bacharéis em direito, formados por nossas escolas, voltem-se a uma leitura da realidade baseada em um tipo de ensino com respostas prontas, como se a realidade fosse uma prova de concurso <sup>18</sup>.

[nota de rodapé] <sup>18</sup> Cfr. O concurso público brasileiro e a ideologia concursista (FONTAINHA; GERALDO; VERONESE; ALVES, 2013).

*Identificação: CI031401*

Como vemos, apesar da diferença nítida na forma como se realiza a referência ao discurso alheio, a voz do autor citante assimila-se de forma irrestrita, no plano enunciativo, com a voz alheia convocada, criando-se um efeito de prevalência da voz alheia sobre a voz própria, que se apaga enunciativamente.

Também a paráfrase prototípica pode ocorrer no caso das citações propriamente ditas, ou seja, citações autônomas, em que, segundo Boch e Grossmann (2002, p. 100), ocorre a

criação de “um espaço autônomo no plano enunciativo”. Muitas vezes, ao se criar tal espaço autônomo no plano enunciativo, o autor apaga sua própria voz e faz prevalecer a voz do autor cujo discurso é incorporado.

No *corpus*, temos o seguinte caso de citação autônoma, realizada após longo parágrafo em que era possível perceber com mais nitidez a voz do autor, que controlava a enunciação e a gestão das vozes alheias, ao menos no primeiro parágrafo:

No estudo de Salo de Carvalho, apresenta-se um conjunto de casos sobre a aplicação da lei penal no país entre os quais destaco os casos de delitos patrimoniais sem violência, os delitos patrimoniais violentos e o caso específico de aplicação judicial das penas. No primeiro exemplo, verificamos que se tratam de mais de 100 mil pessoas encarceradas por crimes – sem violência ou grave ameaça – contra o patrimônio privado, com decisões bastante rigorosas, que contrastam bastante com o tratamento jurídico dispensado aos crimes contra o patrimônio público, praticados majoritariamente por pessoas brancas, nos quais é recorrente a possibilidade de substituição da pena privativa de liberdade por penas restritivas de direitos ou a simples obrigatoriedade de restituir ao erário, sem necessariamente haver pena de prisão.  
[texto com recuo] Pergunta relativamente singela torna a questão indiscutivelmente constrangedora: configura maior dano a conduta cometida contra o patrimônio público ou aquela praticada contra o patrimônio privado? Para explicar o encarceramento dos crimes contra o patrimônio privado e a blindagem dos crimes contra o patrimônio público outra questão, relativa ao sujeito ativo da infração, deve ser proposta: quem é o autor dos crimes de furto e de receptação e quem é o autor da omissão de tributos e da apropriação indébita previdenciária?  
41  
[nota ao final] 41. CARVALHO, op. cit., p. 650.

Identificação: CI021602

Especificamente no trecho em que a fala alheia é citada literalmente, com texto em recuo, percebemos a criação de um segmento autônomo no plano enunciativo, aliás com um corte abrupto em relação ao trecho anterior. Portanto, no trecho da citação autônoma, exsurge de forma mais clara a voz do autor convocado, havendo um efeito de apagamento da voz do autor que faz a referência.

Finalmente, podemos indicar ainda a ocorrência de paráfrase prototípica no empréstimo de palavras, pequenas expressões ou sintagmas — uma citação curta, como indica Daunay (2020) —, em que não há exatamente uma autonomia plena do dizer alheio, mas uma autonomia relativa no plano enunciativo.

No que se refere à avaliação, há uma cobrança precisa do texto legal e da jurisprudência atualizada. Porém, o procedimento avaliativo, além da simulação, se dá nos próprios processos seletivos das carreiras às quais o candidato almeja o cargo. As provas antigas utilizadas nas bancas de seleção se tornam o crivo da avaliação. No âmbito da extensão, há os cursos e acompanhamento motivacionais adequados à “ideologia concursista” (FONTAINHA *et al.*, 2015).

Identificação: CI031103

Nesse caso, especificamente no que diz respeito ao trecho emprestado, percebemos igualmente um efeito de apagamento da voz do autor que toma de empréstimo palavras do discurso alheio, prevalecendo a voz do autor cujo discurso é incorporado.

#### 4.1.2.2 Casos de tendência à paráfrase (p+) no corpus

Quanto aos casos de tendência à paráfrase (p+), terceira modalidade mais recorrente no *corpus*, foram encontradas diversas referências em que o autor, a despeito de fazer prevalecer a voz alheia convocada, também se utiliza de algumas marcas ou expressões que indicam uma gestão, ainda que menor, do plano enunciativo.

É o caso do uso de expressões conformativas como “segundo o autor”, “de acordo com o autor” ou “conforme o autor”, ou, ainda, no caso de marcas de atribuição do dito a um autor específico:

[...] Segundo Garcia (2016):

[texto com recuo] A sustentabilidade aparece, assim, como um critério normativo para a reconstrução da ordem econômica, como uma condição para a sobrevivência humana e um suporte para se chegar a um desenvolvimento duradouro, questionando as próprias bases da produção (LEFF, 2011, p. 15). Ela deve, portanto, estar alicerçada em três importantes dimensões: a ambiental, a social e a econômica (GARCIA, 2016, p. 137).

*Identificação: CI041101, grifos nossos.*

[nota de rodapé]<sup>32</sup> De acordo com Salo de Carvalho: “a referida Lei representa o marco simbólico do ingresso do Brasil no cenário internacional do grande encarceramento” (CARVALHO, 2015, p. 631).

*Identificação: CI022301, grifos nossos.*

Neste cenário, conforme Salo de Carvalho, não é apenas o Poder Legislativo, que atendendo à demanda criminalizadora, o único responsável pelos altos índices de prisionalização, o Poder Judiciário, ao menos durante as últimas duas décadas, tem aderido ao populismo punitivo e abdicado de ser um filtro constitucional à demanda criminalizadora, num verdadeiro “decisionismo populista”.<sup>8</sup>

[nota de rodapé]<sup>8</sup> CARVALHO, Salo de. [...].

*Identificação: CI022401, grifos nossos.*

Podemos perceber situação próxima nos casos em que há marcas de discurso indireto, como “afirma”, “diz” ou “indica”, que não revelam propriamente uma apreciação ou valoração do dito alheio, também devolvendo apenas certa parcela da gestão enunciativa ao próprio autor citante:

Neder apud Carvalho (2015, p. 627) afirma que:

[texto com recuo] Para as almas guardadas em depósitos de misérias poucas perspectivas se apresentavam. De pouco adiantavam os apelos e reflexões no sentido da insuficiências e da ineficácia da ação judicial. As metáforas utilizadas revelam como, de fato, tais questões eram encaradas. O assunto se estende, entretanto, encobrendo, pelo posicionamento rebuscado de uma ilustração liberal, as diretivas repressivas e exterminadoras da ação judicial.

*Identificação: CI020102, grifos nossos.*

#### 4.1.2.3 Casos de metáfrase prototípica (m++) no corpus

No que diz respeito à metáfrase prototípica (m++), menos recorrente no *corpus*, uma situação encontrada é a construção de uma referência atribuída globalmente a vários autores e textos:

[nota de rodapé] <sup>6</sup> Para pesquisas demonstrando o viés menorista do Judiciário brasileiro e, conseqüentemente, sua contribuição ao encarceramento juvenil, SOUZA [...]; FERRAZ [...]. CORNELIUS [...]. SPOSATO [...]; MINAHIM, [...]. CARVALHO [...].

*Identificação: CI021201, grifos nossos.*

Contudo, a seleção por concurso público tem sido questionada por não selecionar os melhores candidatos, como pregado pelas ideologias acadêmica e profissional (Fontainha et al., 2015; Mendes, 2011; Morici & Barbosa, 2013). [...]

*Identificação: CI030903, grifos nossos*

No último caso acima, aliás, é possível perceber que há uma incorporação complexa do dizer alheio, uma vez que o dito “selecionar os melhores candidatos” pode ser atribuído mais diretamente ao que o autor rotula como “ideologias acadêmica e profissional” — uma atribuição indeterminada, portanto —, enquanto todo o dito pode ser relacionado aos discursos de origem referenciados entre parênteses, que abrigam três textos de autores diversos.

Como é possível perceber, a indicação de fontes variadas faz com que a voz dos autores mencionados em parênteses exsurja menos evidente, prevalecendo, no plano enunciativo a voz do próprio autor que faz a referência.

Uma segunda possibilidade, bastante semelhante à anterior, é a situação em que o autor recorre a várias vozes e as incorpora em trechos variados, num mosaico de referências em que se percebe maior participação e evidência da voz do próprio autor que realiza a referenciação múltipla.

Nesse sentido, é comum que se aponte e valorize o marco da diversidade nas constituições do NCLA<sup>29</sup>, ou, ainda, a ampliação do conceito de cidadania nessas novas conformações constitucionais<sup>30</sup>. Todavia, tanto a diversidade quanto a ampliação da cidadania continuam atuando de forma limitada no novo constitucionalismo, encontrando, na tutela das pessoas LGBTI, uma de suas principais barreiras. [...]  
 [nota de rodapé]<sup>29</sup> MAGALHÃES [...].  
 [nota de rodapé]<sup>30</sup> BELLO [...].

*Identificação: CI010601*

No caso acima, faz-se referência, num primeiro momento, a discurso atribuído a um autor e, posteriormente, a discurso atribuído a outro. Por fim, realiza-se, numa terceira parte, uma contraposição em que apenas se revela a própria voz do autor citante. Como vemos, há no primeiro e no segundo trechos uma referenciação múltipla, em que o autor recorre ao dizer alheio para criar um panorama em que sua voz se revela predominante, com apagamento das vozes alheias. Além disso, é possível notar que o autor também se utiliza de atribuições indeterminadas, especialmente pela expressão “é comum que se aponte e valorize”.

Podemos indicar, ainda, caso bastante semelhante encontrado no *corpus*, seja no que diz respeito ao mosaico de referências, seja no que diz respeito a marcas de atribuição indeterminada:

[...] As pesquisas revelam que jovens negros estão sendo encarcerados sob acusação de tráfico de drogas ainda que estejam portando quantidades muito pequenas de substâncias ilícitas (Carvalho, 2016), verificando-se maior incidência de violência física e tortura contra pessoas negras nos casos de abordagem policial (Brasil, 2013), e, por fim, reiteradas e sucessivas denúncias de seletividade racial (racial profiling) nos julgamentos e nas abordagens de pessoas negras acusadas de tráfico de drogas no Brasil (Duarte et al., 2014).

*Identificação: CI021001*

Como vemos, há inicialmente a atribuição indeterminada através da expressão “as pesquisas”, recorrendo o autor citante, posteriormente, em cada trecho, a discursos alheios distintos, atribuídos a três fontes.

#### 4.1.2.4 Casos de tendência à metáfrase (m+) no corpus

No que diz respeito à postura de tendência à metáfrase (m+), modalidade com maior expressão no *corpus*, uma primeira situação em que é possível perceber não o esvanecimento das vozes alheias, mas apenas certo distanciamento, é operado através do uso do futuro do pretérito, normalmente a fim de se evidenciar algum tipo de ressalva do autor citante. Nesses casos, percebemos que a voz alheia, embora não chegue a dirigir a enunciação, não se encontra tão esvanecida como nos casos prototípicos de metáfrase (m++) analisados anteriormente.

Como modalidade tendente à metáfrase, através do uso do futuro do pretérito, pode ser destacada a seguinte referência do *corpus*:

[...] Carvalho (2015, p. 627) sustentaria que o baixo índice de condenação dos agressores reflete a profunda mentalidade preconceituosa e conservadora dos atores judiciais que, ainda que inconscientemente, atuam de modo a ocultar os verdadeiros conflitos raciais.

*Identificação: CI020101, grifos nossos.*

Como vemos, o fato de o autor utilizar o verbo “sustentaria” no futuro do pretérito, aqui, nos mostra que não há uma assunção irrestrita do dizer alheio, mas uma assunção com algum tipo de distanciamento ou reserva.

Caso próximo em que é possível detectar certo distanciamento do autor em relação ao dito alheio ocorre através do uso de expressões dubitativas, como o verbo “parecer”.

Tal atividade criadora parece encontrar ainda mais espaço nos dois objetos aqui recortados: “a vagueza e ambiguidade” que caracterizam a lei de drogas, são preenchidas pelo judiciário “por punitividade” (CARVALHO, 2015, p. 632). [...]

*Identificação: CI020403a, grifos nossos.*

Novamente, vemos, com a utilização do verbo “parecer”, certa ressalva do autor, que preserva para si a prevalência de vozes na enunciação.

Outra situação em que é possível perceber uma tendência à metáfrase é o da introdução de marcas que contêm valoração ou apreciação do autor sobre o dito alheio, independentemente de seu grau positivo, neutro ou negativo, como as marcas de discurso indireto que revelam algum tipo de julgamento do autor. Exemplos de expressões nesse sentido são “chama a atenção”, “analisa”, “conclui”, “destaca”, “sublinha” etc.:

[...] Salo de Carvalho (2016) analisa:

[texto com recuo] A Polícia, historicamente cúmplice das políticas escravagistas, durante o período da Ditadura Civil-Militar densificou as funções de seletividade racial, ampliando a violência institucional refletida nas práticas de extermínio da juventude negra. Em paralelo, as demais agências do sistema punitivo (Ministério Público e Poder Judiciário) efetivam a seletividade operada pelas Polícias e colocam em marcha processos de criminalização e de encarceramento fundados em uma lógica nitidamente racista. (DE CARVALHO, 2016, p.648-649).

*Identificação: CI021801, grifos nossos.*

[nota de rodapé]<sup>23</sup> Com efeito, Henriete Karam (2017, p. 1032) chama a atenção para o fato de que: “da mais exata e rigorosa reprodução de um texto, resulta o máximo de diferença, tendo em vista não tanto a historicidade que, naturalmente, estará impressa em cada um dos textos a partir do contexto de sua produção – a qual, no caso da réplica de Menard, abarcaria, inclusive, a leitura já incorporada do texto de Cervantes – e que, por si só, possibilitaria novas interpretações, mas, sobretudo, a historicidade implicada nos significados atribuídos a tais textos por diferentes *comunidades interpretativas*”.

*Identificação: CI050101, grifos nossos.*

[nota de rodapé] <sup>19</sup> Esse parece ser um argumento de alcance limitado no Brasil. A partir da análise dos processos seletivos e remunerações de cargos no Poder Executivo federal, Fontainha, et al. (2015, pp. 692-693), concluíram que no caso das carreiras jurídicas no Brasil não há uma associação meritória entre titulação acadêmica e salário. Conforme os dados, doutores recebiam cerca de 20 % menos que bacharéis, e mestres tinham salários similares aos dos servidores com ensino médio.

*Identificação: CI030401, grifos nossos.*

[...] Essa lógica se utiliza na reprodução de uma imagem de catástrofes violentas como se fosse regra, injetando na mente do senso comum um sentimento de insegurança que não condiz com a realidade do dia a dia, com o intuito de projetar no “criminoso” o inimigo da sociedade “de bem”, Salo de Carvalho enxerga nesse mecanismo um verdadeiro projeto de “criminalização da miséria”, onde a desumanização e o encarceramento em massa de jovens negros é apagado ou justificado com esse cenário de caos produzido pela mídia.<sup>44</sup>

<sup>44</sup> CARVALHO, 2015, p. 628

*Identificação: CI020301, grifos nossos.*

Além das marcas de discurso indireto que contêm em si uma apreciação, é possível encontrar outras ocorrências semelhantes que expressam valoração ou julgamento sobre o dito alheio, como em:

Dentro da lógica precípua de proteção dos bens jurídicos mais relevantes que o direito penal se propõe a salvaguardar, é observada de forma clara a existência de um direcionamento, seja no âmbito legislativo ou na aplicação das leis dentro do sistema penal, incluindo neste ponto as abordagens policiais e a contribuição do judiciário<sup>117</sup>, com a imputação diferenciada a certos grupos, mais precisamente da raça negra.

[nota de rodapé] <sup>117</sup> CARVALHO, Salo. [...]

*Identificação: CI022801, grifos nossos.*

[...] A ideia de que a finitude dos recursos naturais era visível ganhou atenção, haja vista se perceber a necessidade de proteção com o objetivo de garantir a sobrevivência da espécie humana e de um ambiente saudável para as próximas gerações<sup>13</sup>. [...]

[nota de rodapé] <sup>13</sup> GARCIA, Denise Schmitt Siqueira. [...]

*Identificação: CI040201, grifos nossos.*

Como vemos, é comum que tais marcas de apreciação estejam acompanhadas de estruturas genéricas ou indeterminadas, como “o direito penal” e “a ideia”, além de estruturas impessoais, como “é observada a [...] existência”, o que provoca também um efeito de distanciamento do autor em relação ao dito alheio e maior predominância de sua própria voz.

A tendência à metáfrase é também caracterizada nas situações em que o autor realiza comparações ou oposições entre a voz alheia e trecho anterior em que predomina sua própria voz, o que promove um distanciamento em relação ao dito alheio e uma maior proeminência de sua própria voz. Nesses casos, é comum surgirem marcas como “no entanto”, “em contrapartida”, “contudo” etc.



As críticas ao hiperencarceramento nacional têm como alvo principal o Legislativo, sobretudo as críticas advindas da “comunidade jurídica”. Contudo, o Legislativo se é responsável, o é apenas em parte. Deixa-se oculta a responsabilidade do Poder Judiciário pelo alto índice de aprisionamento, sobretudo pelo encarceramento massivo da juventude negra<sup>222</sup>.  
 [nota de rodapé] <sup>221</sup> CARVALHO, Salo. [...]  
 [nota de rodapé] <sup>222</sup> Ibidem.

*Identificação: CI022804, grifos nossos.*

No exemplo acima, vemos um primeiro trecho em que predomina a voz do autor, que faz referência indeterminada à voz alheia em “as críticas”. Já no segundo trecho, em que ocorre uma reformulação do discurso alheio atribuído ao autor convocado, o discurso alheio surge como uma contraposição, de modo que a voz própria do autor predomine diante da alheia, embora não apagando o discurso referenciado.

Por fim, podemos apontar certas situações em que os autores introduzem marcas metaenunciativas que evidenciam a relação com outras vozes, como em “recorro a”, “invoco o autor”.

[...] Recorro a Salo de Carvalho para levantar o entendimento que apesar da visão vendida de que o Brasil é o país da impunidade, na realidade o Brasil é um país que pune muito e pune mal, além de gastar demais com um projeto que já se demonstrou fracassado. [...] <sup>47</sup>  
 [nota de rodapé] <sup>47</sup> CARVALHO, 2015, p.649

*Identificação: CI020303, grifos nossos.*

[nota de rodapé] <sup>23</sup> Porque a Lei dos Crimes Hediondos ocupa lugar de destaque nessa análise? Muito simplesmente por que comungamos do entendimento de que este diploma legislativo, mais do que qualquer outro, “representa o marco simbólico do ingresso do Brasil no cenário internacional do grande encarceramento” (CARVALHO, 2015, p. 631).

*Identificação: CI021701, grifos nossos.*

Nesse tipo de referência, é possível perceber que a voz dos autores controla, em maior grau, a enunciação, inclusive através de marcas que evidenciam essa gestão enunciativa, integrando vozes alheias com algum tipo de distanciamento.

#### 4.1.2.5 Casos de indeterminação ou ambiguidade (p ou m) no corpus

Por fim, em relação à postura enunciativa em que há indeterminação quanto à paráfrase ou à metáfrase, trago a seguinte referência do *corpus*:

[...] Carvalho (2015) aponta ainda a decisiva contribuição do judiciário no encarceramento da juventude negra – sendo raça elemento central na construção estereótipo criminal, conforme discutido nos capítulos 1 e 2 – a partir de uma atuação “seletivamente racista” (p. 630) [...]

*Identificação: CI020404, grifos nossos.*

No caso acima, é possível observar a presença concomitante de marcas parafrásticas e metafrásticas, o que leva à indeterminação ou ambiguidade da modalidade. Em “Carvalho aponta”, é possível perceber certa projeção mais acentuada do discurso alheio convocado, ainda que o autor indique recuperar parcela da gestão enunciativa. Porém, em seguida, com a criação de um espaço relativamente autônomo na enunciação através de travessões, percebe-se claramente uma predominância da voz autoral, inclusive pela utilização da expressão metaenunciativa “discuto”, além de uma anáfora a outro trecho de seu texto. Trata-se de caso em que não há, globalmente, como se concluir pela prevalência de uma das vozes no enunciado.

Um segundo caso de indeterminação ou ambiguidade apresenta-se a seguir, em duas referências agrupadas:

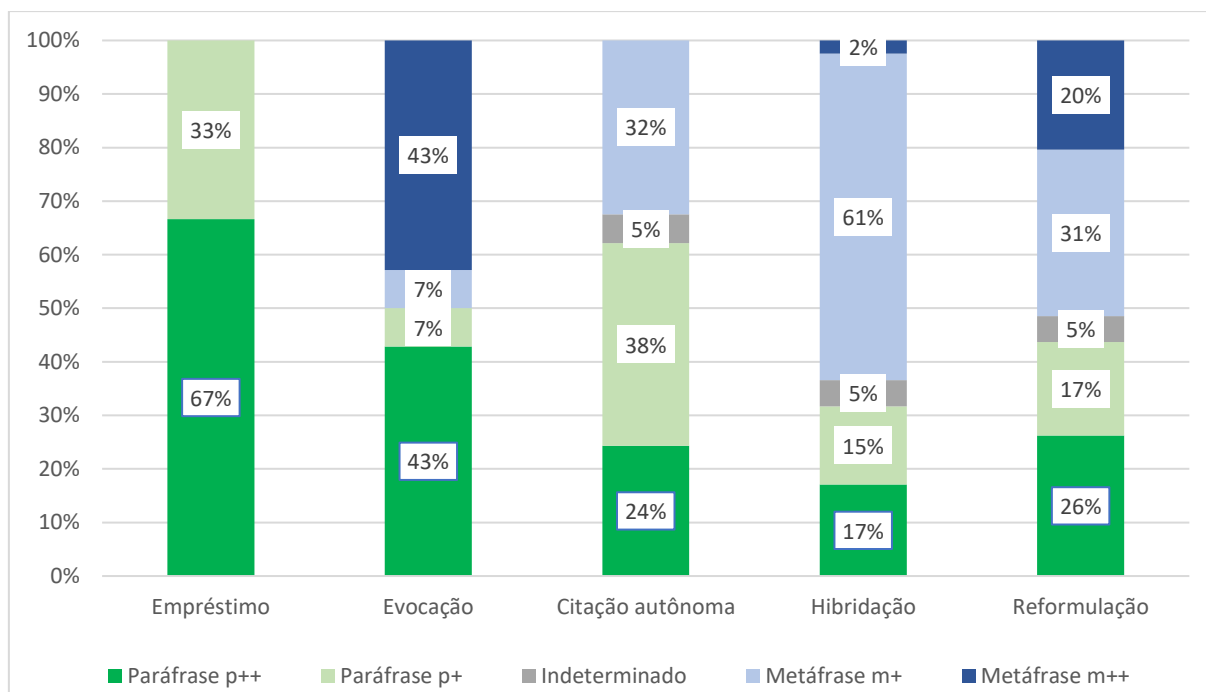
Para Salo de Carvalho (2015) o saber criminológico reproduzido na formação acadêmica acaba por legitimar a autêntica “criminalização da miséria”, que tem no Judiciário o instrumento privilegiado de consolidação da violência institucional, frise-se, encontrando como defensor o senso comum estimulado pelos meios de comunicação. Corajosamente, Salo de Carvalho, afirma que:  
 [texto com recuo] Desde o plano da racionalidade jurídica formal (das “regras” que orientam a atuação dos atores), inexistem diretrizes vigentes e válidas que permitam perceber ou até mesmo justificar uma atuação seletivamente racista do Poder Judiciário. Como é bastante fácil perceber, o ordenamento jurídico nacional não poderia admitir regras que explicitassem a vulnerabilidade da juventude negra à criminalização seletiva. No entanto, desde uma perspectiva material (das “metarregras” que influenciam a ação dos atores), os dados de encarceramento no mínimo indiciam este agir seletivo das agências policial e judicial, exteriorizando uma espécie de naturalização de práticas racistas pelos poderes constituídos que se reflete no direcionamento das instituições punitivas (2015, p. 629).  
*Identificação: CI021902a e CI021902b, grifos nossos.*

No caso desse grupo de referências, ambas classificadas como ambíguas ou indeterminadas em relação à modalidade de gestão enunciativa, percebemos as marcas parafrásticas “para Salo de Carvalho” e “Salo de Carvalho afirma”, ambas, em tese, relacionadas a uma postura tendente à paráfrase. Aliado a isso, temos, globalmente, uma forte presença do texto literal de AC02. Porém, de forma concomitante à presença dessas marcas, há marcas metafrásticas como “frise-se” e “corajosamente”, em que se faz uso de expressão metaenunciativa e, ainda, modalização apreciativa do dizer alheio. Como vemos, globalmente, há uma ambiguidade ou indeterminação da modalidade.

#### ***4.1.3 Comparação entre formas e modalidades de referência***

Considerando a análise de dois aspectos das referências, sua forma e a modalidade da gestão enunciativa, o cruzamento desses dados ofereceu resultados interessantes:

**Gráfico 7 – Comparação entre formas e modalidades de referência no *corpus***



**Fonte: elaborado pelo autor (2023).**

Quanto ao empréstimo, grupo de referências bastante reduzido no *corpus*, houve uma postura exclusivamente parafrástica — p+ e p++ — (embora com maior destaque para as posturas prototípicas, ou seja, p++), o que indicia o fato de o empréstimo, muitas vezes, ao gerar uma autonomia relativa do dizer alheio, operar predominantemente por uma lógica em que a voz do autor se assimila à voz convocada, sem se destacar no plano enunciativo. Essa conclusão pode explicar também a prevalência das posturas parafrásticas no caso das citações autônomas, considerando-se o destaque que a literalidade do texto convocado assume no plano da enunciação, criando, assim, maior possibilidade de que o discurso alheio prevaleça enunciativamente.

Com efeito, na citação autônoma, vemos uma prevalência da postura parafrástica — p+ e p++ — (62%), embora também a postura tendente à metáfrase — m+ — tenha sido relativamente importante (32%), sobretudo nos casos em que o autor citante expressava valorações ou se referia explicitamente à enunciação própria para marcar algum distanciamento em relação à voz alheia. Ou seja, mesmo nos casos em que a literalidade do texto alheio se encontra presente no discurso do autor, há espaço para que sua voz soe ainda mais nítida que a do discurso alheio convocado.

A evocação apresenta equilíbrio quanto às posturas de parafrase — p+ e p++ — (50%) e de metáfrase — m+ e m++ — (50%). Assim, temos a parafrase, nos casos em que apenas a

menção ou alusão ao texto alheio não leva à prevalência da voz autoral, mas exatamente à daquela mencionada; por outro lado, temos a metáfrase em casos, por exemplo, em que o autor realiza várias evocações, num panorama de referências à voz alheia em que há um controle maior da enunciação em sua figura.

A hibridação, por sua vez, mostra no *corpus* uma forte prevalência da metáfrase — m+ e m++ — (63%), com destaque acentuado da tendência à metáfrase — m+ — (61%), ou seja, àquelas situações em que o autor, ao convocar a voz alheia, marca-se mais distintamente ou se distancia do dito alheio. De todo modo, a paráfrase — p+ e p++ —, com a assimilação da voz autoral à voz alheia, também é relativamente expressiva (32%). Esse resultado é bastante interessante considerando-se o fato de que a hibridação, como forma, permite ao autor realizar operações tanto de reformulação como de integração da literalidade do texto alheio, o que gera a possibilidade de que sua voz soe, então, mais proeminente. O fato de a reformulação integrar essas formas híbridas certamente se coloca como ponto que viabiliza maior destaque da voz autoral, portanto.

Por fim, na reformulação, temos um quadro de distribuição equilibrada no *corpus*, revelando-se a grande variabilidade das posturas que os autores assumem ao integrarem a voz alheia em seu próprio discurso, seja assimilando sua voz à citada, seja marcando distanciamentos e mesmo o apagamento da voz convocada em razão da prevalência de sua própria. No que diz respeito à reformulação especificamente, entendo que a análise da modalidade das posturas enunciativas contribui de forma sensível a uma maior compreensão da heterogeneidade enunciativa, revelando-se distintos relacionamentos possíveis entre as vozes autoral e alheia, ainda que se mantenha, sob a estrutura e a forma, uma identidade.

## **4.2 Descrição e análise dos grupos do *corpus***

Neste ponto, passo a analisar especificamente cada um dos cinco grupos do *corpus*, a fim de destacar particularidades que sobressaíram na análise, sobretudo no que diz respeito à função das referências e sua relação com a temática principal de ambos os textos.

### **4.2.1 Grupo AC01**

Neste grupo, incluem-se 20 ocorrências de referência, realizadas em 12 trabalhos citantes do artigo “O pensamento descolonial e o modelo de cidadania do novo constitucionalismo latino-americano”, de Enzo Bello, publicado em 2015.

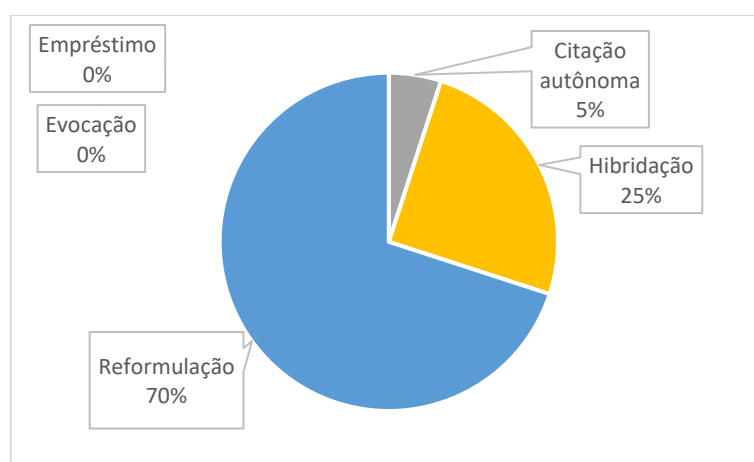
#### 4.2.1.1 Dados gerais dos trabalhos citantes de AC01

Inicialmente, é interessante observar, nesse grupo, que a média de referências por trabalho citante foi mais baixa (1,67, contra 2,18 do *corpus*), o menor número dos cinco grupos. Esse índice, algo discrepante em relação aos demais grupos, pode representar um modo particular de como os autores se relacionam com o discurso alheio, bem como das funções principais que o texto de AC01 assume na argumentação desses autores. De todo modo, é de se levar em conta, também, o fato de que o universo quantitativo dos trabalhos citantes é também pequeno (12 trabalhos), motivo por que qualquer generalização, aqui, parece ser pouco fiável.

Já no que diz respeito à formação acadêmica dos autores citantes, o grupo apresenta uma distribuição equilibrada. Considerando a questão da escrita em coautoria, percebeu-se, contudo, maior assimetria, havendo uma maior projeção em trabalhos escritos em coautoria entre autores em formação e autores especialistas (58,3%); seguida de trabalhos escritos somente por autores em formação (25%); já os trabalhos escritos unicamente por especialistas foram minoria (16,7%).

Quanto às formas de referência utilizadas pelos autores no grupo, tem-se o seguinte panorama:

**Gráfico 8 – Formas de referência no grupo AC01**



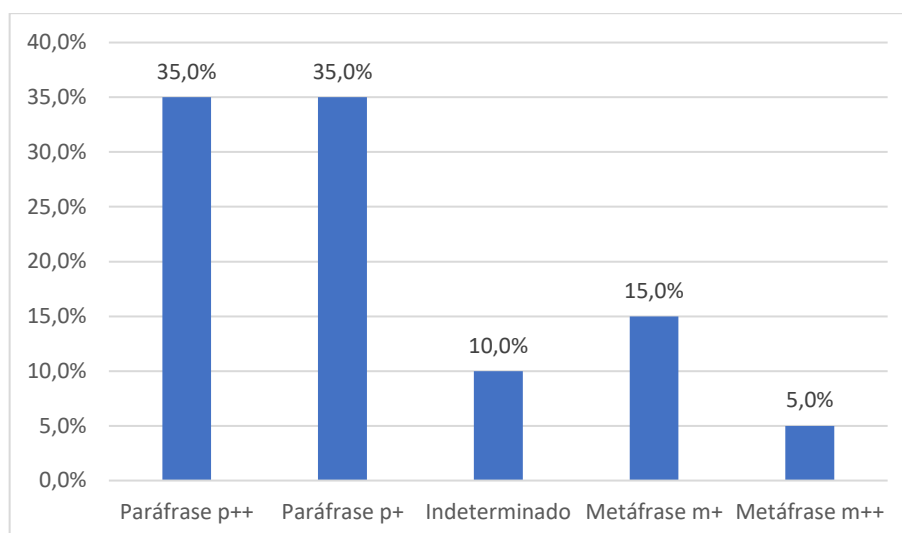
Fonte: elaborado pelo autor (2023).

Chama a atenção o fato de as ocorrências de evocação e de empréstimo serem nulas. Além disso, observou-se uma expressiva presença de reformulação (70%, contra 52% do *corpus*), seguida da hibridização (25%, contra 21% do *corpus*), mas pequena expressão de citação autônoma (5%, contra 19% do *corpus*). Desse cenário, demonstra-se uma maior

integração do discurso de AC01 nos discursos dos autores, com menor destaque da literalidade do texto.

No que diz respeito à modalidade e à gestão enunciativa de vozes, temos o seguinte resultado:

**Gráfico 9 – Modalidades de referência no grupo AC01**



**Fonte: dados da pesquisa (2023)**

Chama nossa atenção, nesse grupo, a forte prevalência da paráfrase prototípica e da tendência à paráfrase, com 70% (contra 46% do *corpus*), ao passo que a metáfrase e a tendência à metáfrase constituem apenas 20% das ocorrências (contra 49,5% do *corpus*). Além disso, o índice de tendência à metáfrase diverge fortemente do total do *corpus* (15% contra 35,4%).

#### 4.2.1.2 Análise dos trabalhos citantes e das funções das referências a AC01

Ao se realizar a leitura do conjunto de referências do grupo, é possível formular algumas divisões a partir de critérios baseados na temática ou nas funções das referências.

De um lado, podemos perceber certo grupo de referências que se apoia nos trechos iniciais do texto do artigo AC01, em que seu autor faz uma descrição dos estudos decoloniais e de seus conceitos básicos. Tais referências visavam sobretudo, nos textos dos autores citantes, a explicar o conceito de uma teoria. Já de outro lado, há um grupo de referências aos trechos do desenvolvimento e da conclusão do artigo AC01, em que seu autor faz análises sobre os modelos moderno e contemporâneo de cidadania, bem como aprofunda os temas do novo

constitucionalismo latino-americano, trazendo posições críticas e conclusões de seu estudo. Nesse caso, as referências apresentam funções bastante mais variadas.

Trago aqui exemplos do primeiro grupo, em que as referências visam sobretudo a caracterizar o campo de estudos da decolonialidade, como na referência a seguir:

A decolonialidade vai além do caráter geográfico de acordo com Bello (2015). [...] *Identificação: CI010201a*

Nesse caso, é interessante perceber como o autor busca, no texto de AC01, conteúdo para fundamentar uma afirmação sobre determinada área de estudos, integrando o texto do autor por uma reformulação em posição de tendência à paráfrase (p+), ou seja, deixando prevalecer não a sua, mas a voz do autor de AC01. Tal comportamento discursivo parece bastante plausível se consideramos o fato de que o autor citante, em formação, recorreu ao texto citado para fundamentar um campo de estudos não central à sua pesquisa, deixando prevalecer, numa reformulação de trecho pequeno do artigo, a voz de um especialista da área.

Também do primeiro grupo, pode-se citar este exemplo particular:

[...] Na decolonialidade, a cidadania é pensada num viés emancipatório/liberador e transformador em relação aos padrões opressores do paradigma moderno-colonial-capitalista (BELLO, 2015, p. 50). [...] *Identificação: CI010301*

Essa última referência, aliás, chama a atenção pelo fato de se referir a um trecho da introdução do artigo AC01 em que seu autor não chega a analisar o tema da cidadania em oposição aos padrões do capitalismo, a contrário do que pode parecer pela leitura de CI010301. Na verdade, em AC01, o autor refere-se à segunda etapa de sua pesquisa, mencionando artigo futuro que incluiria possíveis relações entre o descolonialismo e o marxismo. É interessante verificar, portanto, como os autores, de formação acadêmica mista, assimilam seu discurso com o do autor de AC01, numa posição de paráfrase prototípica (p++) em que prevalece a voz do autor especialista, ainda que realizem um deslocamento acentuado do sentido do texto de origem. Podemos refletir, portanto, como a reformulação, numa postura de paráfrase prototípica, acabou por atribuir à voz do autor algo que, em tese, era formulado pelos próprios autores citantes.

Com ambas as referências, que dialogam com trechos introdutórios do texto AC01, já percebemos ser complexa a tarefa de atribuir qualquer valoração do peso argumentativo e do

impacto de dado texto em relação a outros trabalhos acadêmicos e científicos, dada a importante heterogeneidade de práticas, usos, funções e resultados da referência ao discurso alheio.

Trago, ainda, como exemplo do segundo grupo, referência que dialoga com a parte final de AC01, numa reformulação que recupera longo trecho do artigo citado:

[...] Sem que se instaure um processo contínuo de construção das condições necessárias para desobstruir os obstáculos econômicos e políticos à concretização dos direitos consagrados por estes documentos constitucionais, corre-se o risco de que o novo constitucionalismo latino-americano, obliterado pelos fatores reais de poder, caia na armadilha do nominalismo. (BELLO, 2015, p. 57-60).

*Identificação: CI010501*

Percebe-se, pela extensão da reformulação, um forte diálogo com o discurso de AC01, que prevalece enunciativamente mediante uma paráfrase prototípica (p++).

Prosseguindo, se, de um lado, foi possível identificar uma divisão quanto aos temas abordados nas referências dos autores do grupo, também foi possível perceber, de outro, uma separação baseada especialmente na função da referência.

Nesse sentido, cerca de metade do grupo de referências em AC01 apresenta uma correlação mais profunda e integra os argumentos centrais dos trabalhos dos autores citando.

Nesse grupo, por exemplo, encontra-se boa parte das citações realizadas em um artigo em que os autores, de formação mista, fazem referência ao texto AC01 por 7 vezes. Grande parte dessas citações passa por temas importantes em AC01 e para o texto dos próprios autores citantes. Como exemplo de referência nesse artigo, pode-se indicar este caso de hibridação em que os autores fazem uso da referência para fundamentar uma conclusão, assumindo uma posição de tendência à metáfrase (m+) em relação à voz alheia:

Destaca-se, então, que o pensamento descolonizante não deve significar um completo abandono das tradições e pensamentos europeias, mas sim, um redefinir da compreensão moderna da totalidade hegemônica universalista por meio de um pluralismo, que envolveria a “diversidade de perspectivas epistemológicas, políticas e econômicas em nível global, sem superioridade de uma sobre as demais” (BELLO, 2015, p. 52).

*Identificação: CI010403a*

Na metade restante, por sua vez, a referência aparece com traços distintos e funções mais acessórias, seja de reforço, seja de contraponto, seja de ilustração, atuando num nível menos profundo na argumentação dos autores citantes. De todo modo, não se pode afirmar que sejam menos ou mais importantes na argumentação, mas apenas referências funcionalmente distintas.



Nesse grupo, é possível indicar um artigo científico que aborda as áreas de comunicação e educação ambiental. Nele, os autores, de formação mista, reformulam o discurso de AC01 para realizar uma breve apresentação da perspectiva decolonial:

[...] Segundo Bello (2015) essa percepção valorativa e contextualizada do pensamento é compreendida como pós ou descolonial. [...]

*Identificação: CI011201a*

Ou seja, os autores, ao reformularem o texto de AC01, assimilam sua voz àquela convocada, apagando sua própria voz e fazendo prevalecer a do autor citado. De todo modo, mantêm-se em uma postura tendente à paráfrase (p+), e não numa postura parafrástica prototípica (p++), uma vez que resgatam certa parcela da gestão enunciativa através da expressão “segundo Bello”. Tal postura pode se explicar em razão de o autor ser convocado, aqui, para apontar elemento conceitual e que pertence a temática não central do texto dos autores que fazem a referência, razão pela qual a total assimilação de vozes não parece ser desejável, nesse caso.

Também nesse segundo grupo, podemos situar um artigo em que os autores em formação convocam o texto de AC01 a fim de indicar a existência de estudo sobre a ampliação do conceito de cidadania no contexto da América Latina:

Nesse sentido, é comum que se aponte e valorize o marco da diversidade nas constituições do NCLA<sup>29</sup>, ou, ainda, a ampliação do conceito de cidadania nessas novas conformações constitucionais<sup>30</sup>. Todavia, tanto a diversidade quanto a ampliação da cidadania continuam atuando de forma limitada no novo constitucionalismo, encontrando, na tutela das pessoas LGBTI, uma de suas principais barreiras. [...]

[nota de rodapé]<sup>29</sup> MAGALHÃES [...].

[nota de rodapé]<sup>30</sup> BELLO [...].

*Identificação: CI010601*

Vê-se, nesse exemplo, que a referência é realizada para marcar uma posição clara dos estudos brasileiros sobre a ampliação do conceito de cidadania a partir do movimento decolonial — funcionando o discurso alheio como ilustração dessa posição —, embora os autores partam dessa base teórica para tecerem suas próprias considerações dirigidas à temática específica de seu artigo.

Tal divisão ofereceu um ponto de partida importante para a análise qualitativa mais detalhada de todas as ocorrências de referência do grupo. De toda forma, entendo que ela não implica, *a priori*, que as referências do primeiro grupo sejam necessariamente mais relevantes ou apontem alguma singularidade do texto referenciado que lhe imprima maior qualidade ou importância em projeção, como venho observando.

Isso pode ser até mesmo percebido no último exemplo que aponto, já que, apesar de o texto de AC01 não se relacionar de forma direta com a temática do trabalho citante, tampouco sendo sua voz predominante no trecho, a referência oferece um argumento importante para que os autores possam situar o leitor quanto à existência de visões que valorizem o novo constitucionalismo latino-americano, para, posteriormente, se oferecer um contraponto crítico sobre a situação específica da cidadania na esfera dos direitos LGBTI.

#### **4.2.2 Grupo AC02**

Nesse grupo, são analisadas questões relativas às 75 ocorrências de referência, realizadas em 30 trabalhos citantes do artigo “O encarceramento seletivo da juventude negra brasileira: a decisiva contribuição do Poder Judiciário”, de Salo de Carvalho, publicado em 2016.

##### *4.2.2.1 Dados gerais dos trabalhos citantes de AC02*

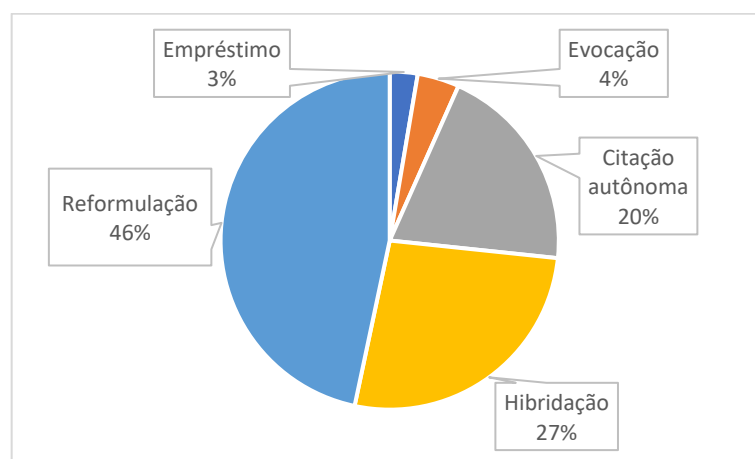
Quanto à média de referências por trabalho citante do grupo, é interessante observar que os números foram mais altos que os demais (2,5, contra 2,18 do *corpus*), sendo também bem mais expressivo o número de trabalhos que citaram AC02 por mais de uma vez. Aliás, os trabalhos citantes que continham 4 ou mais citações não foram exceção no grupo, ao contrário do que normalmente ocorreu nos demais.

Pode ser bastante difícil apontar razões específicas para a diferença encontrada nos parâmetros de referência nesse grupo. De qualquer modo, é importante ter em mente que o artigo AC02 pode apresentar tais particularidades quantitativas em razão de se situar em área mais tradicional do Direito (Direito Penal), tratando também de tema da pauta atual da sociedade e que se relaciona com várias disciplinas tradicionais da Sociologia, o que poderia promover maior alcance e popularidade. Além disso, como vimos, é um autor com um número global de citações bastante elevado. Aliás, uma informação que chama a atenção no grupo de trabalhos citantes de AC02 é a menção de alguns autores à contribuição do autor referenciado como orientador ou a menção à sua participação como membro da banca avaliadora de trabalhos de conclusão de curso. Ou seja, não se pode descartar que outros fatores alheios à temática sejam também determinantes para que seu texto tenha sido referenciado não somente por vários autores, como também por várias vezes.

No que diz respeito à formação acadêmica dos autores citantes, de forma global, percebeu-se no grupo AC02 uma presença bastante mais forte de autores em formação (72%). Além disso, se analisarmos a distribuição dos autores considerando a questão da coautoria, nota-se também uma distribuição muito concentrada de trabalhos realizados somente por autores em formação (73,33%); já os trabalhos escritos unicamente por especialistas (13,33%), ou mesmo aqueles feitos por coautores de formação mista (13,33%), foram minoria. O maior impacto nos trabalhos de autores em formação é algo digno de nota, sobretudo se comparamos, por exemplo, os dados dos outros grupos do *corpus*, em que houve uma participação, comparativamente, mais expressiva de autores especialistas.

Considerando as formas de referência encontradas no grupo AC02, tem-se o seguinte panorama:

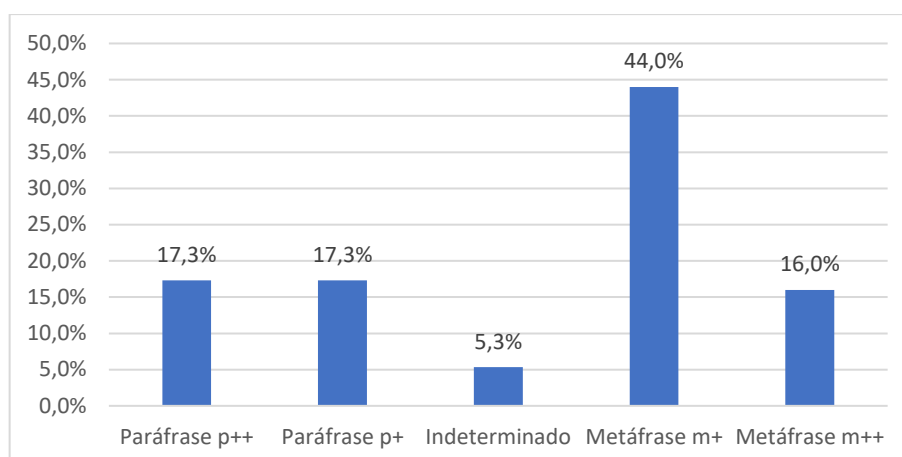
**Gráfico 10 – Formas de referência no grupo AC02**



Fonte: elaborado pelo autor (2023).

Vemos, no grupo, o empréstimo com maior expressão em relação ao global do *corpus* (3%, contra 1%) e a evocação, com menor expressão (4%, contra 7%). O percentual de citação autônoma é próximo do global (20%, contra 19%). No grupo, ademais, vê-se uma distribuição mais equilibrada entre as várias formas, ainda que prevaleça a reformulação.

No que diz respeito à modalidade e à gestão enunciativa de vozes na referenciação, temos o seguinte resultado:

**Gráfico 11 – Modalidades de referência no grupo AC02**

Fonte: dados da pesquisa (2023)

Nesse grupo, a paráfrase e a tendência à paráfrase são mais reduzidas (34,6%, contra 46% do *corpus*), ao passo que a metáfrase e a tendência à metáfrase apresentam o percentual de 60% (contra 49,5% do *corpus*), com forte predomínio das posturas tendentes à metáfrase (44%, contra 35,4% do *corpus*).

#### 4.2.2.2 Análise dos trabalhos citantes e das funções das referências a AC02

A partir de uma análise do conjunto de referências do grupo, é possível formular algumas observações.

Praticamente todos os trabalhos citantes de AC02 apresentam temas relacionados de forma direta ao seu, salvo poucos trabalhos que apresentam abordagens de outra área do conhecimento.

Vários trabalhos citantes desenvolvem movimentos que se assemelham a resumos ou resenhas do texto, sendo possível perceber um forte diálogo entre a pesquisa do autor citado (AC02) e a pesquisa realizada pelos autores citantes, o que condiz com o alto impacto já detectado especialmente dentre o grupo de pesquisadores em formação. Como exemplo, a seguinte reformulação feita por autor em formação, em trabalho de conclusão de curso de graduação, em que se faz referência a AC02 por 4 vezes:

[...] Recorro a Salo de Carvalho para levantar o entendimento que apesar da visão vendida de que o Brasil é o país da impunidade, na realidade o Brasil é um país que pune muito e pune mal, além de gastar demais com um projeto que já se demonstrou fracassado. [...] <sup>47</sup>  
[nota de rodapé] <sup>47</sup> CARVALHO, 2015, p.649

Identificação: CI020303

Nela, é perceptível como o discurso alheio é trazido para compor a argumentação do autor paralelamente à sua voz própria, na medida em que se usa marca metaenunciativa (“recorro a Salo de Carvalho para levantar o entendimento”), estabelecendo-se uma posição tendente à metáfrase (m+).

Chamou especialmente a atenção, ainda, a alta recorrência de referências em torno da expressão “metarregra de interpretação racista”, elaborada pelo autor de AC02. Nesses casos, a forma de hibridação surge com mais proeminência, havendo destaque para a literalidade do texto do autor:

[...] Mostra também que, das pessoas privadas de liberdade, 54,06% são de jovens entre 18 até 29 anos, dentre os quais 63,6% são de cor/etnia pretas e pardas, assim, podemos dizer que no Brasil, a população jovem e negra “tem sido a vítima preferencial do encarceramento massivo, o que parece indicar que o racismo se infiltra como uma espécie de metarregra interpretativa da seletividade” (CARVALHO, 2014, p. 649). [...]

*Identificação: CI021101*

Diferentemente do grupo AC01, aqui não foi possível estabelecer alguma divisão ou categorização inicial entre as referências, já que grande parte delas se refere a tópicos centrais do texto de AC02, bem como têm uma relação direta com os argumentos do autor citante.

Assim, embora tais singularidades possam ser explicadas por diversos fatores, uma primeira leitura das várias referências ao artigo AC02 sugere uma prática de um diálogo produtivo com seu texto, com repercussão variada, mas especialmente na produção de autores em formação. Além disso, ao menos sugere a possibilidade de que haja, no próprio texto de AC02 e em discurso, questões que possam ter levado a um percentual de referência mais elevado quando comparado ao dos demais grupos deste *corpus*.

Uma de tais possibilidades, no que diz respeito à organização do texto em AC02, é uma divisão em sete subtemas que, portanto, ampliam as possibilidades de diálogo com outros autores e em outras subáreas do Direito. Também, no fim do texto em AC02, há uma conclusão organizada de forma bastante esquemática, com tópicos numerados, e que indica não somente retomadas da parte do desenvolvimento do artigo, mas aborda também perspectivas e propostas críticas do autor, trechos muito referenciados pelos autores citantes. Outro ponto bastante retomado em referências foi o termo “metarregra de interpretação racista”, como já vimos acima.

### 4.2.3 Grupo AC03

No grupo AC03, incluem-se 33 ocorrências de referência, realizadas em 15 trabalhos citantes do artigo “O concurso público brasileiro e a ideologia concurseira”, de Fernando de Castro Fontainha, Pedro Heitor Barros Geraldo, Alexandre Veronese e Camila Souza Alves, publicado em 2015.

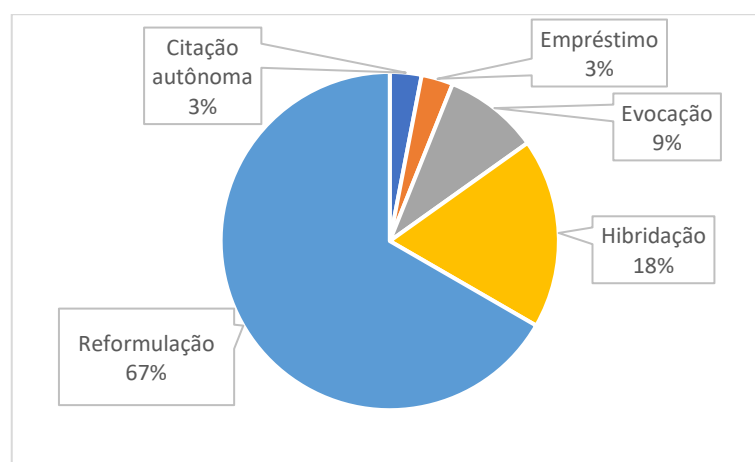
#### 4.2.3.1 Dados gerais dos trabalhos citantes de AC03

Inicialmente, quanto às médias de referências por trabalho citante, o grupo AC03 apresenta valor próximo ao do conjunto (2,2, contra 2,18 do *corpus*).

Sobre a formação acadêmica dos autores citantes de AC03, pode-se dizer que houve uma distribuição equilibrada entre autores em formação e especialistas. Porém, considerando a questão da coautoria em cada trabalho citante, houve uma maior presença de trabalhos escritos apenas por autores em formação (60%); os trabalhos escritos unicamente por especialistas (26,67%), bem como aqueles escritos por autores de formação mista foram minoria no grupo (13,33%).

Considerando as formas de referência encontradas no grupo, tem-se o seguinte:

**Gráfico 12 – Formas de referência no grupo AC03**



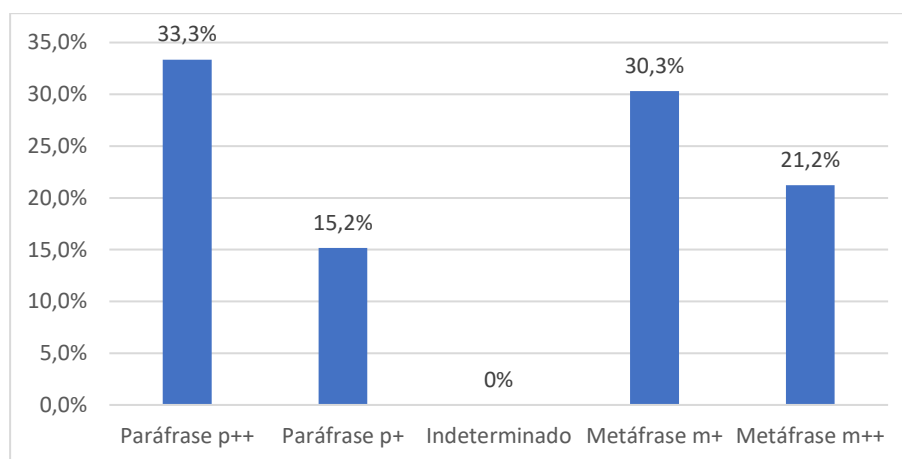
Fonte: elaborado pelo autor (2023).

Temos, no grupo, um aumento da reformulação (67%, contra 52% do *corpus*) e uma pequena diminuição da hibridação (18%, contra 21% do *corpus*). Particularidade digna de nota

no grupo é a presença mais acentuada da evocação (9%, contra 7% do *corpus*) e uma presença bastante reduzida da citação autônoma (apenas 3%, contra 19% do *corpus*).

No que diz respeito à modalidade da gestão enunciativa de vozes, temos o seguinte resultado:

**Gráfico 13 – Modalidades de referência no grupo AC03**



Fonte: elaborado pelo autor (2023).

Aqui, houve uma distribuição mais equilibrada das posturas de paráfrase prototípica e tendência à paráfrase (48,5%, contra 46% do *corpus*) e de metáfrase prototípica e tendência à metáfrase (51,5%, contra 49,5% do *corpus*), embora, quanto à paráfrase, tenha havido maior presença de sua configuração prototípica (30,3% contra 14,1% do *corpus*).

#### 4.2.3.2 Análise dos trabalhos citantes e das funções das referências a AC03

De início, é possível afirmar que muitos dos trabalhos citantes de AC04 não se relacionam diretamente com o tema principal do texto referenciado, os concursos públicos e a “ideologia concursária”. Na verdade, a relação de muitos dos trabalhos citantes é quase sempre apenas periférica. Nesses trabalhos, os autores convocam o texto de AC04 para apresentar noções básicas ou introdutórias da área do Direito, tal como a noção de concurso público ou a noção do princípio da isonomia ou da igualdade.

Segue exemplo de dissertação de mestrado da área de ciência da informação sobre o tema da seleção de docentes na área de arquivologia, em que, numa reformulação em posição tendente à paráfrase (p+), conceitua-se o instrumento jurídico do edital:

[...] O edital, segundo Fontainha et al. (2015), é o instrumento utilizado para seleção e recrutamento de pessoas, construído com o intuito de selecionar e legitimar os servidores estatais.

*Identificação: CI030101*

Referência semelhante, porém em que se adota uma postura de metáfrase prototípica (m++), foi realizada em artigo científico sobre os concursos públicos na área de odontologia, em que se definiu, através de uma reformulação do discurso alheio, o conceito jurídico de concurso público:

[...] Definido como um procedimento que efetiva o direito de concorrer, em igualdade de condições, aos cargos públicos permanentes, o concurso é considerado de caráter obrigatório nos processos de seleção a fim de contratar funcionários para a investidura em cargos e empregos públicos no âmbito da união, dos estados, dos municípios e do Distrito Federal<sup>1,2</sup>.  
[nota ao final] 1 Macêdo DF, et al. [...]  
[nota ao final] 2 De Casto FF, et al. [...]

*Identificação: CI030201*

Quando a relação entre o trabalho citante e o artigo citado era mais próxima, geralmente se tratava de trabalhos de autores que investigavam aspectos da cultura jurídica e da cultura do serviço público. Tais trabalhos parecem ter tido uma tendência a convocar as noções de ideologias que os autores estudam, especialmente a “ideologia concurseira”.

Por exemplo, a seguinte reformulação:

Na tentativa de elucidar o que de fato representa o concurso público e mais a frente responder as questões que estão sendo colocadas, cita-se Fontainha et al, que faz uma crítica dos concursos públicos no Brasil e trata do que ele chama de indústria concurseira e ideologia concurseira. [...]

*Identificação: CI031001a*

Analisando esses dois grupos de referências, é possível divisar alguma segmentação baseada no critério da função da referência, tal como se segue: i) em uma parcela das referências, o texto de AC04 possibilitou a fundamentação de noções e conceitos básicos da área do Direito em textos de outras áreas, como da psicologia ou da odontologia; ii) em outra parcela de referências, o artigo dos autores foi convocado para fundamentar afirmações ou construir argumentos que, embora importantes, tangenciavam o tema principal do trabalho citante; finalmente, iii) em outra parcela das referências, o texto de AC04 funcionou de forma direta na construção da argumentação e no tema central elaborado pelos autores.

Mesmo num conjunto pequeno de dados, portanto, é possível perceber uma variedade considerável de funções da referência ao discurso alheio.



#### 4.2.4 Grupo AC04

No grupo AC04, faço uma análise das 44 ocorrências de referência existente em 23 trabalhos citantes do artigo “Dimensão econômica da sustentabilidade: uma análise com base na economia verde e a teoria do decrescimento”, de Denise Schmitt Siqueira Garcia, publicado em 2016.

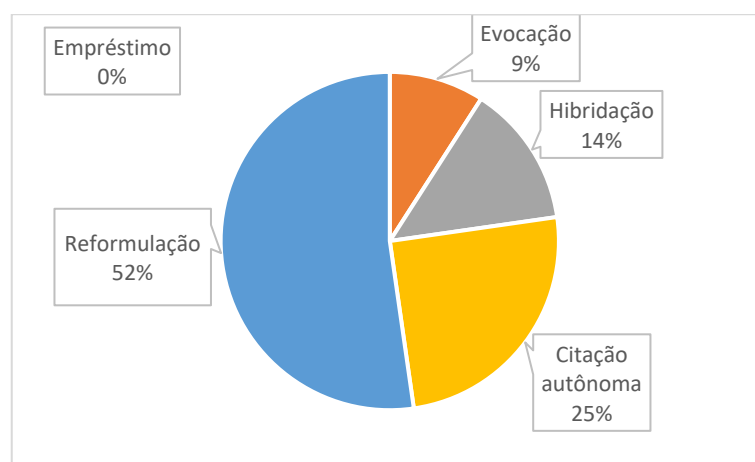
##### 4.2.4.1 Dados gerais dos trabalhos citantes de AC04

Quanto à média de referências por trabalho citante, no grupo, o número encontrado foi ligeiramente mais baixo (1,91 contra 2,18 do *corpus*).

No que diz respeito à formação acadêmica dos autores citantes, o grupo apresenta uma distribuição relativamente equilibrada, tendendo para a concentração de autores em formação (66%, contra 34% de autores especialistas). Considerando a questão da coautoria em cada trabalho, percebeu-se uma maior presença de trabalhos de autores com formação mista (48%) e de trabalhos escritos unicamente por autores em formação (43%); já os trabalhos escritos unicamente por especialistas, por sua vez, foram minoria (9%).

Considerando as formas de referência encontradas no grupo, tem-se o seguinte gráfico:

**Gráfico 14 – Formas de referência no grupo AC04**



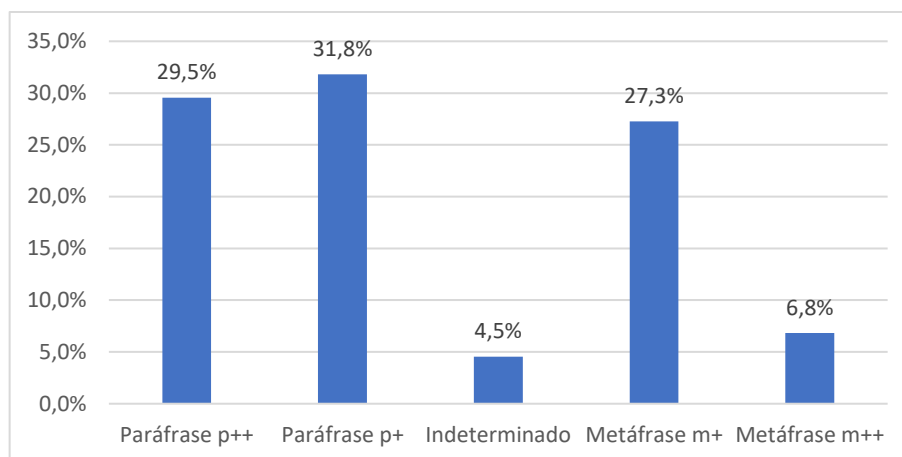
Fonte: elaborado pelo autor (2023).

No grupo, vê-se que a reformulação teve a mesma expressão que o global do *corpus* (52%), enquanto a hibridação teve relativa queda (14% contra 21% do *corpus*). Além disso, pode-se ver que as hipóteses de evocação foram levemente mais expressivas (9%, contra 7%

do *corpus*). Finalmente, há uma maior presença da citação autônoma (25%, contra 19% em todo o *corpus*).

No que se refere à modalidade da gestão enunciativa de vozes, temos o seguinte resultado:

**Gráfico 15 – Modalidades de referência no grupo AC04**



**Fonte: elaborado pelo autor (2023).**

Nesse grupo, portanto, temos uma prevalência relativa da paráfrase prototípica e da tendência à paráfrase (61,3%, contra 46% do *corpus*), com menor expressão da metáfrase prototípica e da tendência à metáfrase (34,1%, contra 49,5% do *corpus*), sendo bastante reduzida a expressão da postura prototípica da metáfrase.

#### 4.2.4.2 Análise dos trabalhos citantes e das funções das referências a AC04

Ao se realizar a leitura do conjunto de referências do grupo, podem ser feitas algumas considerações.

Os trabalhos citantes de AC04 relacionam-se, na maioria, diretamente com a temática da sustentabilidade, da economia verde ou da teoria do decrescimento, ainda que alguns apresentem um recorte mais específico ou analisem algum caso particular. Ademais, é bastante recorrente, no grupo de citações, os casos em que o texto de AC04 foi convocado para apresentar dados históricos da área de estudos do Direito Ambiental, bem como conceitos correlatos à sustentabilidade, o que pode ser explicado pelo fato de seu texto ser um artigo de revisão de literatura. Aliás, uma parte razoável das referências se refere a trechos do artigo em que há uma definição das três dimensões de sustentabilidade, ou seja, uma questão conceitual ou de entrada no tema.

Por exemplo, a seguinte reformulação, com postura tendente à paráfrase (p+), realizada em artigo científico sobre o tema da gestão pública e dos indicadores de sustentabilidade:

[...] De acordo com Garcia (2011), a dimensão social está relacionada à qualidade de vida, à redução da miséria através do nivelamento da renda, acesso à educação, saúde, moradia, serviços básicos etc. [...]

*Identificação: CI040101*

De forma semelhante, a seguinte citação autônoma em artigo sobre *compliance* ambiental:

[...] No ramo econômico, há tempos já vem mudando o conceito da sustentabilidade, conforme já dito, com três pilares, ambiental, social e econômico. Segundo Garcia (2016): [texto com recuo] A sustentabilidade aparece, assim, como um critério normativo para a reconstrução da ordem econômica, como uma condição para a sobrevivência humana e um suporte para se chegar a um desenvolvimento duradouro, questionando as próprias bases da produção (LEFF, 2011, p. 15). Ela deve, portanto, estar alicerçada em três importantes dimensões: a ambiental, a social e a econômica (GARCIA, 2016, p. 137).

*Identificação: CI041101*

Além disso, chama atenção o fato de que muitos autores convocaram o texto de AC04 a fim de apresentar a perspectiva de outros teóricos nele referenciados, especialmente aquela do economista e filósofo francês Serge Latouche, em dois textos analisados por AC04, um traduzido e publicado no Brasil, outro em espanhol. A questão da referência indireta ocorreu em outros grupos, porém em percentual bastante menos expressivo do que neste. Aqui, o número de referências indiretas pode ser também explicado pelo fato de o artigo da autora apresentar um movimento de revisão da literatura sobre o tema do desenvolvimento sustentável, o que, em tese, pode funcionar como importante forma de acesso a textos de outros pesquisadores, especialmente a textos não traduzidos e publicados no país.

Como exemplo, pode ser indicado artigo sobre o tema do decrescimento econômico em que há uma citação autônoma do texto de AC04, por sua vez, uma reformulação do texto de Latouche publicado em espanhol:

[...] Para Latouche (2006, p. 36 Apud GARCIA, 2016, p.147) “Uma sociedade assim não é sustentável porque supera a capacidade de carga do planeta, porque vai de encontro aos limites da biosfera”. [...]

*Identificação: CI040503*

Neste próximo caso, há uma citação autônoma funcionando como epígrafe, em que o texto de Latouche, embora disponível em português e publicado no Brasil, foi convocado por intermédio da leitura e da escrita de autora de AC04:

III.2. Consumo – reavaliando as necessidades reais:  
 [texto com recuo] "Três ingredientes são necessários para que a sociedade de consumo possa prosseguir na sua ronda diabólica: a publicidade, que cria o desejo de consumir; o crédito, que fornece os meios; e a obsolescência acelerada e programada dos produtos, que renova a necessidade deles. Essas três molas propulsoras da sociedade de crescimento são verdadeiras 'incitações-ao-crime'." (LATOUCHE, 2009 apud GARCIA, 2016: 146)

*Identificação: CI041601*

Feitas essas considerações, talvez seja possível dizer que o grupo de referências em AC04 seja relativamente mais homogêneo que os demais, apresentando mais movimentos de síntese e de definição de conceitos específicos da subárea do Direito Ambiental. De todo modo, não se deve esquecer que, ainda num grupo mais homogêneo, surgem formas e modalidades da gestão enunciativa as mais variadas, bem como funções distintas na construção argumentativa dos autores citantes, como vimos nos exemplos anteriores.

#### **4.2.5 Grupo AC05**

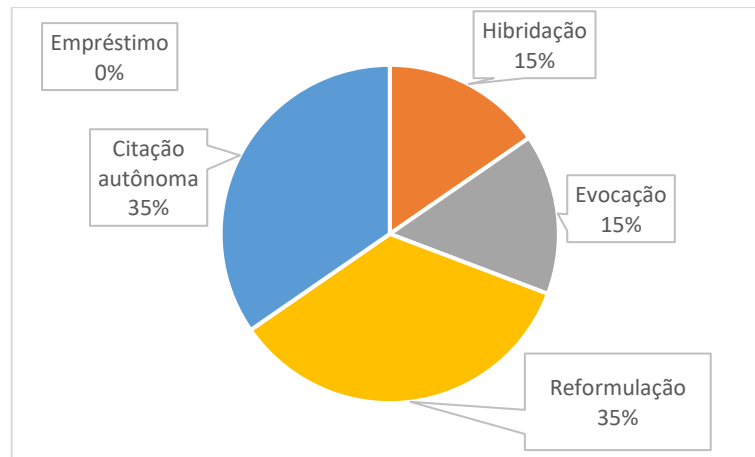
Neste grupo, incluem-se 26 ocorrências de referência, realizadas em 11 trabalhos citantes do artigo “O direito na contramão da literatura: a criação no paradigma contemporâneo”, de Henriete Karam, publicado em 2017.

##### **4.2.5.1 Dados gerais dos trabalhos citantes de AC05**

No que diz respeito à média de ocorrências por trabalho citante no grupo AC05, o número encontrado esteve alinhado com a média geral (2,36, contra 2,18 do *corpus*). De todo modo, em relação ao número de ocorrências de referência por trabalho citante, chama atenção o fato de que os trabalhos que mais citam AC05, por 7 e 5 vezes, são de autores em formação, que escrevem dissertação de mestrado e publicação em anais, respectivamente.

No que diz respeito à formação acadêmica dos autores citantes, o grupo apresenta uma distribuição equilibrada. Considerando-se a questão da coautoria, também houve uma distribuição bastante equilibrada entre trabalhos escritos somente por autores em formação, escritos por autores de formação mista e escritos por autores especialistas.

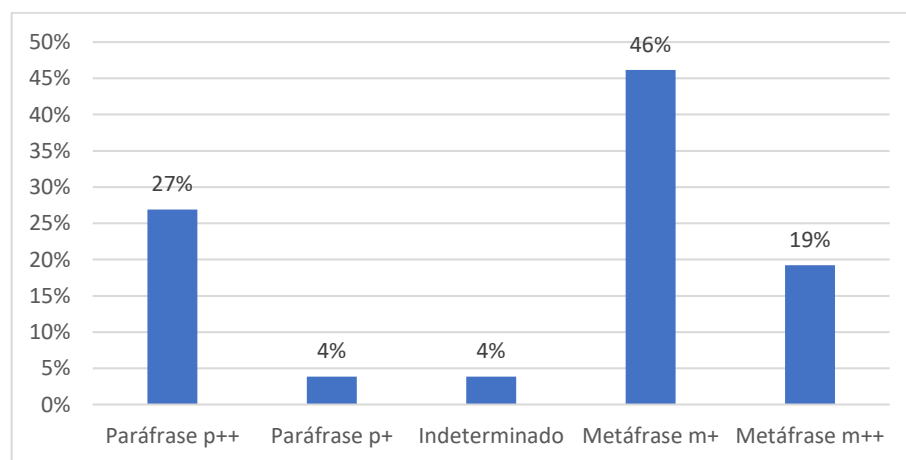
Considerando as formas de referência encontradas no grupo, tem-se o seguinte gráfico:

**Gráfico 16 – Formas de referência no grupo AC05**

Fonte: elaborado pelo autor (2023).

No grupo, portanto, temos uma distribuição bastante peculiar das distintas formas de referência ao discurso alheio. Chama a atenção, ao compararmos os percentuais com os dados do *corpus*, o fato de o grupo AC05 apresentar um maior percentual de citação autônoma (35%, contra 19%), um percentual mais baixo de reformulação (35%, contra 52%) e um percentual mais elevado de evocação (15%, contra 7%), o que demonstra um menor nível de integração do discurso de Karam aos discursos dos próprios autores, prevalecendo estratégias de referência à literalidade de seu texto e, comparativamente, de evocação.

No que diz respeito à modalidade e à gestão enunciativa de vozes, temos o seguinte resultado:

**Gráfico 17 – Modalidades de referência no grupo AC05**

Fonte: elaborado pelo autor (2023).

No grupo, houve predomínio da metáfrase e da tendência à metáfrase (65%, contra 49,5% do *corpus*), e expressão mais reduzida da paráfrase prototípica e da tendência à paráfrase (31%, contra 46% do *corpus*). Além disso, dentre as posturas metafrásticas, a tendência à metáfrase é mais expressiva (46%, contra 35,4% do *corpus*) que sua a modalidade prototípica (19%, contra 14,1% do *corpus*). Já nas posturas parafrásticas, a expressão da paráfrase prototípica foi mais acentuada (27%, contra 25,8% do *corpus*) que a tendência à paráfrase, bastante mais reduzida (4%, contra 20,2% do *corpus*).

#### 4.2.5.2 *Análise dos trabalhos citantes e das funções das referências a AC05*

Penso ser possível considerar que o grupo das citações do texto de AC05 seja o mais peculiar do *corpus*. Trata-se de texto de área interdisciplinar (Direito e Literatura), ainda pouco difundida nos currículos de graduação dos cursos de Direito. Aliás, o fato de conter o menor número de referências pode ser explicado por essa questão, mas também deve ser tomado em consideração o fato de que o texto da autora é o mais recente, de 2017.

Além desses pontos, chama a atenção também o fato de haver um percentual mais expressivo da citação autônoma e da evocação. Como já indicado anteriormente, a ocorrência de autocitação foi também bastante mais elevada neste grupo de trabalhos citantes.

Essas peculiaridades podem se relacionar com a especificidade e com a menor projeção da subárea de estudos, o que geraria uma necessidade mais recorrente de sinalizar elos discursivos entre textos variados que presentifiquem as temáticas usuais do campo de pesquisa. Aliás, uma parte razoável das referências se relaciona à própria definição do campo interdisciplinar “Direito e Literatura”. As evocações, nesse ponto, podem funcionar para indicar, dessa forma, a existência de trabalhos anteriores ou que investigam mais a fundo dada temática.

Um exemplo dessa função encontra-se em dissertação de mestrado que aborda a atividade jurisdicional numa perspectiva discursivo-dialógica. Aqui, a evocação foi apresentada após citação autônoma de longo trecho de autor francês, de modo a sinalizar a existência de trabalho brasileiro em mesmo sentido:

[nota de rodapé] <sup>81</sup> Nas palavras de Gérard Genette (2010, p. 5): “Um palimpsesto e um pergaminho cuja primeira inscrição foi raspada para se traçar outra, que não a esconde de fato, de modo que se pode lê-la por transparência, o antigo sob o novo. Assim, no sentido figurado, entenderemos por palimpsestos (mais literalmente: hipertextos) todas as obras derivadas de uma obra anterior, por transformação ou por imitação. Dessa literatura de segunda mão, que se escreve através de leitura, o lugar e a ação no campo literário geralmente, e lamentavelmente, não são reconhecidos. Tentamos aqui explorar esse território. Um texto pode sempre ler um outro, e assim por diante, até o fim dos textos”. Neste sentido, ver, também, Karam (2017a).

*Identificação: CI050104*

Outro ponto digno de nota é o fato de que algumas referências, especialmente em artigos de especialistas, realizam um diálogo bastante global com a pesquisa da autora, convocando em menor grau a literalidade de seu texto publicado, ou seja, a relação intertextual se estabelecia possivelmente em função de relações mais amplas no campo sua pesquisa. Esse aspecto derivado das relações dialógicas na subárea pode se apresentar como um parâmetro recorrente do campo, e que certamente não se recupera totalmente a partir da medição por instrumentos como índices bibliométricos.

É o que podemos notar na referência a seguir, em que o autor reformula o discurso da autora de AC05 a partir de dois trabalhos, o artigo científico AC05 e uma conferência oral, não publicada em texto escrito, disponível em vídeo no YouTube:

[nota de rodapé] <sup>7</sup> O tema da subversão do gênero é de fundamental importância para o Direito, sobretudo no Brasil de hoje. Henriete Karam, por exemplo, deixa claro que, enquanto para o gênero da crítica literária o tema do fundamento (racional) é central, para o gênero do romance, que substitui a verdade pela verossimilhança, o tema central é o tema da originalidade. A pergunta que Karam faz é se os tribunais, como o Supremo Tribunal Federal, não deveriam atuar mais como crítico literário do que como autor (do romance da Constituição), e preocupar-se mais com o fundamento de suas interpretações do que com sua originalidade (Karam, 2016; Karam 2017).

*Identificação: CI050401a*

Se realizamos um cotejo entre a reformulação e o artigo AC05, percebemos pouca correspondência textual, o que indicia um relacionamento do autor citante que ultrapassa o contato com um texto específico, abrangendo também outros gêneros discursivos, mesmo orais.

É possível perceber, finalmente, que boa parte dos trabalhos citantes nesse grupo analisam textos literários a partir de premissas do campo interdisciplinar “Direito e Literatura”, o que, em princípio, limita a possibilidade de relações intertextuais com pesquisadores que estudam o mesmo recorte e o mesmo objeto. Se levamos isso em consideração, o diálogo que fazem com outros autores da disciplina é muito mais amplo, ultrapassando seus textos especificamente. As referências, no grupo, talvez por isso, se concentrem tanto em evocações que apontam, externamente, para a própria descrição do campo interdisciplinar ou para conceitos fundamentais de suas disciplinas.

#### 4.2.6 Uma comparação entre os grupos do corpus

Retomando a discussão sobre certas particularidades do *corpus*, faço aqui uma breve comparação dos resultados da análise de cada grupo, a fim de ressaltar a variedade de aspectos das referências dentro de uma mesma cultura disciplinar, a do Direito, e num mesmo gênero discursivo, o artigo científico.

Como vimos, uma importante heterogeneidade surge ao se analisar a formação acadêmica dos autores dos artigos que fazem referência a cada um dos 5 artigos científicos de alto impacto. Nesse ponto, cada um dos 5 artigos teve uma projeção bastante distinta em relação a autores em formação e autores mais experientes. Se, em relação a um dos grupos de trabalhos citantes (AC02), o artigo de alto impacto teve uma projeção bastante mais acentuada em trabalhos de autores em formação, considerando-se tanto a questão da coautoria em cada trabalho citante como o quantitativo de autores citantes globalmente, os 3 demais grupos tiveram uma distribuição mais equilibrada, embora não semelhante. Por exemplo, em AC01, houve uma maior projeção em relação a trabalhos em coautoria de autores em formação e autores especialistas (formação mista); já os artigos AC03 e AC04 tiveram maior projeção em trabalhos de coautores em formação; finalmente, AC05 teve uma projeção equilibrada considerando-se tanto a questão da coautoria em cada trabalho citante como o quantitativo global de autores citantes.

Sobre as formas de referência, há também particularidades notáveis, como a ausência de evocação e a baixa expressão da citação autônoma em AC01; um grau menor de evocação e presença mais equilibrada das outras formas em AC02; uma presença mais expressiva da reformulação e da evocação, além de uma redução notável da citação autônoma, em AC03; uma presença maior da evocação e mais acentuada da citação autônoma em AC04; por fim, uma expressão bastante significativa da citação autônoma e da evocação, com uma menor expressão da reformulação, em AC05. Como se vê, em cada grupo há um panorama bastante específico da distribuição das formas de referência.

No que diz respeito à modalidade da gestão enunciativa, AC01 e AC04 revelam uma prevalência significativa da paráfrase (p++ e p+); ao passo que AC02 e AC05 revelam já uma maior presença da metáfrase (m++ e m+); AC03, por sua vez, indica uma distribuição mais equilibrada entre os dois polos. De todo modo, cada um dos grupos apresentou uma configuração específica no que diz respeito à distribuição entre os 5 graus da escala ou do contínuo. Esse cenário novamente confirma a grande heterogeneidade de posturas enunciativas



que os autores podem assumir diante da voz alheia convocada no âmbito da escrita acadêmico-científica.

Por fim, no que diz respeito à função das referências e sua relação com as temáticas centrais dos trabalhos, houve também um panorama bastante diversificado entre os 5 grupos, havendo casos em que era possível perceber uma divisão mais nítida entre referências acessórias e principais quanto ao tema, como em AC01; bem como outros casos em que se via uma maior função acessória das referências, em temáticas menos centrais dos trabalhos, como em AC02; ou, ainda, como em AC04, referências que implicavam movimentos de síntese de conceitos da área; ou uma situação de maior distribuição entre as funções das referências, em AC03, em que se nota ora uma maior presença do discurso alheio para a fundamentação de conceitos básicos da área disciplinar, ora para integrar mais diretamente a construção argumentativa do autor; finalmente, em AC05, uma situação bastante particular em que as referências funcionavam sobretudo para definir a própria área interdisciplinar do artigo.

Desse panorama comparativo, resulta novamente uma importante heterogeneidade de formas, funções e modalidades da gestão enunciativa, havendo também uma variada projeção dos artigos científicos na escrita de autores em formação ou especialistas.

### **4.3 Da autocitação no *corpus***

No *corpus* desta pesquisa, podemos perceber que a autocitação foi um fenômeno pouco expressivo, surgindo com mais nitidez em relação às autocitações parciais, em que os coautores dos dois trabalhos não coincidem totalmente, especialmente no grupo AC01, porém com expressão também importante em AC05. Os casos de autocitação integral ocorreram com maior expressão em apenas um grupo, AC05.

Tais resultados coincidem com algumas pesquisas realizadas em *corpora* de várias áreas, em que se tem notado uma prática mais corrente da autocitação nas chamadas “ciências duras”. Hyland (2003, p. 254, tradução nossa), por exemplo, aponta que “em geral, citar o próprio trabalho anterior é uma característica particularmente proeminente da escrita acadêmica nas ciências exatas, representando mais de 12% de todas as referências, em comparação com apenas 4% nos campos das *soft sciences*”. Em pesquisa realizada na área das engenharias, Barros (2021) encontrou o percentual de 7%, considerando, ainda, que parte razoável dessas ocorrências são de autocitações parciais, sendo bem menos expressiva a autocitação integral. Fischer *et al.* (2021), por sua vez, ao analisarem artigos da revista “Nature”, também encontraram índices elevados de autocitação na área das Ciências Biológicas. Por fim, em

pesquisa em *corpus* de textos da área de Linguística, Komesu e Assis (2022) encontraram baixos índices de autocitação, salvo em relação a um dos artigos citados, em que se encontrou o percentual de 56%, sendo boa parte autocitações parciais e não integrais, de forma semelhante ao encontrado nesta pesquisa da área do Direito.

O seguinte exemplo do *corpus*, única ocorrência no grupo AC02, pode ser bastante exemplificativo quanto à prática de se retomar trabalho anterior, por autocitação, a fim de situá-lo numa rede de trabalhos marcada pela cultura disciplinar e pelo trabalho em coautoria:

[nota de rodapé] <sup>5</sup> O tema da adesão da magistratura brasileira ao punitivismo tem sido amplamente debatido no campo acadêmico nacional nas duas últimas décadas (AZEVEDO, 2014, p. 323-328; CARVALHO, 2010a, p. 59-111, 2015, p. 623-652; CARVALHO; WEIGERT, 2012, p. 227-257) [...].

*Identificação: CI020501, grifos nossos.*

Aqui, vê-se que o autor, em nota de rodapé, faz referência às abordagens trabalhadas em 4 textos anteriores, 2 de sua autoria e 1 em coautoria com outro autor. Trata-se de referência cuja função é, sobretudo, evidenciar a existência de uma linha de estudos em torno da temática “adesão da magistratura brasileira ao punitivismo”, corroborando, em nota de rodapé, a análise realizada no corpo do texto.

Já o seguinte exemplo, extraído do grupo AC01, mostra caso de autocitação parcial, em que os autores do trabalho citante são um autor em formação (mestrando) e o autor especialista responsável pelo trabalho anterior:

Devem ser destacados, entretanto, os riscos da análise dos instrumentos normativos de participação popular e proteção ambiental a partir das limitações do constitucionalismo sob dois prismas: i) o “fetichismo constitucional”, a ilusão da realização plena da cidadania quando confi(n)ada ao Direito e à Constituição (BELLO, 2010); ii) o novo constitucionalismo na Bolívia continua sendo constitucionalismo, logo, um fenômeno originado na Modernidade europeia e transplantado para a América Latina, hoje e outrora, através de uma dinâmica de colonialidade do poder e do saber (QUIJANO, 2000). Ou seja, por mais que se inove e modifique em matéria de Constituição, a concretização desta com o resgate das tradições ancestrais e com as vislumbradas transformações sociais estará sempre condicionada pelas condições materiais de poder (BELLO, 2015).

*Identificação: CI011101, grifos nossos.*

Trata-se de caso interessante em que se apresenta, aparentemente, uma reformulação do dizer alheio, porém, ao se cotejar a fonte, percebe-se a coincidência literal no trecho do artigo citado, além de uma semelhança do cotexto em ambos os trabalhos. O cotexto, no entanto, apresenta particularidades no texto citante, sobretudo em relação à presença de mais vozes alheias explicitamente marcadas.

Esse caso é interessante porque permite desafiar certa lógica que simplesmente condena o chamado “autoplágio”, definido em certos manuais de escrita como a “apresentação de conteúdo próprio em situações distintas” (KROKOSCZ, 2015, p. 36). Por sua vez, em alguns manuais de padronização (cf. PUC MINAS, 2019), o intitulado “autoplágio”, recorte literal de um trecho de texto já publicado e utilizado em novo texto, é considerado uma prática a ser evitada. De modo geral, manuais de escrita e de padronizam apenas condenam a prática, embora não a expliquem ou a analisem em detalhes.

No exemplo encontrado no *corpus*, a opção por apresentar uma integração literal do texto, porém sem marcas como aspas, alia-se a uma relação parafrástica (p++), revelando, então, tanto a prevalência do discurso alheio, no trecho, quanto a assimilação da voz desse novo locutor em relação à voz alheia. Trata-se, como vemos, de uma elaboração complexa da polifonia no enunciado que desafia a lógica simples da mera condenação da prática<sup>19</sup>.

Por fim, destaco alguns dos exemplos encontrados no grupo AC05, em que ocorreram autocitações parciais e 1 autocitação integral. Quanto a esta única ocorrência de autocitação integral, trata-se de caso em que a autora realiza autocitação de 4 trabalhos anteriores:

É através das manifestações artísticas – as quais, por sua natureza, reúnem a expressão do eu e a representação do mundo – que se pode adquirir a consciência do valor que o reparar assume na poética da visão que encontramos nas obras de J. Saramago. Entre tais manifestações, sobressai a literatura, que tem a palavra como suporte, que se caracteriza pela possibilidade de polifonia e que conjuga a flexibilidade e constante renovação da linguagem com imagens e temas já instituídos na tradição cultural (Karam, 2017b)<sup>16</sup>.

Para finalizar, destaque-se que, no âmbito da teoria literária – ou seja, da literatura como ciência –, cada vez mais,

[texto com recuo] são adotados os conceitos de horizonte de sentido e de intersubjetividade e reconhecidas – inclusive na própria produção das obras – a força da intertextualidade e a facticidade e historicidade inerentes ao escritor, bem como consolidada a concepção de que a invenção literária resulta da leitura, interpretação e reescrita (Karam, 2017c, p. 1040).

*Identificação: CI050501, grifos nossos.*

No primeiro parágrafo, anterior à referência específica aqui analisada, vemos uma articulação entre a temática do texto (a poética da visão em Saramago) e a voz alheia também em autocitação, numa reformulação em que se retoma a noção de polifonia e dialogismo. O trecho em específico aqui analisado, caracterizado como hibridação, por mesclar uma pequena reformulação inicial com citação autônoma mais extensa, tem a função de realizar uma

<sup>19</sup> Compagnon (1996, p. 13), ao se referir à citação através das metáforas do recorte e da colagem, salienta que ela é uma atividade de desmembramento de um segmento do texto, a fim de transformá-lo num texto autônomo, lido e reinterpretado por quem o cita. “Quando cito, extraio, mutilo, desenraizo” (COMPAGNON, 1996, 13), resume o autor. Penso que esse cenário de desenraizamento de um segmento de texto, para posterior colagem, em outro contexto e cotexto, sempre apresenta efeitos de sentido distintos, sendo bastante limitada a visão que enxerga nessa atividade discursiva apenas um “copia e cola” a ser evitado ou condenado.

conclusão do argumento anterior, estabelecendo a autora uma relação entre o cotexto anterior e entre os conceitos de horizonte de sentido e de intersubjetividade.

Trata-se de caso em que podemos ver, como aponta Hyland (2003), uma autocitação em que a autora constrói, em seu novo texto, uma relação bastante firme com seus trabalhos anteriores. Mais do que somente apontar a existência desses trabalhos, a referência a trabalhos anteriores funciona, aqui, como forma de se integrar, num novo objeto de estudo, uma argumentação presente na própria base das pesquisas da autora. Como ressaltam Hyland e Jiang (2018), fazer referência a trabalhos anteriores, com ou sem coautoria, é da própria natureza da pesquisa, uma prática social que apresenta certos aspectos cumulativos. Para Fischer *et al.* (2021, p. 286), que estudaram o fenômeno da autocitação em um *corpus* de artigos da revista Nature, “os dados em análise podem indicar que as autocitações têm sido utilizadas [...] como forma de divulgar trabalhos de pesquisa que foram elaborados seguindo padrões da área”.

Finalmente, os demais casos de autocitação parciais do texto AC05, realizadas em 5 trabalhos citantes, revelam uma prática de escrita em coautoria peculiar no *corpus*, revelando questões particulares da cultura disciplinar em que se inserem os textos produzidos. Nesse caso, considerando que se trata de área interdisciplinar (Direito e Literatura), a pesquisa e a escrita em colaboração revelam a criação de uma rede extensa de trabalhos entre coautores em formação e também de coautor especialista com a autora de AC05, circunstância mesmo esperada em se tratando de campo de estudos recente e ainda em desenvolvimento. Nesse mesmo sentido, Barros (2021) considera serem maiores os índices de autocitação em áreas disciplinares mais recentes e com menos membros pesquisadores, circunstância observada mesmo em áreas das “ciências duras”, como nas engenharias.

#### **4.4 Da referência indireta no *corpus***

Outra questão que sobressai da análise dos grupos do *corpus* é a presença variável da referência indireta, caso em que os autores mencionam um discurso alheio também perpassado explicitamente pela presença de outras vozes.

Por exemplo, no grupo AC01, há um quantitativo razoável de referências indiretas a outros autores, 4 de 20 referências (20%). Além disso, na maioria dessas ocorrências, a referência indireta não foi marcada claramente — pela expressão latina *apud* ou equivalente.

Como exemplo de referência indireta marcada, trago o único caso encontrado no grupo AC01:

Bello (2015), ainda, ao analisar a obra de Balibar, destaca o caráter dúplice e dinâmico do conceito de cidadania, para quem cada processo de inclusão possui uma exclusão, de forma que os meios institucionais, baseados em regras jurídicas, produzem uma exclusão formal. Todavia, esses processos de inclusão e exclusão não se baseiam em uma regra geral estática, mas sim, são dinâmicos e conflitivos, o que acaba por questionar os limites da cidadania.  
*Identificação: CI010403b, grifos nossos.*

Todas as demais referências indiretas, no grupo, não foram evidenciadas explicitamente pelos autores, como nos dois exemplos a seguir, em que apresento uma comparação entre o texto do autor citante e o texto citado:

Textos citantes	Texto citado
A decolonialidade vai além do caráter geográfico de acordo com Bello (2015). [...] <i>Identificação: CI010201a</i>	<u>De acordo com Escobar (2003, p. 69-70)</u> , um de seus integrantes, as principais características do M&C são as seguintes: [...] <u>(ii) a América Latina como espaço epistemológico, para além de geográfico [...]</u> . <i>Identificação: AC01, grifos nossos.</i>
[...] Ainda no campo dos estudos decoloniais, Bello (2015) nos diz que a decolonialidade transcende o espaço geográfico. [...] <i>Identificação: CI010801</i>	

Essas ocorrências poderiam ser explicadas pelo fato de que os autores em formação ainda não dominam a terminologia e as ferramentas de sinalização das relações intertextuais, porém acredito que o apagamento da figura do terceiro autor referenciado em AC04 indicia certos comportamentos relacionados à ancoragem da posição autoral na figura do autor acessado imediatamente, fazendo com que prevaleça o discurso e a autoridade de um pesquisador brasileiro, mais próximo dos autores em formação.

Já o grupo AC04 apresentou um quantitativo muito significativo, 21 de 44 referências (48%), em que há a retomada de textos de outros autores através do texto de AC04, circunstância bastante peculiar em relação aos demais. Nesse grupo, em cerca de metade dessas ocorrências, a referência indireta não foi marcada claramente.

Exemplos de referências indiretas marcadas explicitamente são apresentados a seguir:

[...] Para Latouche (2006, p. 36 Apud GARCIA, 2016, p.147) “Uma sociedade assim não é sustentável porque supera a capacidade de carga do planeta, porque vai de encontro aos limites da biosfera”. [...]  
*Identificação: CI040501, grifos nossos.*

[nota de rodapé]<sup>14</sup> “Serge Latouche é um economista e filósofo francês, professor da Faculdade de Economia da Universidade de Paris II e do Instituto de Estudos do Desenvolvimento Econômico e Social. Ele critica o crescimento econômico e aposta em uma ‘Teoria do Decrescimento’.” (GARCIA, 2016: 144).  
*Identificação: CI041602a, grifos nossos.*

Como se vê, poderíamos fazer observações sobre as formas como a marcação é utilizada pelos autores, seguindo de forma mais direta a padronização elaborada pela ABNT, no primeiro caso, ou de forma menos transparente, como no segundo caso, em que se cita integralmente o trecho da autora AC04 que contém uma referência à biografia e à obra de Latouche. De todo modo, o que chama a atenção, nesses casos, é a centralidade da figura de um terceiro autor, com o qual os autores citantes dialogam sempre por intermédio da autora de AC04. De forma bastante interessante, nesse grupo, as referências indiretas marcadas explicitamente giram especialmente em torno da figura de Serge Latouche, ao passo que as referências indiretas não marcadas incluem outros autores e textos, como vemos nos dois exemplos a seguir, com a comparação com o texto de AC04:

Texto citante	Texto citado
[...] sobre isso nos diz Garcia (2016) que a sustentabilidade decorre de sustentação, a qual, por sua vez, é relacionada à manutenção, à conservação, à permanência, à continuidade, e assim por diante. [...] <i>Identificação: CI041301</i>	Sustentabilidade, portanto, “decorre de sustentação, a qual, por sua vez, é relacionada à manutenção, à conservação, à permanência, à continuidade, e assim por diante”. (GARCIA, 2012, p. 389). [...] <i>Identificação: AC04</i>

Texto citante	Texto citado
Essa economia precisa ligar-se a dois pontos: empenho do governo e sociedade em concretizá-los; e a superação da sociedade de consumo através da busca de outros valores, além dos econômicos. [...] <sup>356</sup> [nota de rodapé] <sup>356</sup> GARCIA, Denise Schmitt Siqueira. <i>Identificação: CI041203</i>	O foco da economia verde, portanto, precisa estar ligado a dois pontos principais: a) o empenho de governos e da sociedade em concretizá-la; e b) o alargamento de seus horizontes para que se possa alcançar a ‘terceira margem do rio’, isto é, a superação da sociedade de consumo, com a busca de outros valores além dos econômicos. (MILARÉ, 2013, p. 101) <i>Identificação: AC04</i>

No primeiro caso, vemos que se trata de uma referência indireta a outro texto da autora de AC04, trazido por ela através de citação autônoma, porém não há sinalização explícita dessa relação pelo autor citante. Já no segundo exemplo, ao se reformular o discurso de AC04, apaga-se a figura do autor então mencionado em AC04. A diferença em relação ao tratamento da figura do autor terceiro, quando se convocava a figura de Latouche, é notável, revelando-se o papel que sua figura assume como autoridade no campo disciplinar.

Penso que essas particularidades revelam traços importantes sobre a relação entre a figura autoral e as vozes alheias convocadas, trazendo possibilidades interessantes de discussão sobre a construção da posição autoral, por autores em formação, na constante negociação com o dizer alheio e com as posições de autoridade com que certas figuras são construídas na enunciação.

#### 4.5 Discussões sobre a categoria analítica das formas de referência

Nesta subseção, analiso a tipologia sobre as formas de referência, utilizada como categoria analítica para a pesquisa, refletindo sobre suas características e sobre sua aplicação na descrição e explicação das referências do *corpus*.

Com efeito, a tipologia de formas de referência ao discurso alheio, tal como trabalhada por Daunay (2020), a partir de tipologia inicialmente organizada por Boch e Grossmann (2002), pode oferecer bases sólidas na análise do fenômeno da relação entre as vozes própria e alheia no discurso acadêmico-científico. No entanto, a tipologia, ao ser aplicada na tentativa de descrição e explicação de um *corpus*, pode apresentar dificuldades e mesmo possibilidades de readequação diante do material concreto analisado. Essa questão, por certo, não se refere a alguma deficiência da tipologia em si, mas de uma dificuldade natural, numa análise qualitativa, em se enquadrar os fenômenos num modelo normalmente criado a partir dos casos prototípicos.

De início, parece-me relevante ressaltar os bons resultados das propostas de Daunay (2020) quanto à substituição da forma “ilhota citacional”, prevista inicialmente na tipologia de Boch e Grossmann (2002). De acordo com esses autores (BOCH; GROSSMANN; 2002, p. 100), “a ‘ilhota citacional’ permite tanto a integração quanto a colocação em evidência do segmento citado, pela marca escritural, graças ao itálico e às aspas”. Trata-se, contudo, de configuração que permite, ainda, vários desdobramentos, como ressalta Daunay (2020), ao adicionar à tipologia o empréstimo, ou seja, a marcação de uma expressão ou um sintagma que difere funcionalmente da marcação de um longo trecho.

A percepção sobre a existência dos empréstimos, assim, também implica reconsiderar as várias possibilidades daquilo que Boch e Grossmann (2002) chamam “ilhas”, percebendo-se a existência de hibridações em que há, junto de uma reformulação, outras formas.

##### 4.5.1 Discussões sobre a hibridação

Penso que a tipologia proposta por Daunay (2020), quanto à hibridação, poderia ser ainda mais detalhada, a fim de se prever a diferença entre dois tipos específicos de hibridação, distintos em sua forma e em sua configuração, como podemos ver nos dois exemplos a seguir:

[...] Por meio do concurso público, o servidor seria escolhido com base em sua capacidade técnico-profissional (conforme a ideologia burocrática) e, como indicador dessa capacidade, adotou-se o mérito escolar/acadêmico, constituindo-se uma *ideologia meritocrática* (Fontainha, Geraldo, Veronese, & Alves, 2015).

Identificação: CI030901

[...] Tal conjuntura não aparece, por óbvio, explícita na legislação, mas é possível perceber a partir dos dados de encarceramento, “exteriorizando uma espécie de naturalização de práticas racistas pelos poderes constituídos que se reflete no direcionamento das instituições punitivas”.  
*Identificação: C1022901b*

No primeiro exemplo, temos uma hibridação em que se inicia o trecho com reformulação e, ao final, vê-se o empréstimo de expressão marcada por itálico. Já no segundo, há uma hibridação em que se vê uma reformulação inicial seguida de longo trecho marcado por aspas, à semelhança de uma citação autônoma.

Embora, durante a pesquisa, tenha se utilizado a forma “hibridação” como categoria analítica, sem que tais diferenças fossem evidenciadas durante a análise, há espaço para se destacar a diferença tanto estrutural como funcional dessas referências.

Por exemplo, comparando-se ambas as formas, foi possível encontrar no *corpus*, dentre os totais 41 casos de hibridação, 27 casos (65,8%) em que a hibridação ocorria através de uma mescla de reformulação e citação literal de trechos maiores que um sintagma ou uma expressão, ao passo que foram identificados 12 casos (29,3%) em que a hibridação se dava pela mescla de reformulação e empréstimo de sintagma ou expressão curta. Além disso, há 2 casos (4,9%) em que a hibridação ocorria pela mescla de reformulação, citação literal de trechos maiores que um sintagma ou uma expressão e, ainda, empréstimo de sintagma ou expressão mais curta.

Essa especificação revela um fato bastante interessante, já que os casos de empréstimo “puros” no *corpus* foram irrisórios, apenas 3 em 198 (ou 1,5%), sendo bastante mais expressivos os casos em que os empréstimos ocorrem, portanto, paralelamente a uma reformulação.

#### **4.5.2 Discussões sobre a reformulação**

Nesta pesquisa, foram encontradas distintas referências que se comportavam de forma pouco prototípica, aproximando-se de duas das formas ou, ainda, revelando uma forma que, diante do cotejo com o texto fonte, poderia ser enquadrada como *sui generis*.

Caso inicial em que há classificação problemática é o de integrações literais dos textos citados sem a apresentação de marcas como itálico ou aspas, tampouco recuo do texto, como no exemplo a seguir:



No Brasil, esta racionalidade excludente sustenta, revive e alimenta, até os nossos dias, práticas decorrentes das políticas escravagistas contra a população afro-brasileira (CARVALHO, 2015). [...]

*Identificação: CI020601*

Trata-se de referência realizada por autores em formação, do gênero relato de experiência, em que, de início, somos levados à caracterização como reformulação, em razão da ausência de marcas como aspas ou itálico. Porém, cotejando-se o texto citante com o citado, observamos que há uma coincidência literal no segmento específico.

Exemplo semelhante pode ser encontrado a seguir:

Segundo Fontainha et al (2014) existem duas ideologias a que o concurso público contemporâneo se submete: a ideologia escolar/acadêmica, e a ideologia profissional.

A ideologia acadêmica busca recrutar, através dos certames, os melhores egressos do sistema de ensino. Primará, assim, por formas de avaliação similares às da escola ou da universidade, pela presença de docentes destas instituições nas bancas avaliadoras e por uma formação profissional posterior ao certame. Este é o primado da meritocracia escolar.

A ideologia profissional busca recrutar, através dos certames, os jovens profissionais mais competentes, que já apresentam as habilidades necessárias ao exercício do futuro cargo. Primará, desta maneira, por formas de avaliação similares às rotinas de trabalho da futura atividade (provas práticas), pela presença de profissionais ou mesmo membros já recrutados da carreira nas bancas avaliadoras e por um aprimoramento continuado posterior ao certame. É o primado da excelência profissional.

*Identificação: CI031002a, CI031002b e CI031002c*

Trata-se de trabalho de conclusão de curso em especialização de autora em formação, em que, no primeiro parágrafo (CI031002a), vemos uma reformulação do discurso alheio em que se adota uma posição tendente à paráfrase (p+) em razão da marca “segundo Fontainha *et al.*”. Quanto ao segundo (CI031002b) e ao terceiro (CI031002c) parágrafos, interligados à atribuição anterior, em razão de ausência de marcas como aspas ou itálico, somos também inicialmente levados a perceber uma reformulação. No entanto, ambos os parágrafos são integrações do texto literal de AC03.

Finalmente, pode ser destacado um caso em que também ocorre integração literal do texto citado, porém com um pequeno segmento em que não há coincidência, como a seguir:

É importante destacar que dentro das dimensões da sustentabilidade, a ambiental é aquela em que se observa a importância da proteção do meio ambiente e, conseqüentemente do direito ambiental, tendo este, como finalidade precípua, garantir a sobrevivência do planeta mediante a preservação e a melhora dos elementos físicos e químicos que a fazem possível, tudo em função de uma melhor qualidade de vida (Garcia, 2016).

*Identificação: CI042102*

Aqui, os autores em formação também integram o texto literal de AC04, embora comecem o trecho com um segmento próprio (“é importante destacar que”). De forma semelhante às anteriores, temos casos de difícil classificação na tipologia adotada, em razão de

não existir uma reformulação propriamente dita, mas uma integração do texto literal sem o uso de marcas convencionalmente adotadas para esse modelo de referência.

É possível analisar essas opções dos autores em termos de sua conformidade com as práticas e convenções da escrita acadêmico-científica, que prescreveriam a necessidade de assinalação, por aspas ou itálico, do texto citado literalmente<sup>20</sup>. Os três casos apontados acima, todos realizados por autores em formação, sinalizam problemas importantes de relacionamento do autor com o discurso alheio, na medida em que apagam o destaque certamente maior que o discurso alheio apresentaria no plano enunciativo com o uso de aspas e com a indicação clara da literalidade. De todo modo, concentrando-nos apenas sobre os efeitos desse tipo de referência encontrado no *corpus*, é importante ressaltar que houve uma opção, consciente ou não, pelos autores citantes, em apresentar o discurso alheio de forma integrada ao seu, no plano enunciativo, criando-se uma referência *sui generis*, que poderia ser compreendida, sob a forma, como uma “integração literal”.

Além da integração literal de certos trechos, outro desafio à classificação é o caso em que há integração do texto com mudanças mínimas de caráter estrutural, como neste caso:

Texto citante	Texto citado
<p><u>Dentre as</u> dimensões da sustentabilidade <u>tem-se que</u> a ambiental é aquela <u>que observa</u> a importância da proteção do meio ambiente e, conseqüentemente do <u>direito ambiental</u>, tendo este, como finalidade precípua, garantir a sobrevivência do planeta mediante a preservação e a melhora dos elementos físicos e químicos que a fazem possível, tudo em função de uma melhor qualidade de vida (Garcia, 2016).</p> <p><i>Identificação: CI042301, grifos nossos.</i></p>	<p><u>Dentro das</u> dimensões da sustentabilidade, a ambiental é aquela <u>em que se observa</u> a importância da proteção do meio ambiente e, conseqüentemente do <u>Direito Ambiental</u>, tendo este, como finalidade precípua, garantir a sobrevivência do planeta mediante a preservação e a melhora dos elementos físicos e químicos que a fazem possível, tudo em função de uma melhor qualidade de vida.</p> <p><i>Identificação: AC04, grifos nossos.</i></p>

Trata-se de autocitação parcial em artigo publicado pela autora de AC04 em coautoria com dois autores em formação. Como vemos, a relação estabelecida com o discurso alheio não se encaixa na descrição de uma reformulação, aproximando-se mais de uma integração com ajustes estruturais. Não se tratando de uma cópia simplesmente, vemos na integração algumas mudanças que, mesmo sendo apenas estruturais, podem revelar novos entendimentos dos autores sobre o conteúdo trabalhado. Nesse sentido, trata-se também de caso *sui generis*, e uma

<sup>20</sup> É importante ressaltar meu entendimento sobre o fato de que o uso do sistema autor-data, tal como aparece nas referências analisadas no *corpus*, afasta eventuais discussões sobre plágio ou, no caso de autocitações, do chamado “autoplágio”, na medida em que se sinaliza claramente a relação do discurso do autor com outros textos anteriores. Penso que, aqui, mais do que ressaltar uma questão legal ou ética — relevante, porém não pertinente à análise aqui realizada —, é importante discutir as diversas opções de marcação da referência pelos autores, considerando-se sobretudo seus efeitos na enunciação.

possível explicação de sua ocorrência, sob o critério da forma, seria uma “integração com ajustes textuais”.

Uma observação final pode ser realizada sobre os casos de integração literal ou com ajustes em autocitações. Tal integração pode surgir como uma opção bastante plausível pelos coautores ou pelo autor em autocitação integral, considerando-se que o uso de aspas ou de recuo no texto cria um destacamento enunciativo da voz alheia, efeito possivelmente não pretendido pelos autores citantes.

É o caso da referência a seguir, uma autocitação parcial, já analisada anteriormente:

Devem ser destacados, entretanto, os riscos da análise dos instrumentos normativos de participação popular e proteção ambiental a partir das limitações do constitucionalismo sob dois prismas: i) o “fetichismo constitucional”, a ilusão da realização plena da cidadania quando confi(n)ada ao Direito e à Constituição (BELLO, 2010); ii) o novo constitucionalismo na Bolívia continua sendo constitucionalismo, logo, um fenômeno originado na Modernidade europeia e transplantado para a América Latina, hoje e outrora, através de uma dinâmica de colonialidade do poder e do saber (QUIJANO, 2000). Ou seja, por mais que se inove e modifique em matéria de Constituição, a concretização desta com o resgate das tradições ancestrais e com as vislumbradas transformações sociais estará sempre condicionada pelas condições materiais de poder (BELLO, 2015).

*Identificação: CI011101, grifos nossos.*

Como já discutido, o trecho em destaque é uma reprodução literal de AC01, porém o fato de os coautores apresentarem a mesma sequência literal não implica uma simples cópia de texto, já que o cotexto, no segundo trabalho, apresenta informações distintas e, inclusive, atribuições a outras vozes<sup>21</sup>. A opção dos coautores, portanto, mostra-se menos como cópia e mais como uma forma de se assimilar a voz do novo locutor, que agora constroem em coautoria, diante da voz alheia anterior, caracterizada na figura de apenas um dos coautores. A opção por não apresentar marcas usadas convencionalmente para destacar a literalidade do texto pode ser discutível, como em todos os casos analisados acima, mas também pode revelar uma construção argumentativa e polifônica complexa, cuja função seria apresentar a conclusão de uma análise com apoio em texto anterior de um dos coautores.

---

<sup>21</sup> Pontuo aqui meu entendimento de que a referência em questão tampouco se configura plágio, na medida em que os autores sinalizam claramente a existência de uma fonte outra com a qual se relacionam discursivamente. O fato de não marcarem a citação como autônoma, através do uso de aspas ou outro expediente gráfico, não modifica esse cenário para fins éticos ou legais.

### 4.5.3 Discussões sobre a evocação

Tratados certos casos de classificação problemática em relação à reformulação, discuto a seguir a questão da evocação, considerando a possibilidade de certa zona de ambiguidade, sobretudo quando se tem acesso à leitura do texto citado.

Uma primeira questão é o fato de muitas atribuições de autoria surgirem não ao lado do segmento, como no sistema autor-data, mas em notas de rodapé, como a seguir:

Todavia, os dados consubstanciados na análise empírica, na qual houve a constatação de que majoritariamente os crimes “em tese” praticados são de natureza patrimonial (roubo e furto), se assemelham com os dados em âmbito nacional. Logo, fica evidente a superior proteção do sistema penal para determinados bens jurídicos<sup>22</sup>.  
[nota de rodapé] <sup>22</sup> CARVALHO, Salo de.

*Identificação: CI020901*

Nesse caso, a atribuição realizada em espaço distinto do texto, a nota de rodapé, em que normalmente se cria um efeito de quebra da enunciação, pode nos levar a concluir pela autonomia plena da voz do autor citante, com apagamento da fonte citada, ou seja, pela ocorrência de uma evocação do discurso alheio em que ele não passa a incorporar o discurso do autor citante.

Essa circunstância pode ser ainda mais acentuada quando se utiliza o padrão de atribuições por numeração e por remissão às fontes indicadas ao final do texto (sistema Vancouver), como na dissertação de mestrado a seguir:

[...] O resultado desse processo é o fenômeno mundial de encarceramento em massa. A prisão se tornou a única solução, ou seja, a punição padrão para os crimes de drogas, não importando que talvez essa opção fosse mais perigosa, mais violenta ou mais letal que qualquer droga<sup>(31,32)</sup>.  
[nota ao final] 31.Carvalho S. [...] 2016.  
[nota ao final] 32.Carvalho S. [...] 2015 [...].

*Identificação: CI022201a*

Aqui, a ausência de proximidade do texto com as atribuições pode também sugerir uma autonomia total do discurso do autor, bem como a ausência de incorporação do discurso citado, porém, principalmente a partir do cotejo das referências com os textos citados, é possível perceber que o discurso alheio integra efetivamente a enunciação, numa reformulação, relacionando-se com a voz autoral.

A indicação de atribuições em notas de rodapé ou ao final do texto, portanto, pode dificultar a análise da relação efetiva entre os discursos citante e citado, razão pela qual o cotejo dos textos parece-me imprescindível para uma definição mais segura.

Outro ponto relativo a uma possível zona cinzenta entre a evocação e a reformulação é aquele em que o autor realiza uma referência múltipla a vários textos do mesmo autor ou de autores diversos.

No caso a seguir, apesar desse expediente de múltipla referenciação, parece-me possível concluir pela incorporação do discurso alheio através de uma reformulação:

[...] Na esfera jurídica, para além da seleção daqueles candidatos mais capacitados para o exercício de suas funções, já habilitados para o desempenho do cargo, acrescenta-se o objetivo de se assegurar o princípio de isonomia (Cammarosano, 1984; Fontainha, Geraldo, Veronese, & Alves, 2015; Santos, 2016).

*Identificação: CI030701*

No que diz respeito ao texto de AC03, é possível perceber, em certo trecho, menção a um efeito da adoção dos concursos públicos no sistema republicano: a busca pela igualdade — o que se relaciona à expressão utilizada pelo autor citante: “princípio da isonomia”.

Outras ocorrências poderiam ser apontadas, como os dois exemplos seguintes:

Para explicar este movimento, um considerável número de criminólogos aponta o populismo penal como uma das principais - se não a principal - causas do encarceramento em massa no país (cf. CHEVIGNY, 2003; BATISTA, 2004; AZEVEDO, 2009; FONSECA, 2012; CARVALHO, 2015).

*Identificação: CI020801*

No que se refere à segurança pública, das instituições e dos sujeitos responsáveis pela sua consolidação, parecia existir uma ligação instantânea entre o tema, a atividade policial e o sistema penal. A crítica da violência policial e da seletividade penal contra pessoas negras parecem mais claras ou mais explícitas (Ana Flauzina, 2006; Felipe Freitas, 2014; Salo Carvalho, 2015).

*Identificação: CI022601*

Nos dois exemplos, temos casos de difícil adequação entre reformulação e evocação, uma vez que a relação com os diversos discursos citados se encontra aglutinada em um pequeno trecho, sem uma separação clara entre discurso citante e discursos alheios citados. Porém, é possível perceber, nos trechos, que os autores se referem não somente aos textos citados, mas também a certo conteúdo abordado nos discursos alheios, como em “o populismo penal como uma das principais — se não a principal — causas do encarceramento em massa” ou “a crítica da violência policial e da seletividade penal contra pessoas negras parecem mais claras ou mais explícitas”, em que é possível distinguir também um posicionamento autoral em relação a esse conteúdo, sobretudo em “se não a principal” e “parecem”. O fato de, em uma das referências, ter sido utilizada a marca “cf.”, normalmente relacionada à evocação, não me parece, aqui, modificar essa conclusão.

O caso a seguir apresenta também dificuldades em sua classificação, sendo importante, para a definição, o cotejo com o texto citado:

O conto caricaturiza em narrativa a importância da linguagem e do *linguistic turn*. É aí, exatamente aí, que reside a importância da Literatura (Karam, 2017; Karam e Alcântara, 2019), apresentando-se como uma alternativa possível para que o direito aproprie-se das contribuições do giro ontológico-linguístico (*linguistic turn*), a partir do qual se transfere o próprio conhecimento para a linguagem, pois o sujeito não é o fundamento do conhecimento.

*Identificação: CI050301*

Nele, é possível perceber a incorporação do conteúdo do discurso alheio sobretudo na primeira frase e no segmento “reside a importância da Literatura”, ou seja, mais do que alusões ao texto citado, há efetivamente a incorporação de seu conteúdo pelo autor citante.

Embora essa interpretação possa ser questionada, em razão de os casos se afastarem do modelo prototípico da reformulação, aproximando-se da evocação, penso que devemos reservar a esta última apenas aqueles casos em que não se percebe claramente o conteúdo do discurso alheio na enunciação, mas apenas uma menção ou alusão aos textos ou a sua temática geral<sup>22</sup>.

Isso ocorre sobretudo nos casos em que o autor se utiliza de marcas específicas, como verbos injuntivos (ver, veja-se etc.) ou mesmo com abreviações (cf. ou cfr.), embora também possa se discutir se essas marcas sejam sempre uma indicação de autonomia plena do discurso do autor e não incorporação do discurso alheio. Segue caso em que me parece mais segura a classificação da evocação:

[...] Nesse sentido, pode-se observar uma inclinação a que os bacharéis em direito, formados por nossas escolas, voltem-se a uma leitura da realidade baseada em um tipo de ensino com respostas prontas, como se a realidade fosse uma prova de concurso<sup>18</sup>.

[nota de rodapé] <sup>18</sup> Cfr. O concurso público brasileiro e a ideologia concursista (FONTAINHA; GERALDO; VERONESE; ALVES, 2013).

*Identificação: CI031401, grifos nossos.*

Nesse caso, embora o conteúdo do parágrafo se relacione a temática abordada em AC03, em razão do uso de um verbo injuntivo abreviado (cfr.) em uma nota de rodapé, pareceu-me que não há efetivamente a incorporação do discurso alheio, mas apenas uma alusão à sua existência. De todo modo, a evocação pode surgir mesmo sem o uso de tais marcas, desde que não se identifique a incorporação do conteúdo trabalhado no texto citado, como em:

---

<sup>22</sup> Embora seja essa mesma a definição prototípica da evocação, faço essa ressalva porque variados casos podem ser de difícil definição durante a análise, pendendo ora para a reformulação, ora para a evocação, sobretudo quando não se tem acesso ao texto evocado.

[nota de rodapé] <sup>25</sup> Esses quatro tipos ideais se inspiraram nas construções teóricas de autores como Fontainha (2015), Junqueira (1999) e Rodrigues (1988, 1992), cuja investigação de um ou mais deles permitiu a formulação destes conceitos.

Identificação: CI031101

Aqui, vemos que a referência ao trabalho alheio cumpre a função de evidenciar o embasamento teórico e metodológico utilizado pelo autor, porém sem que se trabalhe diretamente seu conteúdo.

#### 4.5.4 Discussões sobre a citação autônoma

Já quanto à citação autônoma, embora suas marcas normalmente sejam mais evidentes em razão do uso de itálico, aspas ou recuo no texto, também alguns casos apontam questões importantes para a análise, já que, muitas vezes, é difícil a separação entre casos de hibridação, com reformulação e citação autônoma, e casos em que há somente a citação autônoma acompanhada de trecho atribuído exclusivamente à voz autoral e que expressa um ponto de vista não compartilhado com o discurso alheio.

Inicialmente, como exemplo, na referência a seguir, há clara separação entre discurso citante e discurso alheio citado, apresentando o primeiro trecho apenas uma construção que visa a apoiar o segmento autônomo citado:

[nota de rodapé] <sup>23</sup> Com efeito, Henriete Karam (2017, p. 1032) chama a atenção para o fato de que: “da mais exata e rigorosa reprodução de um texto, resulta o máximo de diferença, tendo em vista não tanto a historicidade que, naturalmente, estará impressa em cada um dos textos a partir do contexto de sua produção – a qual, no caso da réplica de Menard, abarcaria, inclusive, a leitura já incorporada do texto de Cervantes – e que, por si só, possibilitaria novas interpretações, mas, sobretudo, a historicidade implicada nos significados atribuídos a tais textos por diferentes *comunidades interpretativas*”.

Identificação: CI050101

Há casos, porém, em que há pequenos trechos não marcados autonomamente por aspas, implicando em algumas dificuldades de interpretação. No exemplo a seguir, temos um adjunto adverbial que, no texto do autor citante, não se encontra no mesmo trecho da citação marcada de forma autônoma, muito embora se encontrasse o mesmo adjunto no texto do autor citado:

No Brasil, a “racionalidade excludente sustenta, revive e alimenta, até os nossos dias, práticas decorrentes das políticas escravagistas contra a população afro-brasileira” <sup>223</sup>.  
 [nota de rodapé] 221 CARVALHO, Salo. [...].  
 [nota de rodapé] 223 *Ibidem*.

Identificação: CI022805

Esse caso, embora categorizado no *corpus* como citação autônoma, revela, no entanto, certa dificuldade de enquadramento em razão de também se considerar uma possível hibridação pela existência de pequena integração literal não marcada no primeiro trecho. Novamente, o cotejo com o texto original permite uma melhor compreensão sobre a referência.

A seguinte situação também somente se definiu em razão do cotejo com o texto citado:

Apesar das incertezas existentes em volta das verdadeiras intenções advindas do conceito de sustentabilidade, Garcia (2016, p. 142) defende:  
 [texto com recuo] Para o alcance, portanto, dessa economia verde, é preciso haver investimentos públicos e privados, pois o que mais se encontra, atualmente, é uma ‘economia marrom’, plenamente solidificada e que não está preocupada com a proteção ambiental, mas sim - única e exclusivamente - com o lucro.

*Identificação: CI040507*

Como vemos, a citação autônoma marcada por recuo da diagramação é introduzida por um trecho relativamente longo. Apesar de se poder interpretar tal trecho como uma reformulação do discurso alheio, a partir do cotejo com AC04, percebe-se que seu conteúdo não apresenta relação direta com o cotexto da autora citada. Nesse caso, enquadrou-se a referência como citação autônoma, portanto, a despeito de uma possível interpretação inicial tendente à hibridação.

O seguinte exemplo apresenta a mesma dificuldade:

[...] Tanto na Literatura quanto no campo das discussões jurídicas constata-se a presença do tema da criação, existindo no Direito “[...] uma constante oscilação entre concepções de prevalência ora objetivista ora subjetivista e que a aposta na liberdade criativa do juiz vem sempre associada à subjetividade” (Karam, 2017, p. 1034).

*Identificação: CI051004*

Aqui, é importante considerar o texto fonte para a compreensão de que a autora reformula, inicialmente, o discurso alheio, para depois citá-lo autonomamente, razão por que a referência, globalmente, é classificada como hibridação.

#### ***4.5.5 Discussões sobre o empréstimo***

Os casos de empréstimo, de forma bastante semelhante, também são mais bem esclarecidos com uma consulta ao texto fonte ou outros trechos do autor citante, como nos dois casos a seguir, do mesmo texto:



Neste cenário, conforme Salo de Carvalho, não é apenas o Poder Legislativo, que atendendo à demanda criminalizadora, o único responsável pelos altos índices de prisionalização, o Poder Judiciário, ao menos durante as últimas duas décadas, tem aderido ao populismo punitivo e abdicado de ser um filtro constitucional à demanda criminalizadora, num verdadeiro “decisionismo populista”.<sup>8</sup>  
 [nota de rodapé] <sup>8</sup> CARVALHO, Salo de. [...]

*Identificação: CI022401*

A partir dessas considerações, visa-se tratar do paradigma punitivo através do “decisionismo populista”<sup>15</sup> do Poder Judiciário, sobretudo a prática corriqueira de se adotar como razão de decidir (fundamentação tácita?) o conteúdo de pronunciamentos do órgão do Ministério Público, mediante uma abordagem de caráter crítico.  
 [nota de rodapé] <sup>15</sup> Expressão de Salo de Carvalho (Ibid).

*Identificação: CI022402*

Analisando-se somente o primeiro caso, não se pode afirmar certamente que o termo marcado por aspas se configura um empréstimo, sendo possível o uso de aspas pelo autor citante com outras finalidades. De todo modo, em outro trecho do texto, o autor recorre novamente à expressão marcada por aspas, apondo a atribuição de autoria logo após o seu uso e sinalizando, ainda, se tratar de termo emprestado de AC02. Com base nisso, pôde-se classificar com mais segurança as referências como hibridação (CI022401) e empréstimo (CI022402).

#### **4.6 Das modalidades da gestão enunciativa na referência ao discurso alheio**

Pela análise de todos os resultados sobre as modalidades de gestão enunciativa, encontramos um panorama bastante diversificado, tanto ao considerar as posturas utilizadas pelos autores em formação e especialistas, como ao considerar os diversos grupos de referências do *corpus*. Vemos que, por trás das diversas formas utilizadas pelos autores, há também posturas enunciativas complexas, em que se promove tanto a assimilação da voz autoral em relação à voz alheia convocada, como se constrói uma prevalência da voz autoral, criando-se efeitos distintos na argumentação dos autores.

A tipologia proposta por Daunay (2020), dessa forma, aliada à análise da forma das citações, amplia consideravelmente as possibilidades da descrição e interpretação da heterogeneidade das práticas de escrita acadêmico-científica. De todo modo, penso ser importante realizar algumas considerações sobre a tipologia, de modo a compreender suas potências e suas eventuais limitações.

De início, é necessário considerar que a análise das posturas enunciativas, tal como proposto em Daunay (2020), centra-se na análise das posturas da voz autoral em relação à voz alheia em cada segmento enunciativo — ou em cada enunciado da cadeia discursiva, adotando-se aqui a ideia de enunciado a partir de Ducrot (1987) —, o que faz com que o analista, ao

menos num primeiro momento, desconsidere a relação de cada segmento enunciativo com suas partes circundantes, em que muitas vezes também se pode perceber a presença da voz alheia convocada. Trata-se de reconhecer que a análise, a partir dessas categorias, apresenta um enfoque preciso e que, portanto, também a interpretação deve ser guiada por essa limitação conferida pela focalização sobre o segmento.

De toda forma, de acordo com a percepção do analista, o enfoque inicial pode ser estendido, ampliando-se para além das fronteiras do segmento enunciativo, desde que se perceba uma relação entre os segmentos, como nos casos de anáfora ou de conexão entre estruturas textuais diversas nos textos.

Ao realizar a análise das referências no *corpus* desta pesquisa, pude perceber certas ocasiões em que havia um diálogo forte entre uma e outra referência, normalmente presentes no mesmo parágrafo, mas também algumas vezes separadas graficamente no texto, conectadas por outros elementos coesivos, razão por que busquei considerá-las não apenas individualmente, mas também como um bloco de referências ou um bloco de segmentos em que fosse possível realizar a análise tanto isolada como globalmente.

Além disso, é necessário reconhecer que a análise das posturas enunciativas no contínuo paráfrase-metáfrase não pretende evidenciar questões como a valoração que se realiza ao se operar com a polifonia nas referências, sendo certo que a prevalência das vozes autoral ou alheia se constrói também a partir de postura autoral em que pode haver graus distintos de apreciação, tanto positiva como negativa, do dizer alheio.

Nesse sentido, trago as considerações de Rabatel (2017), que propõe uma análise das posturas enunciativas considerando-se, inicialmente, um cenário de coenunciação em que as vozes autoral e alheia apresentam uma adesão completa sobre o ponto de vista comum expresso no enunciado, colocando-se numa posição de igualdade valorativa. Além da coenunciação, Rabatel (2017) propõe, ainda, a análise de situações em que um ponto de vista, quase comum, é construído com desigualdade na enunciação, havendo, assim, adesões apenas parciais entre os enunciadores. Trata-se do que o autor intitula uma superenunciação, ou seja, a construção desigual de um ponto de vista dominante assumido por um dos enunciadores, em que se constrói normalmente a encenação de um tópico discursivo; e uma subenunciação, a construção desigual de um ponto de vista dominado, que emana de um locutor subenunciador, sendo apresentado como uma decorrência ou contiguidade do contexto anterior prevalecente, ou seja, de um ponto de vista externo e anterior àquele que se apresenta dominado.

De início, é importante ressaltar que, assim como Daunay (2020), ao analisar as diferentes modalidades de gestão enunciativa em um contínuo, também Rabatel (2017)

compreende que as posturas de subenunção, de coenunção e de superenunção são passíveis de graus de adesão (ou não adesão) dos locutores em relação ao ponto de vista comum, sendo possível, na análise, perceber graus mais fracos ou mais fortes em cada uma das categorias propostas. Além disso, Rabatel (2017) reconhece que a análise da postura pode se apresentar complexa, não sendo simples a distinção entre uma subenunção e uma superenunção, na medida em que, numa interação não consensual e desigual, se um enunciador se encontra em posição de subenunção, necessariamente se coloca o outro em posição de superenunção. Para se distinguir entre a subenunção e a superenunção no plano do enunciado, portanto, o critério definidor é o da instância dominante na construção do ponto de vista, ora dominado, ora dominante.

A aplicação de uma tipologia como a de Rabatel (2017), em paralelo àquela desenvolvida por Daunay (2020), poderia, acredito, revelar ainda outras características e formas de se construir a enunção e o posicionamento autoral com apoio no discurso alheio. Com efeito, apesar de apresentarem diferenças, é possível entrever uma compatibilidade entre os sistemas de análise propostos por Daunay (2020) e Rabatel (2017), sendo produtiva a comparação dos resultados a partir de cada um dos enfoques sobre a postura enuniativa.

Inicialmente, uma diferença perceptível entre as duas propostas se apresenta quanto ao nível de segmentação do texto e, portanto, da construção do objeto de análise, considerando-se que, em Daunay (2020), o ponto de partida da análise são segmentos que correspondam a frases ou orações, separadas normalmente por pontos, dois pontos ou ponto-e-vírgula<sup>23</sup>; ao passo que Rabatel (2017) busca analisar a enunção pelo prisma inicial daquilo que intitula uma sequência, ainda que se possam perceber fenômenos localizados num plano mais delimitado como o de sintagmas.

A fim de apresentar tais possibilidades, trago alguns exemplos do *corpus* que podem ilustrar semelhanças e diferenças entre propostas dos autores.

Um caso ilustrativo da diferença de enfoque e de ponto de partida sobre o objeto de análise pode ser conferido nas referências a seguir, em que, em um primeiro parágrafo, podemos localizar tanto uma referência, no segundo período, atribuída ao Fórum Brasileiro de Segurança Pública, como uma referência a AC02 a partir do terceiro período (CI022203a), bem como, num segundo parágrafo, uma referência também a AC02 (CI022203b).

---

<sup>23</sup> De modo que o objeto final da análise não recai necessariamente sobre a oração ou a frase, sobretudo quando consideramos casos em que se cita longo trecho contendo várias orações ou mesmo vários períodos.

A lei sobre drogas no Brasil se mostra ambígua e vaga, delegando ao juiz a qualificação da conduta. O resultado disto é o tráfico como o segundo ato infracional que mais aprisiona no país, com perfil de uma população encarcerada selecionada: jovens, negros e pobres<sup>(55)</sup>. Essa realidade confirma o posicionamento racista-colonialista adotado pelo Brasil em sua estrutura jurídica, com “práticas extremamente autoritárias, marcadas nitidamente pelo racismo”<sup>(32:626)</sup>, no qual cabe à ação do juiz ou da polícia o tipo de crime praticado.

[texto com recuo] Os espaços de ambiguidade são tão grandes que é evidente perceber como a espécie de imputação será definida pelas metarregras que compõem os quadros mentais dos agentes do sistema punitivo, ou seja, pela pré-compreensão e pela representação que os intérpretes-atores (policial, promotor ou juiz) têm sobre quem é o traficante e quem é o usuário de drogas. Na hipótese, é muito provável que a “cor da pele” não seja um critério de definição da conduta que aparecerá como elemento fático de fundamentação da decisão. Mas, com muita frequência, pela experiência acadêmica e profissional na análise do funcionamento do sistema punitivo, nota-se como, na maioria das vezes, a “cor” do “suspeito” é encoberta ou mascarada por outros standards decisoriais (atitude suspeita, presença em área de tráfico, antecedentes criminais) que definirão o sujeito como “traficante” ou “usuário”<sup>(32:633)</sup>.

[nota ao final] 32.Carvalho S. [...]

[nota ao final] 55.Fórum Brasileiro de Segurança Pública [...]

*Identificação: CI022203a e CI022203b*

Aqui, como se vê, em razão de ter sido realizada uma análise a partir da tipologia proposta por Daunay (2020), foi realizada a segmentação de todo o trecho em duas referências explícitas a AC02, sendo viável a análise de cada um dos segmentos de forma isolada, da forma que segue:

[...] Essa realidade confirma o posicionamento racista-colonialista adotado pelo Brasil em sua estrutura jurídica, com “práticas extremamente autoritárias, marcadas nitidamente pelo racismo”<sup>(32:626)</sup>, no qual cabe à ação do juiz ou da polícia o tipo de crime praticado.

[nota ao final] 32.Carvalho S. [...]

*Identificação: CI022203a*

Em CI022203a, temos um caso de hibridação em que se percebe uma reformulação mesclada a uma citação literal de trecho de AC02, adotando o autor, quanto à gestão da polifonia, uma postura de paráfrase prototípica (p++), ou seja, prevalece na enunciação a voz alheia, com apagamento da voz do autor.

[texto com recuo] Os espaços de ambiguidade são tão grandes que é evidente perceber como a espécie de imputação será definida pelas metarregras que compõem os quadros mentais dos agentes do sistema punitivo, ou seja, pela pré-compreensão e pela representação que os intérpretes-atores (policial, promotor ou juiz) têm sobre quem é o traficante e quem é o usuário de drogas. Na hipótese, é muito provável que a “cor da pele” não seja um critério de definição da conduta que aparecerá como elemento fático de fundamentação da decisão. Mas, com muita frequência, pela experiência acadêmica e profissional na análise do funcionamento do sistema punitivo, nota-se como, na maioria das vezes, a “cor” do “suspeito” é encoberta ou mascarada por outros standards decisoriais (atitude suspeita, presença em área de tráfico, antecedentes criminais) que definirão o sujeito como “traficante” ou “usuário”<sup>(32:633)</sup>.

[nota ao final] 32.Carvalho S. [...]

*Identificação: CI022203b*

Já em CI022203b, temos uma longa citação autônoma em que também se adota a postura prototípica da paráfrase (p++).

Como vemos, em ambos os trechos, apesar de sua diferença estrutural marcante, há, quanto à modalidade da gestão enunciativa, um efeito de apagamento da voz autoral e de prevalência da voz alheia.

Uma análise tal como proposta por Rabatel (2017) nos levaria a considerar toda a sequência (CI022203a e CI022203b e, ainda, o cotexto do primeiro parágrafo), a fim de se perceber como o ponto de vista é construído na colocação.

Assim, analisando toda a sequência, em que se expõe um ponto de vista sobre a atuação dos agentes penais e judiciários no fenômeno do encarceramento em massa de pessoas negras e pobres, pode-se perceber a construção de um ponto de vista comum e compartilhado em que há equilíbrio valorativo — embora haja maior predominância da voz alheia no plano enunciativo — entre as vozes autoral, aquela atribuída ao Fórum Brasileiro de Segurança Pública e àquela ao autor de AC02. Há, nos termos de Rabatel (2017), uma “concordância concordante”, uma coenunciação verdadeira em que os locutores se engajam como enunciadore de um ponto de vista comum e partilhado. Em outros termos, não se percebe uma “concordância discordante”, tal como na superenunciação, ou uma “discordância concordante”, como na subenunciação.

Tal comparação é interessante na medida em que nos revela a construção de um ponto de vista comum pelos vários locutores/enunciadores, porém em que a voz autoral é apagada, ao menos nos trechos da referência explícita ao discurso alheio, em função de sua assimilação à voz alheia sobressalente. Dessa comparação, temos a conclusão de que o destaque da voz alheia, no plano enunciativo, não implica necessariamente uma postura de desigualdade na construção do ponto de vista comum.

Apresento a seguir caso de reformulação em que se adota uma postura de tendência à metáfrase (m+), em razão de certo apagamento do dito alheio com a adoção de uma estrutura de efeitos impessoais (“entende-se que”), bem como anáfora a trecho regido pela voz autoral (“nessa perspectiva”), destacando-se de forma mais proeminente, portanto, a voz do autor que reformula o dito alheio.

Assim, torna-se urgente a necessidade de se refletir e modificar o ensino de Engenharia, para que os futuros engenheiros possam ser atuantes em questões como desenvolvimento sustentável e educação ambiental e não somente reproduzirem modelos sociais e verdades inquestionáveis. Entende-se nessa perspectiva que não há como regredir o desenvolvimento da sociedade, já que ele é necessário para diminuir a pobreza e melhorar a qualidade de vida (GARCIA, 2016).

*Identificação: CI042001*

Nesse caso, apesar de a postura da gestão da polifonia ser distinta, com prevalência da voz autoral e apagamento da voz alheia, vemos de igual modo a criação de um ponto de vista comum e compartilhado pelos enunciadores de forma equilibrada, uma coenunciação, portanto.

Poderíamos conjecturar que os casos de coenunciação prevalecem num estudo de *corpus* como o proposto neste trabalho, considerando o fato de que a referência ao discurso alheio, no campo da escrita acadêmico-científica, muitas vezes, se formula como um recurso de adesão e de criação de um ponto de vista comum entre a voz autoral e os ditos alheios. Ou seja, não se trata, normalmente, de um espaço em que desponta o discurso polêmico ou das enunciações discordantes. De todo modo, uma análise caso a caso poderia revelar pontos interessantes que desvelassem como mesmo a adesão pode ser formulada não totalmente, criando-se uma cena enunciativa de acordo apenas parcial entre um ponto de vista dominante e outro dominado.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A fim de me encaminhar para a conclusão deste trabalho, retomo brevemente a motivação inicial da pesquisa, o fato de que, cada vez mais, os índices bibliométricos de citação tem se inserido como fator predominante na materialização do discurso acadêmico-científico, criando um panorama em que se valoriza a produtividade de pesquisadores e instituições e em que se estimula, como apontam Angermuller e Hamann (2019), uma “hiperdesigualdade” na prática de citações que pode ser explicada em termos de um “capitalismo discursivo”.

Com efeito, se citar o trabalho alheio é uma das características principais da escrita no âmbito acadêmico-científico (DELCAMBRE; LAHANIER-REUTER, 2015; BOCH; GROSSMANN, 2015), a influência dos índices bibliométricos, com a criação de uma autêntica “cultura das celebridades” (ANGERMULLER; HAMANN, 2019), em torno de sujeitos que despontam nas culturas disciplinares, deve ser levada em consideração ao se analisar o que significa, efetivamente, citar o trabalho alheio no discurso acadêmico-científico.

Esta pesquisa, inserida numa visão enunciativo-discursiva, buscou responder, assim, a tal questão inicial sobre a referência ao discurso de autores considerados produtivos e com alto impacto na área do Direito, através da análise de um *corpus* de cerca de 200 referências realizadas em cerca de 90 trabalhos citantes de 5 artigos científicos. Seu principal objetivo era investigar os modos de configuração da referência ao discurso alheio nessa área do conhecimento, considerando-se sua forma de inserção, a modalidade da postura enunciativa do autor em relação ao discurso alheio, bem como a função das referências na construção argumentativa dos autores citantes. Para tanto, foram catalogados os dados de todos os trabalhos citantes e de seus autores, observando-se o gênero discursivo e a formação acadêmica dos autores citantes, identificando-se as relações entre esses dados com as formas e com as modalidades enunciativas das referências, além de serem apontadas funções que se destacaram durante a análise.

A análise da formação dos autores citantes forneceu uma importante constatação de que a referência ao discurso de autores considerados de alto impacto teve uma projeção bastante mais acentuada dentre autores em formação, sendo eles 64% do grupo, de onde percebemos a forte influência da palavra alheia nos contextos de formação e na escrita de acadêmicos e pesquisadores iniciantes. Considerando-se a questão da coautoria, aliás, os números revelaram um cenário também interessante em que a maioria dos trabalhos foi escrita somente por autores em formação (65%), havendo um quantitativo razoável de coautoria entre autores em formação e especialistas (32%), sendo bem menor a expressão dos trabalhos escritos somente por autores

especialistas (12%). De todo modo, uma análise da formação dos autores em cada grupo revelou diferenças consideráveis. A análise da coautoria em cada grupo também revelou práticas bastante diversas, ora apontando para uma concentração de trabalhos escritos somente por autores em formação, como em AC02 (73,3%), ora apontando uma prevalência de trabalhos escritos por autores de formação mista, como em AC01 (58%). Embora a escrita somente por especialistas tenha sido menos expressiva no geral, não são irrelevantes as diferenças observadas em cada grupo, como em AC03 (26,7%) e AC05 (36,4%), ao passo que, nos demais grupos, o percentual da escrita somente por especialistas ficou abaixo de 18%, chegando mesmo a 8,7%, em um dos grupos. Como se vê, há uma diversidade considerável em relação ao impacto dos 5 artigos escolhidos para compor o *corpus*.

Além disso, foram observadas ocorrências bastante assimétricas, entre os 5 grupos, dos fenômenos da referência indireta e da autocitação, seja integral, seja parcial.

Nesse sentido, houve grupo (AC04) em que 47,7% eram referências indiretas ao trabalho um de terceiro autor, ao passo que, nos demais grupos, o índice ficou abaixo de 20%. Viu-se, também, uma diversidade bastante considerável em relação à prática da marcação dessas referências indiretas, com um número considerável de referências em que a figura do autor terceiro é apagada, para dar espaço exclusivo à voz do autor citado imediatamente, algo que não ocorreu especialmente com apenas um dos autores terceiros citados no grupo AC04.

Quanto à autocitação, revelou-se um índice baixo no global do *corpus* (1%), confirmando-se estudos que percebem sua ocorrência limitada no campo das ciências humanas, em comparação ao de outras áreas, como as chamadas “ciências duras”. Porém, observou-se uma presença mais acentuada da autocitação em um dos grupos (AC05), algo que encontra explicação também por aspectos da cultura disciplinar em que o texto se insere.

Sobre as formas de referência, o *corpus* aponta uma heterogeneidade bastante perceptível também em relação às práticas de autores iniciantes e autores especialistas, havendo prevalência de reformulação dentre os iniciantes, mas uma redução significativa da evocação e um aumento considerável de citação autônoma. Em trabalhos de autores com formação mista, a reformulação é utilizada majoritariamente (quase 70%), com um aumento da presença da evocação e com redução da citação autônoma. No grupo dos especialistas, há prevalência da reformulação, e ainda um maior aumento da evocação e uma redução acentuada da citação autônoma. Tais resultados confirmam estudos anteriores de *corpora* (BOCH; GROSSMANN, 2002), em que se nota efetivamente uma presença alta da evocação entre especialistas, enquanto a citação autônoma é mais reduzida, em comparação à escrita dos autores iniciantes. Finalmente, foi realizada uma discussão sobre a própria tipologia e a dificuldade de



enquadramento de algumas referências nos modelos prototípicos, bem como se sugeriu a possibilidade de utilização de subcategorias da hibridação.

Quanto às modalidades enunciativas, percebeu-se um equilíbrio geral entre as posturas de paráfrase e metáfrase em todo o *corpus*, embora a tendência à metáfrase tenha sido bastante mais significativa do que a metáfrase prototípica. Esse cenário é diverso ao se considerar a formação dos autores, na medida em que a paráfrase é ligeiramente mais proeminente no grupo de trabalhos com autores em formação mista, ao passo que a metáfrase predomina na escrita de autores especialistas. Assim, percebemos que a formação dos autores é fator também importante na forma com que criam uma postura autoral. Além disso, os resultados distintos entre os grupos de autores em formação e autores especialistas quanto às posturas metafrásticas (m+ e m++) — com prevalência da tendência à metáfrase (m+) entre os autores em formação e equilíbrio entre tendência à metáfrase (m+) e metáfrase prototípica (m++) entre os autores especialistas — apontam para a conclusão de que os autores marcam sua inscrição no campo disciplinar e projetam mais claramente sua voz própria de formas bastante variadas a depender de sua experiência e formação acadêmica. Por fim, discutiu-se sobre a tipologia adotada, buscando compreender seu escopo e a possibilidade de diálogo com outros quadros teóricos e analíticos que se propõem a investigar a postura enunciativa.

Considerando-se a questão das funções das citações, observou-se um quadro bastante diversificado em que os autores se utilizavam do discurso alheio para fundamentar afirmações; fundamentar conclusões, explicar conceitos e teorias do autor citado ou de um terceiro autor, indicar pertencimento a uma corrente ou quadro teórico, apresentar a biografia de um autor, fazer epígrafes, indicar a existência de trabalhos anteriores, indicar leituras para aprofundamento do tema,

Além disso, pode ser percebido que as referências, quanto à sua temática, podem ser tanto mais centrais para o texto dos autores citantes, como também periféricas e pontuais, incidindo sobre pontos menos centrais para o trabalho. Essa questão, aliás, apareceu com bastante diferença em cada um dos grupos do *corpus*, havendo casos de equilíbrio em relação à correspondência de temas e a não centralidade do tema do artigo citado para o texto citante, bem como casos em que o desequilíbrio entre essas duas questões foi mais notável.

Enfim, com o trabalho buscou-se apresentar um panorama tanto quantitativo como qualitativo das referências ao dizer alheio em um *corpus* de trabalhos citantes de artigos de alto impacto, a fim de contribuir com a investigação sobre a heterogeneidade de práticas discursivas presentes na esfera acadêmico-científica e, especialmente, na cultura disciplinar de algumas das áreas do Direito, representadas nesse *corpus*. A análise qualitativa desses fenômenos vem

reforçar que, por detrás de uma aparente transparência ou objetividade dos dados quantitativos expressos em índices bibliométricos, há uma heterogeneidade marcante nas práticas discursivas, sobressaindo inúmeras questões sobre as formas, as posturas enunciativas e as funções que a referência ao discurso do outro assume na escrita acadêmico-científica e na própria consolidação das culturas disciplinares.

## REFERÊNCIAS

- ANGERMULLER, Johannes; HAMANN, Julian. The celebrity logics of the academic field: The unequal distribution of citation visibility of Applied Linguistics professors in Germany, France, and the United Kingdom. **Zeitschrift für Diskursforschung Heft**, [s. l.], n. 1, p. 77-93, 2019. Disponível em: [https://www.beltz.de/fachmedien/soziologie/zeitschriften/zeitschrift\\_fuer\\_diskursforschung/artikel/42653-the-celebrity-logics-of-the-academic-field.html](https://www.beltz.de/fachmedien/soziologie/zeitschriften/zeitschrift_fuer_diskursforschung/artikel/42653-the-celebrity-logics-of-the-academic-field.html). Acesso em: 27 dez. 2022.
- ARAÚJO, Carlos A. A. Bibliometria: evolução histórica e questões atuais. **Em Questão**, [s. l.], v. 12, n. 1, p. 11-32, 2006. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/EmQuestao/article/view/16>. Acesso em: 23 fev. 2022.
- ASSIS, Juliana Alves. “Eu sei mas não consigo colocar no papel aquilo que eu sei”: representações sobre os textos acadêmico-científicos. In: RINCK, Fanny; BOCH, Françoise; ASSIS, Juliana Alves (org.). **Letramento e formação universitária: formar para a escrita e pela escrita**. Campinas: Mercado de Letras, 2015. p. 423-454.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 10520**: informação e documentação – citações em documentos – apresentação. Rio de Janeiro: ABNT, 2002.
- AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. A representação do discurso outro: um campo multiplamente heterogêneo. **Revista Investigações - Linguística e Teoria Literária**, [s. l.], v. 28, n. Especial, p. 1-39, 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/INV/article/view/1846>. Acesso em: 7 dez. 2021.
- AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. Heterogeneidade(s) Enunciativas(s). **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, v. 19, p. 25-42, 2012. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8636824>. Acesso em: 7 dez. 2021.
- BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, Mikhail. **Os gêneros do discurso**. Tradução: Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2016. p. 11-69.
- BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. O problema do texto na linguística, na filologia e em outras ciências humanas. In: BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. **Estética da criação verbal**. Tradução: Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011. p. 307-335.
- BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Tradução: Paulo Bezerra. 5. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.
- BALLY, Charles. **Linguistique générale et linguistique française**. 4. ed. Berne: Francke, 1965.
- BARRETO, Mauricio L. O desafio de avaliar o impacto das ciências para além da bibliometria. **Revista de Saúde Pública**, [s. l.], v. 47, n. 4, p. 834-837, 2013. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0034-89102013000400834&lng=pt&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-89102013000400834&lng=pt&tlng=pt). Acesso em: 28 dez. 2021.

BARROS, Ev'Ângela Batista Rodrigues de. Aspectos da cultura disciplinar da Engenharia: gestão da polifonia e estratégias argumentativas na construção de artigos científicos. **Revista da ABRALIN**, [s. l.], v. 20, n. 3, p. 1373-1399, 2021. Disponível em: <https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/1916>. Acesso em: 27 dez. 2022.

BENVENISTE, Émile. Da subjetividade na linguagem. *In*: BENVENISTE, Émile. **Problemas de Linguística Geral**. Tradução: Maria da Glória Novak; Luiza Neri. São Paulo: Ed. Nacional, Ed. da Universidade de São Paulo, 1976. p. 284-293.

BECHER, Tony. Towards a definition of disciplinary cultures. **Studies in Higher Education**, [s. l.], v. 6, n. 2, p. 109-122, 1981. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/03075078112331379362>. Acesso em: 31 dez. 2022.

BESSA, José Cezinaldo Rocha. A dimensão interdiscursiva do dizer na escrita científica: o diálogo com a palavra de outrem em artigos científicos de jovens pesquisadores. **Revista Linguagem & Ensino**, Pelotas, v. 22, n. 3, p. 491-512, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/rle/article/view/16671>. Acesso em: 3 jun. 2022.

BICAS, Harley E. A.; ROTHER, Edna Terezinha; BRAGA, Maria Elisa Rangel. Fatores de impacto, outros índices bibliométricos e desempenhos acadêmicos. **Arquivos Brasileiros de Oftalmologia**, [s. l.], v. 65, n. 2, p. 151-152, 2002. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0004-27492002000200001&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0004-27492002000200001&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt). Acesso em: 28 dez. 2021.

BOCH, Françoise; GROSSMANN, Francis. Referir-se ao discurso do outro: alguns elementos de comparação entre especialistas e principiantes. **Scripta**, Belo Horizonte, v. 6, n. 11, p. 97-108, 2002. Disponível em: <http://seer.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/12452>. Acesso em: 26 jan. 2022.

BOCH, Françoise; GROSSMANN, Francis. Sobre o uso de citações no discurso teórico: de constatações a proposições didáticas. *In*: RINCK, Fanny; BOCH, Françoise; ASSIS, Juliana Alves (org.). **Letramento e formação universitária: formar para a escrita e pela escrita**. Campinas: Mercado de Letras, 2015. p. 283-307.

CHUEKE, Gabriel Vouga; AMATUCCI, Marcos. O que é bibliometria? Uma introdução ao Fórum. **Revista Eletrônica de Negócios Internacionais**, [s. l.], v. 10, n. 2, p. 1-5, 2015. Disponível em: <https://internext.espm.br/internext/article/view/330>. Acesso em: 23 fev. 2022.

COMPAGNON, Antoine. **O trabalho da citação**. Tradução: Cleonice Paes Barreto Mourão. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1996.

COSTAS, Rodrigo; BORDONS, María. Una visión crítica del índice h: algunas consideraciones derivadas de su aplicación práctica. **El Profesional de la Información**, [s. l.], v. 16, n. 5, p. 427-432, 2007. Disponível em: <https://revista.profesionaldelainformacion.com/index.php/EPI/article/view/epi.2007.sep.04>. Acesso em: 8 dez. 2021.

DAUNAY, Bertrand. Metáfrase e paráfrase: modalidades da apropriação do discurso de outrem na escrita acadêmica. **Linguagem em (Dis)curso**, Tubarão, v. 20, n. 2, p. 363-380, 2020. Disponível em:

[https://portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/Linguagem\\_Discurso/article/view/7997](https://portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/Linguagem_Discurso/article/view/7997).

Acesso em: 26 jan. 2022.

DAUNAY, Bertrand; DELCAMBRE, Isabelle. Les modalités énonciatives de la reprise du discours d'autrui dans les écrits de recherche et les écrits didactiques. **Scripta**, Belo Horizonte, v. 21, n. 43, p. 37-64, 2017. Disponível em:

<http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/P.2358-3428.2017v21n43p37>.

Acesso em: 26 jan. 2022.

DELCAMBRE, Isabelle; LAHANIER-REUTER, Dominique. Discurso de outrem e letramentos universitários. In: RINCK, Fanny; BOCH, Françoise; ASSIS, Juliana Alves (org.). **Letramento e formação universitária: formar para a escrita e pela escrita**. Campinas: Mercado de Letras, 2015. p. 225-250.

DIEGUEZ, Tiago; ASSIS, Juliana Alves. A citação de artigos científicos de alto impacto no Direito: configuração e funções sob um ponto de vista discursivo. In: JEUNON, Franca Arenare; DINIZ, Alexandre Magno; HANRIOT, Sérgio de Moraes (org.). **Iniciação científica: destaques 2021**. Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2022. p. 427-442.

Disponível em: <https://www1.pucminas.br/30seminarioproppg/docs/IC-Destaques-2021.pdf>.

Acesso em: 18 dez. 2022.

DUCROT, Oswald. Esboço de uma teoria polifônica da enunciação. In: DUCROT, Oswald. **O dizer e o dito**. Tradução: Eduardo Guimarães. Campinas: Pontes Editores, 1987. p. 161-218.

FIORIN, Jose Luiz. Uma teoria da enunciação: Benveniste e Greimas. **Gragoatá**, [s. l.], v. 22, n. 44, p. 970-985, 2017. Disponível em:

<http://www.gragoata.uff.br/index.php/gragoata/article/view/983>. Acesso em: 8 dez. 2021.

FLICK, Uwe. **Designing qualitative research**. Los Angeles: SAGE, 2010.

FLORES, Valdir do Nascimento *et al.* (org.). **Dicionário de linguística da enunciação**. São Paulo: Contexto, 2009.

FLORES, Valdir do Nascimento; TEIXEIRA, Marlene. **Introdução à linguística da enunciação**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2015.

FORESTI, Nórís Almeida Bethonico. Contribuição das revistas brasileiras de biblioteconomia e ciência da informação enquanto Fonte de Referência para a Pesquisa. **Ciência da Informação**, [s. l.], v. 19, n. 1, p. 53-71, 1990. Disponível em:

<https://revista.ibict.br/ciinf/article/view/375>. Acesso em: 16 jan. 2023.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

GOOGLE SCHOLAR. **About**. [s. l.], 2021a. Disponível em:

<https://scholar.google.com/intl/pt-PT/scholar/about.html>. Acesso em: 24 maio 2021.

GOOGLE SCHOLAR. **Available Metrics**. [s. l.], 2021b. Disponível em: <https://scholar.google.com/intl/pt-PT/scholar/metrics.html#metrics>. Acesso em: 24 maio 2021.

GOOGLE SCHOLAR. **Coverage of Publications**. [s. l.], 2021c. Disponível em: <https://scholar.google.com/intl/pt-PT/scholar/metrics.html#coverage>. Acesso em: 24 maio 2021.

GOOGLE SCHOLAR. **Crawl Guidelines**. [s. l.], 2021d. Disponível em: <https://scholar.google.com/intl/pt-PT/scholar/inclusion.html#crawl>. Acesso em: 24 maio 2021.

GOOGLE SCHOLAR. **Indexing Guidelines**. [s. l.], 2021e. Disponível em: <https://scholar.google.com/intl/pt-PT/scholar/inclusion.html#indexing>. Acesso em: 24 maio 2021.

GONSALVES, Elisa Pereira. **Conversas sobre iniciação à pesquisa científica**. Campinas: Editora Alínea, 2001.

GROSSMANN, Francis. Por que e como as coisas mudam? Padronização e variação no campo do discurso científico. *In*: RINCK, Fanny; BOCH, Françoise; ASSIS, Juliana Alves (org.). **Letramento e formação universitária: formar para a escrita e pela escrita**. Campinas: Mercado de Letras, 2015. p. 97-128.

HARO, Fernando Ampudia de. O impacto de (não) ter impacto: Para uma sociologia crítica das publicações científicas. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, [s. l.], n. 113, p. 83-106, 2017. Disponível em: <https://journals.openedition.org/rccs/6659>. Acesso em: 30 dez. 2022.

HIRSCH, J. E. An index to quantify an individual's scientific research output. **Proceedings of the National Academy of Sciences**, [s. l.], v. 102, n. 46, p. 16569-16572, 2005. Disponível em: <https://doi.org/10.1073/pnas.0507655102>. Acesso em: 04 abr. 2021.

HYLAND, Ken. Disciplinary cultures, texts and interactions. *In*: HYLAND, Ken. **Disciplinary discourses: social interactions in academic writing**. Ann Arbor: University of Michigan Press, 2004. p. 1-19.

HYLAND, Ken. Discipline: Proximity and positioning. *In*: HYLAND, Ken. **Disciplinary identities: individuality and community in academic discourse**. Cambridge: Cambridge University Press, 2012. p. 22-44.

HYLAND, Ken. Self-citation and self-reference: Credibility and promotion in academic publication. **Journal of the American Society for Information Science and Technology**, [s. l.], v. 54, n. 3, p. 251-259, 2003. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1002/asi.10204>. Acesso em: 27 dez. 2022.

HYLAND, Ken; SALAGER-MEYER, Françoise. Scientific writing. **Annual Review of Information Science and Technology**, [s. l.], v. 42, n. 1, p. 297-338, 2008. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1002/aris.2008.1440420114>. Acesso em: 29 maio 2022.

KOMESU, Fabiana; ASSIS, Juliana Alves. Artigos científicos publicados em periódicos brasileiros e franceses de alto impacto na subárea de Linguística: o que números de citação (não) mostram. *In*: LARANJEIRA, Rómima de Mello; MIRANDA, Flávia Danielle Sordi Silva; PARIS, Larissa Giacometti (org.). **Letramentos Acadêmicos no Brasil**: diálogos e mediações em homenagem a Raquel Salek Fiad. São Carlos: Pedro & João Editores, 2022. p. 39-59. *E-book*. Disponível em: <https://pedroejoaoeditores.com.br/produto/letramentos-academicos-no-brasil-dialogos-e-mediacoes-em-homenagem-a-raquel-salek-fiad/>. Acesso em: 27 dez. 2022.

KROKOSZ, Marcelo. **Outras palavras sobre autoria e plágio**. São Paulo: Atlas, 2015.

LEITE, Evandro Gonçalves; PEREIRA, Regina Celi Mendes. Vozes da ciência em relatórios de pesquisa na iniciação científica de alunos de ensino médio e superior: formas e funções. *In*: RODRIGUES, Daniella Lopes Dias Ignácio; SILVA, Jane Quintiliano Guimarães (org.). **Práticas discursivas em letramento acadêmico: questões em estudo**: volume III: estudos aplicados à prática da escrita acadêmica: colocando a mão na massa. Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2020, v. 3, p. 136-164. Disponível em: [https://issuu.com/cespuc-centrodeestudoslusofra/docs/praticas\\_discursivas-v3](https://issuu.com/cespuc-centrodeestudoslusofra/docs/praticas_discursivas-v3). Acesso em: 3 jun. 2022.

MAINGUENEAU, Dominique. **Discurso e Análise do Discurso**. Tradução: Sírio Possenti. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

MAINGUENEAU, Dominique. **Novas tendências em análise do discurso**. Tradução: Freda Indursky. 3. ed. Campinas: Pontes; Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1997.

MARQUES, Fabrício. Os limites do índice-h. **Pesquisa FAPESP**, [s. l.], n. 207, p. 35-39, 2013. Disponível em: <https://revistapesquisa.fapesp.br/os-limites-do-indice-h/>. Acesso em: 23 fev. 2022.

MARTÍN-MARTÍN, Alberto *et al.* Google Scholar, Microsoft Academic, Scopus, Dimensions, Web of Science, and OpenCitations' COCI: a multidisciplinary comparison of coverage via citations. **Scientometrics**, [s. l.], v. 126, n. 1, p. 871-906, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s11192-020-03690-4>. Acesso em: 28 dez. 2022.

MATENCIO, Maria de Lourdes Meirelles. O recurso ao discurso do outro em textos de alunos de Letras. **Intercâmbio**, São Paulo, v. 14, p. 1-10, 2005. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/intercambio/article/view/3934>. Acesso em: 3 jun. 2022.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. *In*: DESLANDES, Suely Ferreira *et al.* (org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 21. ed. Petrópolis: Vozes, 1994. p. 9-29.

MUGNAINI, Rogério; JANNUZZI, Paulo de Martino; QUONIAM, Luc. Indicadores bibliométricos da produção científica brasileira: uma análise a partir da base Pascal. **Ciência da Informação**, [s. l.], v. 33, n. 2, p. 123-131, 2004. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0100-19652004000200013&lng=pt&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-19652004000200013&lng=pt&tlng=pt). Acesso em: 28 dez. 2022.

MULLER, Jerry Z. **The tyranny of metrics**. Princeton: Princeton University Press, 2018.

NARIN, Francis. **Evaluative Bibliometrics: The Use of Publication and Citation Analysis in the Evaluation of Scientific Activity**. Cherry Hill: Computer Horizons, 1976. Disponível em:

[https://www.researchgate.net/publication/269992229\\_Evaluative\\_Bibliometrics\\_The\\_Use\\_of\\_Publication\\_and\\_Citation\\_Analysis\\_in\\_the\\_Evaluation\\_of\\_Scientific\\_Activity](https://www.researchgate.net/publication/269992229_Evaluative_Bibliometrics_The_Use_of_Publication_and_Citation_Analysis_in_the_Evaluation_of_Scientific_Activity). Acesso em: 16 jan. 2023.

NØLKE, Henning; FLØTTUM, Kjersti; NORÉN, Coco. **ScaPoLine: la théorie scandinave de la polyphonie linguistique**. Paris: Kimé, 2004.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira e. **Manual de pesquisa em estudos linguísticos**. São Paulo: Parábola, 2019.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS. Pró-Reitoria de Graduação. Sistema Integrado de Bibliotecas. **Orientações para elaboração de trabalhos científicos**: projeto de pesquisa, teses, dissertações, monografias, relatório entre outros trabalhos acadêmicos, conforme a Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT). 3. ed. Belo Horizonte: PUC Minas, 2019. Disponível em: [www.pucminas.br/biblioteca](http://www.pucminas.br/biblioteca). Acesso em: 27 dez. 2022.

RABATEL, Alain. Os desafios das posturas enunciativas e de sua utilização em didática. **Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação**, Ilhéus, n. 12, p. 191-233, 2017. Disponível em: <http://periodicos.uesc.br/index.php/eidea/article/view/1328>. Acesso em: 8 dez. 2021.

REUTER, Yves. Eu sou como um outro que duvida: o discurso dos outros na escrita de pesquisa em formação. *In*: RINCK, Fanny; BOCH, Françoise; ASSIS, Juliana Alves (org.). **Letramento e formação universitária: formar para a escrita e pela escrita**. Campinas: Mercado de Letras, 2015. p. 205-223.

RODRIGUES, Daniella Lopes Dias Ignácio. **Escrita de pesquisa e para e pesquisa**. Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2018.

RODRIGUES, Daniella Lopes Dias Ignácio. Para além da normalização: aspectos discursivos das normas de padronização. **Scripta**, Belo Horizonte, v. 19, n. 36, p. 357-368, 2015. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/P.2358-3428.2015v19n36p357>. Acesso em: 3 jun. 2022.

RODRIGUES, Daniella Lopes Dias. A representação do discurso do outro e os posicionamentos identitários. **Cadernos CESPUC de Pesquisa Série Ensaio**, [s. l.], n. 37, p. 83-104, 2020. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/cadernoscespuc/article/view/24881>. Acesso em: 17 jul. 2022.

SANTOS, Raimundo Nonato Macedo dos; KOBASHI, Nair Yumiko. Bibliometria, cientometria, infometria. **Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, [s. l.], v. 2, n. 1, p. 155-172, 2009. Disponível em: <https://revistas.ancib.org/index.php/tpbci/article/view/174>. Acesso em: 17 dez. 2022.



SILVA, José Aparecido da; BIANCHI, Maria de Lourdes Pires. Cientometria: a métrica da ciência. **Paidéia (Ribeirão Preto)**, [s. l.], v. 11, n. 21, p. 5-10, 2001. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-863X2001000200002&lng=pt&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-863X2001000200002&lng=pt&tlng=pt). Acesso em: 7 dez. 2021.

THOMAZ, Petronio Generoso; ASSAD, Renato Samy; MOREIRA, Luiz Felipe P. Uso do Fator de impacto e do índice H para avaliar pesquisadores e publicações. **Arquivos Brasileiros de Cardiologia**, [s. l.], v. 96, n. 2, p. 90-93, 2011. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0066-782X2011000200001&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0066-782X2011000200001&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt). Acesso em: 23 fev. 2022.

TEIXEIRA, Marlene; FLORES, Valdir. Linguística da enunciação: uma entrevista com Marlene Teixeira e Valdir Flores. **ReVEL**, [s. l.], v. 9, n. 16, p. 406-425, 2011. Disponível em: <http://www.revel.inf.br/pt/edicoes/?id=20>.

VOLÓCHINOV, Valentin. A interação discursiva. *In*: VOLÓCHINOV, Valentin. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. Tradução: Sheila Grillo; Ekaterina Vólkova Américo. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2018a. p. 201-225.

VOLÓCHINOV, Valentin. Estilística do discurso literário II: A construção do enunciado. *In*: VOLÓCHINOV, Valentin. **A palavra na vida e a palavra na poesia: ensaios, artigos, resenhas e poemas**. Tradução: Sheila Grillo; Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2019. p. 266-305.

VOLÓCHINOV, Valentin. Exposição do problema do “discurso alheio”. *In*: VOLÓCHINOV, Valentin. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. Tradução: Sheila Grillo; Ekaterina Vólkova Américo. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2018b. p. 249-262.